

Marcele Brusa Maciel

**A pátria sem fronteiras: imigração italiana  
na ficção de Fidélis Dalcin Barbosa**

Caxias do Sul – RS  
2007

Marcele Brusa Maciel

**A pátria sem fronteiras: imigração italiana  
na ficção de Fidélis Dalcin Barbosa**

Dissertação apresentada à Universidade de Caxias do Sul  
como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre  
em Letras e Cultura Regional, com concentração na área de  
Literatura.

Orientador: Prof. Dr. João Claudio Arendt

Caxias do Sul – RS  
2007

## *Agradecimentos*

A Deus;

Ao meu avô, Carlos Brusa, exemplo de pessoa culta e sábia. Incentivador da leitura e dos estudos desde os meus primeiros anos;

As minhas avós, Lorita e Lourdes, por estarem sempre ao meu lado, acompanhando cada passo com a força que só as pessoas muito espiritualizadas conseguem ter;

Ao meu pai, Max, que sempre teve os estudos dos filhos como prioridade no orçamento muitas vezes apertado e que me incentivou, entre outras coisas, a não desistir no meio do caminho do curso de jornalismo;

A minha mãe, Leocádia, que junto com meu pai apoiou os estudos e, além disso, me ensinou a amar os livros, pois sempre os teve em mãos, desde as minhas primeiras lembranças;

Ao meu irmão, Max Filho, por me transmitir um pouco da sua motivação e força de vontade e me fazer acreditar que esse era o caminho certo a seguir;

Ao meu padraсто, Dorvalino, uma das pessoas mais altruístas que eu conheço, por muitas vezes fazer o papel de pai que tanto faz falta e por meio de quem estendo agradecimentos ao professor Ciro Mioranza;

Ao Gustavo, pelo carinho, pelo amor e pela força que fazem meus dias mais alegres e que foram, inclusive, fundamentais para a conclusão deste trabalho;

A Cássia e à Delma, pelos “empurrões”, “puxões de orelha”, pelas risadas e choradeiras, enfim, pela amizade que torna a vida mais leve e fácil;

Ao professor Paulo Ribeiro, pela idéia inicial que surgiu em um daqueles momentos que não se explicam e que geralmente chamamos destino;

Aos amigos Guto Agostini e Rafael Hoff, que com seus conselhos, livros e apostilas, que prometo devolver, tornaram a caminhada mais tranqüila;

À professora Cleodes, que dispôs de um tempo que nem tinha para transmitir conhecimentos inerentes à sua vasta sabedoria a uma aluna e admiradora;

Ao professor João Cláudio, pelo interesse, pela disponibilidade, pela paciência e por ter sido o guia para a realização deste trabalho;

E, oito anos depois, de novo: ao Felini pela companhia.

*Ela conservou intatas suas lembranças da infância na Missão dos frades, retinha as histórias ouvidas de passagem e aprendidas em suas leituras, elaborava as substâncias dos próprios sonhos e, com tais materiais, fabricou um mundo para mim. As palavras são grátis, costumava dizer, e apropriava-se delas, eram todas suas. Semeou em minha cabeça a idéia de que a realidade não é apenas como percebida na superfície, possuindo também uma dimensão mágica e, tendo-se vontade, é legítimo exagerá-la e dar-lhe cor, para que a passagem por esta vida não se torne tão tediosa.*

Eva Luna, personagem da obra homônima de Isabel Allende, sobre a mãe contadora de histórias, Consuelo.

## **RESUMO**

Estudo das obras ficcionais *Semblantes de pioneiros* e *Campo dos Bugres*, de Fidélis Dalcin Barbosa. Análise de aspectos referentes à organização social dos imigrantes italianos no Rio Grande do Sul: família, religião e trabalho. Confrontação interdisciplinar com dados sociológicos e historiográficos acerca do fenômeno da imigração. Problematização da representação ficcional estruturada a partir de princípios doutrinadores e etnocêntricos que reforçam o caráter heróico do imigrante.

Palavras-chave: imigração italiana, cultura regional, Fidélis Dalcin Barbosa.

## **ABSTRACT**

Study of the fictional works *Semblantes de pioneiros* and *Campo dos Bugres*, from author Fidélis Dalcin Barbosa. Analysis about the aspects regarding the social organization of the italian immigrants in Rio Grande do Sul: family, religion and work. Interdisciplinary confrontation with sociological and historiography facts about the immigration phenomenon. Fictional representation problematization built of doctrinaire and ethnocentric principles, which reinforce the heroic character of the italian immigrant.

Keywords: italian immigration, regional culture, Fidélis Dalcin Barbosa.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	08
1. ESBOÇO BIOBIBLIOGRÁFICO DE FIDÉLIS DALCIN BARBOSA .....	12
1.1 Os romances .....	15
1.2 As histórias de Congregações Religiosas.....	17
1.3 As biografias .....	17
1.4 As histórias de municípios.....	18
1.5 As autobiografias.....	19
1.6 Síntese das obras estudadas.....	19
1.6.1 <i>Semblantes de pioneiros</i> .....	19
1.6.2 <i>Campo dos Bugres</i> .....	25
2. <i>SEMBLANTES DE PIONEIROS E CAMPO DOS BUGRES</i> .....	29
2.1 A representação da família.....	30
2.1.1 O papel da mulher.....	31
2.1.2 O papel do homem.....	40
2.1.3 O papel dos filhos.....	45
2.1.4 A família interétnica.....	55
3. A REPRESENTAÇÃO DO TRABALHO.....	59
3.1 Os carreteiros e balseiros.....	62
3.1.1 Os tropeiros.....	65
3.2 A cocanha reinventada.....	70
4. A CONSTRUÇÃO DA ITALIANIDADE.....	76
4.1 A religião.....	83
4.2 A representação dos bugres.....	93
5. HISTÓRIA, LITERATURA E HEROICIZAÇÃO.....	101
5.1 O imigrante italiano como herói.....	106
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	114
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	120

## INTRODUÇÃO

O propósito central desta dissertação é analisar aspectos referentes à representação da imigração italiana nas obras *Semblantes de pioneiros* – vultos e fatos da colonização italiana no Rio Grande do Sul e *Campo dos Bugres* – a vida nos primórdios da imigração italiana, do escritor Fidélis Dalcin Barbosa. Apesar de ter publicado mais de 56 obras, muitas delas com várias edições, e ter contado com uma ampla aceitação por parte do público, não existe, até o momento, nenhum estudo acadêmico sobre o autor, fato que revela o ineditismo da presente proposta.

A escolha de *Semblantes de pioneiros* e *Campo dos Bugres* como objeto de estudo desta dissertação justifica-se pelo fato de carregarem uma representação ficcional singular sobre o fenômeno da imigração italiana no Rio Grande do Sul, desde seus primórdios até a década de 1930. Do ponto de vista metodológico, a análise a ser desenvolvida terá o aporte da Literatura, da Sociologia e da Historiografia, constituindo, assim, um estudo transdisciplinar que se insere na linha de pesquisa Literatura e Cultura Regional, do Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura Regional da Universidade de Caxias do Sul.

Nos seus livros sobre imigração italiana, Fidélis Dalcin Barbosa parece ter dado ênfase, entre outros, a três aspectos essenciais da organização social dos imigrantes no Rio Grande do Sul: a família, a religião e o trabalho. Por isso, a investigação das obras aqui desenvolvida tem como foco essas três categorias, que são cotejadas com dados históricos e sociológicos. Além disso, estuda-se o processo de heroicização do imigrante italiano a partir dos dois textos ficcionais eleitos para análise.

A análise da representação da família do imigrante nas obras de Fidélis Dalcin Barbosa toma como base os papéis reservados a cada um dos integrantes, configurando, assim, o segundo capítulo. O primeiro papel analisado é o da mulher como mãe, esposa e trabalhadora. Em seguida, discute-se o papel do homem como chefe de família e responsável pelo seu sustento. Do mesmo modo, trata-se do papel dos filhos na estrutura familiar, buscando interpretar criticamente os motivos que levaram as personagens a formarem famílias numerosas. Ainda no que concerne a essa categoria, examina-se o casamento interétnico, pois o entendimento desse tipo de união configura uma visão bastante particular do autor e que, em alguns momentos, diverge do testemunho de especialistas no assunto.

A relação entre o trabalho desenvolvido pelos imigrantes e o progresso da colônia, estabelecida nas obras em análise, é investigada no terceiro capítulo. Nele, examinam-se os fatores que contribuíram para que as personagens de *Semblantes de pioneiros* e *Campo dos Bugres* optassem por emigrar, bem como a idéia de que estavam se encaminhando para o País da Cocanha. Assim, as personagens emigram para o Brasil e se deparam com uma realidade totalmente inesperada. Diante da falta de infra-estrutura e das más condições oferecidas, elas passam a trabalhar incessantemente para alcançar o propósito inicial de progredir economicamente. A partir desse processo, cria-se, nas obras de Fidélis, uma complexa representação em torno do trabalho do imigrante, cujas conseqüências são avaliadas também neste segundo capítulo.

No terceiro capítulo, verifica-se como a questão da implantação do progresso na região é problematizada nas obras. Em ambas, o discurso de algumas personagens, que afirmam ter vindo para o Brasil com a intenção de implantar o progresso, contrasta com o de outras que simplesmente desejam enriquecer para, então, regressar à Itália. Nesse contexto, as personagens de Fidélis não apresentam clareza entre o desejo de integração à cultura brasileira e o sentimento de italianidade. O papel da Igreja em meio a esse impasse, influenciando pensamentos e atitudes das personagens, também é discutido.

No quarto capítulo, analisa-se, particularmente, a representação da religião do imigrante nas obras e o papel por ela exercido na organização da vida social. Um dos pontos avaliados remete à idéia expressa nos textos ficcionais de que a disseminação do catolicismo seria um dos principais elementos civilizadores da região da Serra. Também se discute a importância, para os imigrantes representados, de cultivar



hábitos e ritos religiosos trazidos da Itália, como ter um pároco e uma capela na sua comunidade. Além disso, o fato de as personagens de Fidélis Dalcin Barbosa serem consideradas descendentes de santos e mártires católicos e, como tal, serem comparadas a eles, merece igual análise.

Nesse mesmo capítulo, interpreta-se a representação da relação do imigrante italiano com os nativos sul-riograndenses. Dois momentos distintos do encontro entre estrangeiros e nativos são identificados nas obras: o de confronto e o de convivência por meio da catequização. O conto “Bugreiros”, de *Semblantes de pioneiros*, é totalmente dedicado ao tema. Nele, o autor remete à guerra travada entre imigrantes e “bugres” nos primeiros anos da colonização. O grupo de “bugreiros”, que dá nome ao conto, é formado por imigrantes italianos que reagem às investidas dos índios às suas propriedades, com a intenção de defender, segundo o texto, a nova pátria que estavam formando. Num segundo momento, também surgem personagens imigrantes dedicadas à catequização dos nativos. Nessa etapa, membros das duas etnias convivem harmoniosamente. Porém, há um discurso implícito em que se percebe que a catequização é considerada um rito de passagem dos bárbaros para a civilização.

No capítulo final desta dissertação, analisa-se o processo de heroicização do imigrante italiano a partir das personagens criadas por Fidélis Dalcin Barbosa, em *Semblantes de pioneiros* e *Campo dos Bugres*. Adjetivos que remetem à mitologia grega são usados pelo autor para caracterizar os estrangeiros oriundos da península itálica. Situações vividas por eles são comparadas a aventuras mitológicas e a passagens bíblicas. Além disso, as personagens que, segundo o texto, constituem imigrantes exemplares, são descritas como pessoas de excelente caráter, que vivem de acordo com os valores de instituições como a Igreja e a família e têm uma dedicação muitas vezes sobre-humana ao trabalho.

Ao completar 80 anos, Fidélis Dalcin Barbosa promoveu um resgate de sua vida profissional e pessoal, que ficou registrado na autobiografia *80 anos de amor ao trabalho*. Nessa obra, o escritor conta ter recebido o seguinte conselho do Frei Ambrósio Tondello quando resolveu deixar a Ordem dos Capuchinhos: “Você não pode continuar na Ordem. Você, no século, fará muito mais bem às almas com seus livros do que permanecendo nela sem vocação”<sup>1</sup>. Da mesma forma, Frei Rovílio Costa escreveu para a Gazeta de Lagoa Vermelha, dizendo que o segundo passo da utopia

---

<sup>1</sup> BARBOSA, Fidélis Dalcin. *80 anos de amor ao trabalho*. Porto Alegre: Est, 1996, p. 66.

evangélica de Fidélis foi tornar-se um evangelizador pela escrita<sup>2</sup>. Tais declarações serão retomadas e interpretadas no decorrer deste estudo, posto que apontam para a representação literária presente nas obras de Fidélis Dalcin Barbosa, construída a partir de princípios doutrinadores e de uma postura etnocêntrica.

*Semblantes de pioneiros e Campo dos Bugres* constituem documentos que, de alguma forma, remetem os leitores a uma idéia do que pode ter sido a vida dos imigrantes italianos no Rio Grande do Sul. Este estudo pretende, assim, analisar a representação ficcional da história da imigração recriada pelo autor com base em princípios católicos, contribuindo, em última análise, para a compreensão da problemática referente à cultura regional.

---

<sup>2</sup> Frei Rovílio Costa é um profundo conhecedor da pessoa e da obra de Fidélis Dalcin Barbosa. É autor do texto transcrito na reportagem *Morreu o escritor e professor Fidélis Dalcin Barbosa*, publicada na p. 8 da Gazeta Popular de Lagoa Vermelha em junho de 1997.

## 1 ESBOÇO BIOBIBLIOGRÁFICO DE FIDÉLIS DALCIN BARBOSA

Fidêncio Giocondo Dalcin nasceu em Montenegro, no dia 14 de dezembro de 1915. Publicou 56 obras, entre elas romances, biografias e histórias de municípios. No dia 7 de setembro de 1928, com 12 anos, ingressou no seminário dos Padres Capuchinhos em Veranópolis e recebeu o nome religioso de Fidélis Dalcin Barbosa. Em julho de 1932, entrou para o noviciado no Convento de Nova Trento, em Flores da Cunha. Em sua primeira obra autobiográfica, *Caminhos do Senhor*, Fidélis conta que sua vida nessa época era muito complicada, por causa da perseguição que sofria por parte do diretor do seminário, Frei Cláudio Mocelini. Ao descobrir o desejo do noviço de estudar a Língua Portuguesa para tornar-se escritor, Frei Cláudio passou a castigá-lo, proibindo que lesse qualquer obra no idioma. Se desobedecesse a ordem, seria expulso.

Fidélis, que aos 14 anos já era um apaixonado pela literatura – leitor de José de Alencar e Monteiro Lobato – e acalentava o sonho de realmente vir a ser um escritor, nem sempre cumpria a determinação do superior. Ele continuava a retirar livros da biblioteca, mas sempre com muito medo de ser descoberto. Na mesma obra autobiográfica, conta que o sofrimento da época foi tão intenso que, muito tempo depois, aos 80 anos de idade, ainda sonhava que estava sendo perseguido por Frei Cláudio. Mesmo assim, conseguiu realizar o seu desejo:

Sou, por isso, um modesto escritor autodidata. Embora, na minha ingenuidade, almejassem tornar-me até um candidato à Academia Brasileira de Letras, sempre estive convencido de que não passaria de um escritor medíocre, do gosto popular. Sem meios e ambiente de frequentar cursos e mestres em literatura, não foi fácil para mim realizar o ambicioso sonho de tornar-me um grande escritor.<sup>3</sup>

<sup>3</sup> BARBOSA, Fidélis Dalcin. *Op. cit.*, p. 77.

No dia 1º de setembro de 1933, fez os primeiros votos religiosos. Nesse mesmo ano, ainda no convento de Nova Trento, conseguiu se desvencilhar das ordens de Frei Cláudio e passou a estudar literatura com o Frei Evaristo Fassina que, ao contrário do primeiro, incentivava suas leituras.

Em 1934, foi transferido para o convento São Boaventura, de Marau, para concluir o curso de Filosofia. Já no Convento São Francisco, de Garibaldi, cursou Teologia entre 1938 e 1941. Nessa época, começou a sentir que não tinha vocação religiosa, mas acreditava ter uma missão por meio da literatura:

O santo Frei Ambrósio, o qual, mais tarde sendo meu confessor em Caxias do Sul, me aconselhou a deixar a Ordem por absoluta falta de vocação e porque eu tinha outra importante missão a cumprir no século com meus livros.<sup>4</sup>

O conselho do confessor parece não ter tido efeito sobre Fidélis, que deixou a Ordem dos Freis Capuchinhos apenas no fim da década de 70, aos 57 anos.

Nos anos de 1941 e 1942, trabalhou na paróquia de Veranópolis. Fundou a primeira biblioteca do município, registrada no Instituto Nacional do Livro, e que foi chamada, anos mais tarde, “Biblioteca Frei Fidélis”. Essa seria apenas a primeira de treze bibliotecas fundadas por ele, em municípios como Pelotas, Vacaria, Bom Jesus e Caxias do Sul. Pelo trabalho em prol da fundação da biblioteca de Vacaria, foi designado pelos superiores a ser o primeiro vigário da paróquia de São José de Fragata, em Pelotas. Era 1943, período em que teve mais certeza da falta de vocação religiosa e mais vontade de se tornar escritor:

As moças da nova paróquia, quase todas de origem lusa, eram bem diferentes das de Veranópolis. Eram mais achegadas ao padre, mais afetivas, mais abertas. Algumas chegaram a se apaixonar pelo vigário. E eu, sem vocação para o celibato, acabei me envolvendo numa crise terrível. Daí por diante, passava uma temporada de comportamento exemplar. Depois, recaía nos amores, provocando uma angústia sem fim, da qual, durante anos, lutei para me libertar. Rezava, rezava, até que um dia aconteceu o milagre da conversão. (...) O milagre, um autêntico milagre, desta nova conversão, levou-me a entrar em minha vocação, deixando a vida religiosa para, em estado leigo, me transformar num apóstolo através dos livros.<sup>5</sup>

No início de 1946, tornou-se pároco da Catedral de Vacaria. Nessa época, foi internado no Hospital Nossa Senhora de Oliveira, para uma cirurgia de apêndice. As irmãs de São José eram as proprietárias do hospital. Uma delas, Carmelina Camatti,

---

<sup>4</sup> *Idem*, p. 23.

<sup>5</sup> *Ibidem*, p. 27.

chamada pelo nome religioso de Raimunda, tornar-se-ia esposa de Fidélis, vinte e seis anos depois.

De julho a novembro de 1946, ministrou aulas de latim, geografia, história e língua portuguesa no Seminário Diocesano Nossa Senhora Aparecida. No mesmo ano, tornou-se diretor do *Correio Riograndense*, em Garibaldi. De janeiro a junho de 1947, trabalhou como redator do mesmo jornal, antes de partir para Portugal.

As atividades dos Capuchinhos em Portugal iniciaram em 1932, com a construção do Convento de Barcelos, que em 1940, passou a ser casa de noviciado e escola de Filosofia. Trabalharam na fundação da Província de Portugal vários capuchinhos da Espanha, um de Portugal, dois de São Paulo e onze gaúchos, entre eles, Fidélis Dalcin Barbosa.

Em Portugal, Fidélis atuou como professor de língua portuguesa, latim, história e matemática no Seminário Menor, do Porto. Durante o tempo em que esteve no exterior, enviava artigos para jornais e revistas do Brasil. Nesses textos, escrevia geralmente sobre acontecimentos vividos ou histórias de pessoas que conhecia em Portugal. Por trabalhar para a Ordem, suas atividades estavam vinculadas diretamente a assuntos religiosos, o que também definiria o tom de seus artigos. Lá, era colaborador dos jornais do Porto e de Lisboa. Fundou a revista dos Capuchinhos do Porto, *Paz e Bem*. Em 1952, voltou ao Brasil para ser professor no ginásio Duque de Caxias, em Lagoa Vermelha, e redator do jornal *Eco Lagoense*.

Em agosto de 1965, completou 25 anos de vida sacerdotal. Em 1969, foi transferido a Caxias do Sul para trabalhar como repórter do *Correio Riograndense*. Paralelamente, era professor da Escola Normal Danton Correa da Silva, de Canela. Deu aulas, também, no Seminário Filosófico e Teológico dos Serviços da Caridade, no Centro Educacional Cidade das Hortênsias e no Colégio Imaculada, dos Irmãos Maristas.

No fim da década de 70, Fidélis Dalcin Barbosa abandonou a vida religiosa. Os motivos que o levaram a tomar essa decisão, bem como as suas implicações, estão relatadas na obra autobiográfica *Caminhos do Senhor* e é retomado em *80 anos de amor ao trabalho*:

Eu, como declarei naquele livro, sempre insatisfeito, sempre adoentado, encontrei o maior e decisivo apoio no meu confessor Frei Ambrósio Tondello. Declarou: você não pode continuar na Ordem. Você, no século, fará muito mais bem às almas com seus livros do que permanecendo nela sem vocação.<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> *Ibidem*, p.66.

Em 17 de março de 1972, obteve a dispensa da Santa Sé do exercício do Ministério Sacerdotal e casou-se com Carmelina Camatti. Segundo Frei Rovílio Costa, esse seria apenas um segundo momento de sua utopia evangélica. Ele se tornaria, então, um evangelizador pela escrita:

O amor à pobreza e à simplicidade, a contemplação da natureza e do mundo, próprio do espírito franciscano, tornou-os presentes em seu novo ministério de evangelização pelo livro sadio, formativo e cristão. (...) Mas Fidélis é, acima de tudo, um revelador e incentivador de leitores. As 300 edições de suas obras asseguram que um milhão e meio de exemplares estão nas mãos de leitores, levando idealismo, coragem e fé. Exemplares de obras de Fidélis Dalcin Barbosa, especialmente em bibliotecas do interior do Rio Grande do Sul, figuram como os mais lidos. Muitos milhões de brasileiros leram alguma dessas obras. Para muitos, o primeiro livro lido foi uma obra de Fidélis Dalcin Barbosa.<sup>7</sup>

A carreira literária de Fidélis Dalcin Barbosa começou com a publicação de artigos e poemas na revista *Jardim Seráfico*, dos estudantes de Teologia de Garibaldi. Na década de 50, o conto *Carreteiros* fez parte do suplemento literário do jornal *Correio do Povo*.

Durante a Festa da Uva de 1961, publicou o livro *Semblantes de pioneiros*, pela Editora São Miguel, de Caxias do Sul. A obra foi reeditada em 1995, pela Est Editora, em homenagem aos 80 anos do escritor. *O Prisioneiro da Montanha* foi a segunda obra lançada, também em 1961, pela Editora Flamboyant.

As publicações em livro de Fidélis podem ser classificadas por gêneros, como se vê a seguir.

### 1.1 Os romances

- *Semblantes de pioneiros* foi a primeira obra de ficção publicada por Fidélis Dalcin Barbosa, lançada durante a Festa da Uva de 1961, pela Editora São Miguel, de Caxias do Sul. Nessa obra, Fidélis apresenta histórias do dia-a-dia das famílias de imigrantes italianos no Sul do Brasil. A dedicação ao trabalho, a devoção fervorosa e a vivência dos valores familiares são alguns dos temas tratados no livro. Os episódios são apresentados em forma de contos.

- *O Prisioneiro da Montanha* (1961), publicado em capítulos na Revista *Primavera em Flor*, das Irmãs Auxiliadoras de São Paulo, veio à luz em forma de livro

<sup>7</sup> NEPOMUCENO, Davino Valdir. Morreu o escritor e professor Fidélis Dalcin Barbosa. In: *Gazeta Popular*. Lagoa Vermelha, p. 8, 14 de junho de 1967.

pela Editora Flamboyant, de São Paulo. Foi, durante dias, o livro mais vendido da Feira do Livro de Porto Alegre, em 1961. Colégios e universidades adotaram a obra para trabalhar com os alunos, entre eles, Sacré Coeur de Marie, de Belo Horizonte, Notre Dame, de Passo Fundo, São Tiago, de Farroupilha, e Dom Pedro II, de Veranópolis. Diversas editoras reeditaram a obra posteriormente. Depois da Flamboyant, que publicou 6 mil exemplares, a Editora Lar Católico publicou 10 mil. A Edições Paulinas reeditou o livro duas vezes, totalizando 10 mil cópias, a Est Editora, com 2 mil exemplares, e a Edições Loyola, com 3 mil cópias. O livro conta a história de um rapaz que fica isolado no alto de uma montanha. A rotina dessa personagem é esmiuçada a cada página e, em muitos momentos, ela se parece com as descrições feitas em outros textos de Fidélis Dalcin Barbosa relativos à vida do imigrante italiano quando chega ao Rio Grande do Sul. Sozinho na mata, o jovem precisa plantar o seu próprio alimento, construir a sua casa, defender-se dos animais ferozes e aprender a conviver com a solidão.

- *Campo dos Bugres* (1975) é um romance publicado pela Est, em comemoração ao centenário da imigração italiana no Rio Grande do Sul.

Além desses, mais treze romances compõem a obra de Fidélis Dalcin Barbosa. Abaixo, eles estão relacionados em ordem cronológica:

- *O primeiro beijo* (1961);
- *O rapaz que não fumava* (1962);
- *Rainha da beleza* (1962);
- *A rebelião das águas* (1963);
- *A mais bela miss* (1963);
- *Anjos prisioneiros* (1964);
- *Prisioneiros de Vila Velha* (1964);
- *Prisioneiros dos bugres* (1966);
- *Fanáticos de Jacobina* (1976);
- *Prisioneiros do campo* (1977);
- *Luís Bugre* (1977);
- *Flor do charco* (1994);
- *Prisioneiros do abismo* (1995).

## **1.2 As histórias de congregações religiosas**

Além de ficção, Fidélis Dalcin Barbosa publicou textos de cunho histórico. Foram três as obras publicadas sobre histórias de congregações religiosas. A primeira, *A coloninha* (1964), editada em Portugal, conta a história da congregação das Irmãs da Imaculada Conceição. A obra foi reeditada no Brasil, em São Paulo, e pela EST. A Editora Loyola reeditou um resumo, com o título *A missão de uma jovem no Brasil*. Foi traduzida para o italiano e para o espanhol.

- *O anjo branco* (1964), também editado em Portugal, conta a história das Irmãs da Divina Providência.

- *Rita Amada de Jesus* (1990) trata da história da fundadora das Irmãs Jesus, Maria, José, congregação da diocese de Viseu, Portugal.

### 1.3 As biografias

Fidélis escreveu a biografia de mais de uma dezena de religiosos, santos e leigos. Uma das mais importantes e reconhecidas biografias, *Uma estrela no céu* (1965), teve mais de 20 edições no Brasil, Portugal, México, Itália, Uruguai, Paraguai, Argentina e Bolívia. Conta a história de Maria Elizabeth de Oliveira, que faleceu tragicamente em Passo Fundo, no dia 28 de novembro de 1965, e passou a ser considerada santa pelo povo. Romarias ainda visitam a sepultura de Maria Elizabeth, no cemitério de Vera Cruz, em Passo Fundo, para pedir e agradecer graças alcançadas por seu intermédio.

Algumas biografias foram publicadas em forma de artigo para jornais, em especial para a *Gazeta*, de Lagoa Vermelha. A seguir, estão relacionadas as biografias publicadas em forma de livros:

- *Luís Comolo (O Anjo de Cinzano)* (1962);
- *São Tomás de Aquino* (1964);
- *São Domingos Sávio* (1964);
- *Mônica Bonotto* (1980);
- *Daniel Bertelli – Hoteleiro* (1987);
- *Pe. Narciso Zanatta* (1990);
- *Caminhoneiro* (1991);
- *Vitório Roghi* (1992);
- *Emerson Cini* (1992);
- *Clélia Merloni – Apóstola do Amor* (1992);
- *Santa Maria Goretti* (1993);

- *O Sorriso de Mônica* (1993);
- *O Filho de Baby Doll* (1993);
- *Senhor Bom Jesus de Esmeralda* (1993);
- *Juarez Carra* (1994);
- *Memorial de Olga* (1994);
- *Nossa Senhora Consoladora de Ibiaçá* (1994);
- *Mãe Augusta Zanatta* (1994);
- *Jovens Candidatos ao Altar* (1994);
- *Camila, a sobrevivente e seu tio herói* (1996).

#### **1.4 As histórias de municípios**

Fidélis Dalcin Barbosa escreveu, também, várias obras narrando a história de municípios. São elas:

- *Vacaria dos Pinhais* (1978), lançada durante da feira do livro de Vacaria, no mesmo ano;
- *Antônio Prado e sua história* (1980);
- *São Virgílio da Segunda Léguas* (1980);
- *Nova história de Lagoa Vermelha* (1981);
- *Lagoa Vermelha e sua história* (1982), obra que recebeu o prêmio Gerda, conferido pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul;
- *Realeza – 20 anos de história* (1983);
- *A Diocese de Vacaria* (1984);
- *Caseiros* (1989);
- *Águas de Piratuba* (1995).

Além dessas, destaca-se a obra *História do Rio Grande do Sul*, que teve quatro edições, a última em 1995.

#### **1.5 As autobiografias**

- Fidélis também escreveu duas autobiografias:
- *Caminhos do Senhor* (1991);

- *80 anos de amor ao trabalho* (1996).

## **1.6 Síntese das obras estudadas**

As obras de Fidélis Dalcin Barbosa que romanceiam a história de imigrantes italianos constituem documentos que, de alguma forma, remetem os leitores a uma idéia do que pode ter sido a vida na Região de Colonização Italiana no Rio Grande do Sul (RCI). Assim, é pertinente analisar a visão do autor, permeada de princípios católicos, sobre a história da imigração. Se um milhão e meio de exemplares estão nas mãos de leitores e o seu objetivo é “levar idealismo, coragem e fé”, pode-se considerar que os leitores tiveram acesso a uma representação bastante singular da imigração italiana a partir desses princípios doutrinadores.

Para que se explique melhor o objetivo deste trabalho, torna-se necessário relembrar que as 300 edições das obras de Fidélis Dalcin Barbosa correspondem a um milhão e meio de exemplares em circulação. Essas obras, especialmente em bibliotecas do interior do Rio Grande do Sul, figuraram por muito tempo como as mais lidas, o que indica que um número significativo de leitores teve oportunidade de conhecer a história da imigração italiana por meio das idéias que Fidélis Dalcin Barbosa transmitia em suas obras.

*Semblantes de pioneiros* e *Campos dos Bugres* são textos ficcionais que constituem uma representação peculiar do fenômeno da imigração italiana. Portanto, o objetivo do presente estudo é analisar a representação literária da imigração italiana a que teve acesso seu relevante número de leitores, de modo a recuperar a função social das obras, bem como contribuir para os estudos de cultura regional, à medida que se aprofunda a investigação sobre o tema destacado.

Para tanto, será apresentada, inicialmente, uma breve síntese das obras.

### **1.6.1 Semblantes de pioneiros**

Em 1961, durante os festejos da Festa da Uva, em Caxias do Sul, que recebeu o presidente Jânio Quadros e sua esposa, dona Eloá, o Governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola, e a Miss Brasil, Gina Mac Pherson, Fidélis Dalcin Barbosa lança *Semblantes de pioneiros – Vultos e fatos da colonização italiana no Rio Grande do Sul*. A obra marca a estréia do escritor como ficcionista e abre caminho para a publicação de outras cinquenta e cinco, em diferentes gêneros.

*Semblantes de pioneiros* conta a história de trabalho, sofrimento e fé das famílias de imigrantes italianos no Sul do Brasil. Os episódios são apresentados em forma de contos. O prefácio traz uma carta do também escritor Mansueto Bernardi, dirigida a Fidélis, com considerações e incentivo à sua publicação:

Recebi e li com atenção o manuscrito do seu livro referente à colonização italiana no Rio Grande do Sul. Vários dos seus capítulos já eram meus conhecidos, impressos que haviam sido no “Correio do Povo”, de Porto Alegre. Sem entrar em detalhes, afirmo-lhe francamente que o seu trabalho me pareceu muito interessante, valioso e oportuno. Impõe-se, portanto, a sua publicação quanto antes, de vez que a nossa bibliografia sobre o assunto é excessivamente pobre.<sup>8</sup>

Bernardi prossegue dizendo que alguns capítulos causaram-lhe especial emoção ao serem lidos, porque conheceu pessoalmente os imigrantes que inspiraram a criação das personagens, como os dos contos “A epopéia do imigrante”, “Bugreiros”, “Balseiros”, “Trapeiros”, “Carreteiros” e “A odisséia de um imigrante”, constituindo esse último, o título do conto de abertura de *Semblantes de pioneiros*.

Em “A odisséia de um imigrante”, José Gelain, um dos primeiros imigrantes italianos a chegar ao Rio Grande do Sul, é a personagem principal. Filho primogênito de Vittore Gelain, veio para o Brasil com 20 anos. Sua chegada foi posterior à dos demais membros da família, que partiram no dia 15 de novembro de 1887, porque foi mantido na Itália por mais quatro meses para servir o exército. Empregados na agricultura na Itália, seus familiares foram atraídos pelas histórias da América contadas por um tio que já morava em Campo dos Bugres, hoje Caxias do Sul. A mãe de José morreu alguns dias depois de chegar ao Brasil, quando dava à luz mais um filho, que também não sobreviveu. Esse foi apenas um dos inúmeros infortúnios que assolou a família nos primeiros anos. Enquanto os homens trabalhavam incessantemente na lavoura, as mulheres pediam esmolas aos imigrantes já estabelecidos. A saudade da pátria e a tristeza com a realidade na América só eram abrandadas com orações e canções italianas:

Aos poucos, fomos nos acostumando, apesar de que o nosso pensamento voava continuamente para a terra natal. Aos domingos, visitávamos algum vizinho. Reuníamos uma turma de italianos e cantávamos as lindas canções peninsulares. Não vimos sacerdote durante dois anos. (...) Mais tarde, apareceu um padre coadjutor. A primeira missa foi no moinho de José Bonetto. Fizemos uma grande festa naquele dia.<sup>9</sup>

<sup>8</sup> No prefácio de *Semblantes de pioneiros* está transcrita uma carta de Mansueto Bernardi a Fidélis Dalcin Barbosa, incentivando a publicação da obra.

<sup>9</sup> BARBOSA, Fidélis Dalcin. *Semblantes de pioneiros: vultos e fatos da colonização italiana no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Sulina, 1961, p. 34.

Com o passar do tempo e depois de muito trabalho e sofrimento, tinham suas próprias casas, parreirais e pipas. Até mesmo as capelas, que na obra faziam muita falta aos devotos italianos, já existiam. José casou-se com Ana Santa Bordignon, com quem teve doze filhos. Morreu no dia 10 de agosto de 1953, com todos os lotes adquiridos pagos e com o prazer de ver os filhos casados.

No segundo conto de *Semblantes de pioneiros*, intitulado “Carreteiros”, Fidélis Dalcin Barbosa escreve sobre homens que trabalhavam com a carreta, o primeiro veículo surgido na colônia:

A encosta da montanha escudou, por mais de dois decênios, o passo lento do cargueiro, na picada barrenta da mata. Nos primeiros anos, o ombro forte do imigrante transportava o saco de milho ou de farinha. Penosas caminhadas que duravam dias e semanas, rumbeando para o moinho, voltando para casa. Depois, apareceu o cavalo, o cargueiro, a tropa. (...) Até que um dia surgiu a carreta. (...) E, em poucos anos, a carreta, puxada por mulas, cavalos e bois, percorria a serra, numa afirmação soberba de prosperidade.<sup>10</sup>

A personagem central do conto é Bernardo Índio, “o italiano mais forte da Roça Reiuna, mais conhecida pelo nome de Paese Novo”<sup>11</sup>. A rotina desse carreteiro é tema da narrativa. Desde a alimentação e preparação das mulas para a viagem, até as dificuldades encontradas nas estradas e as blasfêmias proferidas para desatolar os animais, tudo é descrito em detalhes, sempre com a exaltação do trabalho dos carreteiros:

Eu ainda não vi carreteiro que não blasfemasse. Nenhum. Que Deus tenha piedade de nós, pobres carreteiros. Que um dia se acabe esta profissão. Sim. Mas quando? Se não fosse o carreteiro quem é que transportava os gêneros, os artigos, toda espécie de carga?

No terceiro conto, “Tropeiros”, a personagem principal é Francisco Dotti, um imigrante que já se encontrava em boa situação financeira: “Fartas colheitas atonetavam as tulhas. O vinho transbordava das pipas nos porões. Luzia a banha no lombo da porcada”. Porém, ele sentia a necessidade de vender o seu vinho em lugares mais distantes de Antônio Prado, já que os comerciantes locais pagavam pouco pelo produto. Foi assim que começou a vida do tropeiro que “envelheceu no lombo da cavalgadura”. Na seqüência do conto, o autor narra a história de Narciso Dotti, filho de Francisco. Depois de exercer, por algum tempo, a profissão do pai, o tropeirinho acabou seguindo a vida religiosa, recebendo o nome de Frei Celestino de Antônio Prado.

---

<sup>10</sup> *Idem*, p. 50.

<sup>11</sup> *Ibidem*, p. 51.

Seguindo a linha dos transportes, está o quarto conto, intitulado “Balseiros”. Nele, a vida de André Stormowski, filho de imigrantes poloneses nascido em 1905, nas margens do Rio das Antas, em Veranópolis, une-se à história de vida de imigrantes italianos que viviam do mesmo ofício. A história é contada desde a confecção das balsas, até as aventuras no rio:

E o rude labor principiou. André agarrava, uma a uma, as compridas tábuas de mais de cinco metros. Enfiava pela bica de madeira, dava-lhes impulso e deslizavam até o estaleiro. Em cima deste, lá embaixo, João Canarin recebia-as e atravessava-as no chão. João Zanelato pegava numa ponta, Pelegrino Soletti, na outra. Encostavam-nas de quina, sobre as amarras de cipó-pau, já preparado, sapecado e torcido.<sup>12</sup>

As aventuras dos balseiros narradas no texto terminam em 1942, quando o transporte de cargas passa a ser feito por meio de caminhões.

No quinto conto, “Bugreiros”, Fidélis Dalcin Barbosa trata das histórias de investidas dos índios, chamados “bugres” ou “botocudos”, contra famílias de italianos. Os “crudelíssimos selvagens”, segundo o autor, promoviam verdadeiras carnificinas nas colônias. Cansados dos ataques, surgiram os bugreiros, imigrantes incumbidos da missão de caçar e matar os índios. Os episódios de maior enfrentamento entre índios e imigrantes são situados na região de Tubarão, em Santa Catarina.

O sexto conto, “Uma partida de bochas”, trata de uma passarinhada e, como o título aponta, de um desafio de bochas em Vila Flores. As atividades ocorreram depois da procissão de Santo Antônio. Segundo o autor, os imigrantes já praticavam o jogo na Itália e continuaram praticando-o no Brasil. A personagem central deste conto é Joaquim Fiori, que enfarta no exato momento em que é declarado vencedor.

Valentim Merlo é a protagonista do sétimo conto, intitulado “A epopéia do imigrante”. Valentim resolveu emigrar para o Brasil atraído pelas notícias que recebia do irmão já instalado na América. As dificuldades começam ainda durante a viagem. Sofrendo com o enjôo provocado pelo balanço do mar, sua esposa, Arcângela, adoeceu no início da travessia. Mesmo com as dificuldades para chegar até o topo da Serra e alcançar o seu lote, a terra fértil e a farta opção de caça animavam o imigrante:

Valentim olhava a floresta virgem. Ouvia as pancadas do machado vibrado pelos moradores. O tombo dos angicos, das sapopemas, dos cedros, das caporocas... Aquela vibração transfundiu-se na alma de Valentim. Saiu, a foice na mão. Começou a cortar taquaras, espinheiros, arbustos, entre os grossos troncos. Inambus assobiavam. Um levantou vôo a poucos metros de seus pés. Foi buscar a espingarda. Meia hora depois reboava o primeiro tiro. Vol-

---

<sup>12</sup> *Ibidem*, p. 79.

tou com a ave, que entregou à esposa, dizendo: - Veja como Deus nos manda o seu alimento.<sup>13</sup>

Plantaram abóboras, milho, videiras e, depois de algum tempo, já estavam fabricando vinho. Os anos passam e a trajetória de Valentim se confunde com a história de progresso da região. A narração, que começa em 1879, culmina com a inauguração do aeroporto da cidade, em 1958. Os bisnetos de Valentim "voaram no aparelho".

Saindo da linha temática das viagens e instalação dos imigrantes italianos no Brasil, Fidélis Dalcin Barbosa inclui, no oitavo conto, uma história diferente. Em "O direito de nascer", o autor não relaciona datas com os acontecimentos do conto, mas o leitor tem algumas pistas de que a história é mais recente. Adolfo Argenta, um campônês filho de imigrantes italianos teve doze filhos. A mais nova, Rosa Maria, fica noiva de Mário Vitali. Apesar da "candura e ingenuidade infantis"<sup>14</sup>, ela acaba engravidando do noivo. Decidido a realizar um aborto, o casal é impedido por Ivone, irmã de Rosa Maria. Na capela de Nossa Senhora da Saúde, os dois se casam. Meses depois nasce Roseli, a primeira filha.

O nono conto, intitulado "O Furacão", segue a temática do anterior. O descendente de imigrantes, Ernesto Cattani, estava preocupado com o namoro da filha Inês com César, um rapaz com má fama na cidade. Decide, então, proibir o namoro. A filha obedece. Ernesto confessa ao compadre Luís que prefere ver a família toda morta, do que a filha enamorada de César. E, religiosamente, a profecia se cumpre: no dia 13 de agosto de 1959, a família Cattani morre numa "pavorosa catástrofe que marcou a foga o Rio Grande do Sul"<sup>15</sup>.

Dando continuidade ao tom religioso, "O Anjinho" é o título do décimo conto de *Semblantes de pioneiros*.

No início do texto, Fidélis expõe ao leitor a religiosidade dos imigrantes italianos, que "fundavam no seio do impenetrável sertão brasileiro um lar cristão"<sup>16</sup>. Dentro desse contexto religioso, o autor conta a história de Delvino, menino que foi seu aluno:

Delvino foi o aluno mais inteligente, mais piedoso, mais inocente, mais interessante que tive em toda a minha vida de magistério. Um verdadeiro anjo tombado do céu. Anjo no lar, anjo na escola.<sup>17</sup>

<sup>13</sup> *Ibidem*, p. 116.

<sup>14</sup> *Ibidem*, p. 143.

<sup>15</sup> *Ibidem*, p. 152.

<sup>16</sup> *Ibidem*, p. 155.

<sup>17</sup> *Ibidem*, p. 158.

O clímax do conto acontece quando Delvino está a caminho da roça para levar o almoço do pai e perde um chinelo. Montado no cavalo, ele se abaixa para pegá-lo, mas também perde o chapéu, assustando o animal. O cavalo dispara e arrasta o menino por mais de duzentos metros sobre as pedras da estrada. Ele foi levado vivo ao hospital, mas nem todo o esforço dos médicos e as orações da família foram suficientes para salvá-lo.

No mesmo conto, Fidélis narra um fato acontecido consigo mesmo, quando morava na casa dos pais e trabalhava na roça. Depois de horas de trabalho, ele e uma amiga tentavam atravessar o Rio das Antas para colher laranjas. Mas no meio da travessia, a correnteza puxou o bote, que se encheu de água. Sem forças para alcançar a borda do rio, apelaram para Nossa Senhora do Carmo, mergulhando o escapulário com a figura da Santa na água. E foram salvos.

“O enamorado dos pinheiros” é o décimo primeiro conto da obra. Dessa vez, a personagem principal é Adriano Pinheiro, um imigrante português que veio ao Brasil para morar com o avô em Passo Fundo. O jovem demonstrava sua surpresa e reverência às novas facetas da natureza encontradas no Brasil por meio da poesia. Tinha paixão por pinheiros. O destino fez com que fosse morar em Três Pinheiros, numa casa cercada dessa espécie de árvore, com sua esposa, Alzira Pinheiro.

No décimo segundo conto, “Perseguido de mulheres”, Fidélis narra a história de Bélio Fiori, neto de Joaquim Fiori (o mesmo que morreu ao vencer a partida de bochas, no sexto conto). Foi numa viagem a Urucânia, Minas Gerais, que Bélio, um ateu que levava a vida em grandes farras com mulheres, converteu-se em cristão fiel e resignado.

“De mal ninguém morre” é o título do penúltimo conto do livro. Nele, Fidélis narra os acontecimentos da vida de Antônio Guadagnin:

Ninguém morre de mal, de doença ou de briga, diz ele. Se não chegou a hora, a gente não morre. E não existe ninguém melhor do que outro, mesmo que seja o mais valente do mundo, ele pode morrer estupidamente. Basta que seja a sua hora.<sup>18</sup>

Por fim, “Tesouros Escondidos” traz descrições das aparições do diabo numa casa de pessoas pouco religiosas, no município de Machadinho, durante um baile na semana santa, em Caxias do Sul, e num velório, em Passo Fundo. Essas e outras histórias fantásticas, como o aparecimento de mortos e tesouros escondidos, dão a

---

<sup>18</sup> *Ibidem*, p. 177.

tônica do fechamento da obra. Vítor Gelain, filho de José Gelain, personagem principal do primeiro conto é uma das personagens desse último episódio.

### **1.6.2 Campo dos Bugres**

Em fevereiro de 1975, por ocasião do Centenário da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul, foram inaugurados os atuais Pavilhões da Festa Nacional da Uva. Caxias do Sul havia chegado aos 180 mil habitantes. Por isso, era necessário um espaço maior para o evento. Os antigos pavilhões deram lugar ao Centro Administrativo, e a festa foi transferida para um novo parque de exposições, coberto por uma estrutura metálica. Mas esse não foi o único acontecimento comemorativo à data no município.

Em homenagem ao centenário, o Instituto Superior Brasileiro-Italiano de Estudos e Pesquisas, o ISBIEP, da Universidade de Caxias do Sul, e a Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes lançaram a “Coleção centenário da imigração italiana”. Vinte obras que tratam do tema foram editadas, sob a coordenação de Frei Rovílio Costa.

Os livros publicados foram: *Imigração Italiana no Rio Grande do Sul e Antropologia visual da imigração italiana*, ambas do próprio Frei Rovílio Costa; *Paráí no centenário da imigração italiana* e *Um pioneiro em novas colônias italianas*, do padre Félix Busatta; *Nanetto Pipetta, Stória de Nino – Fradello de Nanetto Pipetta e a 5ª edição de Nanetto Pipetta com gramática do dialeto vêneto e vocabulário*, de Aquiles Bernardi; *Togno Brusafрати*, de Ricardo Liberali; *Igreja e imigração italiana*, de Carlos Albino Zagonel; *Pioneiros às margens do Uruguai*, de Fortunato Giacomel; *Galeazza*, de Vítório Galeazzi; *A longa viagem*, de Redovino Rizzardo; *Comunidades indígenas, brasileiras, polonesas e italianas no Rio Grande do Sul*, de Bernardin d’Apremont e Bruno de Gillonay; *Stória de Peder*, de Nanni Contrastórie; *Caxias do Sul: evolução histórica*, de Loraine Slomp Giron; *Campo dos Bugres – Escritos dos primeiros imigrantes italianos*, de Luís Alberto de Boni; *As colônias agrícolas italianas na Província do Rio Grande do Sul (Brasil) em 1884*, de P. Corte; e *Campo dos Bugres – a vida nos primórdios da imigração italiana*, de Fidélis Dalcin Barbosa.

A leitura de *Campo dos Bugres* remete ao primeiro capítulo de *Semblantes de pioneiros*, tendo em vista o fato de Eduardo Segalla, personagem principal, ter uma trajetória de vida bastante parecida com a de José Gelain.

Em 22 de janeiro de 1977, Antônio Hohlfeldt publicou o texto “Desenvolvimento cultural na zona de imigração italiana”, no Caderno de Sábado do jornal *Correio do Povo*. Uma análise de *Campo dos Bugres* é desenvolvida na publicação. Segundo o crítico, a obra não contribui para o entendimento do fenômeno da imigração:

Não nos parece que publicações semelhantes venham a contribuir para uma análise crítica do processo emigratório, como se sugere, nem colaborem para a consciência aberta do problema. Pelo contrário, mediante uma evocação nostálgica e, portanto falsa, o texto leva-nos a facilitar a compreensão errada do fenômeno da imigração.<sup>19</sup>

Na autobiografia *80 anos de amor ao trabalho*, Fidélis Dalcin Barbosa cita o texto e transcreve uma carta enviada a Hohlfeldt, em 1º de fevereiro de 1977. Nela, Fidélis diz que o crítico foi inexorável, pois desconsiderou que *Campo dos Bugres* não é obra de um universitário, mas de alguém que tem apenas o “1º grau”. Além disso, o autor afirma que seu livro não foi escrito para intelectuais, e sim para “pessoas de poucas letras”:

“Campo dos Bugres” é um livro de cunho eminentemente popular, sem pretensões literárias. Apesar disso, o comentarista condena certas formas literárias, bem ao gosto do povo, usadas por mim, como se a crítica moderna ainda se ocupasse com cacofonias e lugares-comuns.<sup>20</sup>

A análise de Hohlfeldt configura a primeira crítica publicada acerca da obra de Fidélis Dalcin Barbosa. Além de *Campo dos Bugres*, o autor também tece opiniões sobre *Semblantes de pioneiros* e *Os fanáticos de Jacobina*, do mesmo autor. O articulista questiona alguns assuntos que considera estarem presentes nos textos, como o reforço do mito do progresso de Caxias por meio do trabalho e a maneira tendenciosa de falar sobre os índios e os Muckers. Mesmo assim, não deixa de ressaltar aspectos positivos de *Campo dos Bugres*: “O livro, contudo, ilustra bem o valor do canto, naquela comunidade, a importância da igreja e da bodega, a ausência de interesse pela escola, o analfabetismo, as atividades domingueiras, as migrações internas, as mortes dos pioneiros ou seus filhos por doenças desconhecidas, etc”<sup>21</sup>.

O enredo de *Campo dos Bugres* é referente à história da família Segalla, que emigrou para o Brasil depois de receber a falsa notícia da morte do filho na guerra da

<sup>19</sup> HOHLFELDT, Antonio. Desenvolvimento cultural na zona de imigração italiana. In: *Correio do Povo, Caderno de Sábado*. Porto Alegre, p. 12, 22 de janeiro de 1977.

<sup>20</sup> BARBOSA, Fidélis Dalcin. *Op. cit.*, p. 85-86.

<sup>21</sup> HOHLFELDT, Antonio. *Op. cit.*, p. 12.

África. Ao retornar da guerra, Eduardo chega à casa do avô e não encontra os pais e os irmãos. Na ânsia de revê-los, segue também para o Brasil. Chegando ao seu destino, o jovem não consegue encontrar a família e acaba iniciando uma nova vida no interior de Campo dos Bugres. Com a ajuda e a companhia de uma família de amigos que emigrou no mesmo navio, Eduardo embrenha-se na mata e começa a trabalhar com agricultura e vitivinicultura no lote que recebeu do governo:

Nossas colônias, que nos custavam 250 mil réis cada uma, pagáveis em dez anos, mediam 275 metros por 1.200. Uma a par da outra, ocupavam terreno dobrado, coberto de mato branco, com reduzido número de pinheiros.<sup>22</sup>

A derrubada do mato, a construção da casa, as plantações e a caça são descritas na obra. No dia 14 de junho de 1887, Eduardo casa-se com Rosalina, primogênita da família Caon, a quem havia prometido uma vida boa, bem diferente da pobreza dos primeiros anos. Depois de muito trabalho, consegue instalar uma cantina em Caxias do Sul, tornando-se tropeiro para vender o vinho:

Nosso vinho era vendido aos comerciantes de Vacaria, Lagoa Vermelha e Lages. Recebíamos um mil réis por medida. Voltando para casa, trazíamos queijo, couro e até mulas, cavalos, vacas, que vendíamos aos colonos, sempre com bom lucro.<sup>23</sup>

Apenas quando sua empresa começa a prosperar, sai em busca dos pais, que moravam na antiga colônia Dona Isabel, hoje Bento Gonçalves. A geografia da região de colonização italiana, a conquista da terra, a vida dos camponeses, a construção das primeiras residências, as histórias dos carreteiros, dos tropeiros, dos balseiros, as primeiras indústrias e a inabalável confiança na providência divina são aspectos representados nessa obra. Através da ficção, o autor tenta reconstruir os fatos da imigração, desde os seus primórdios até a década de 1930. E encerra o livro com um desses acontecimentos:

Efetivamente, dois anos mais tarde, no dia 8 de setembro de 1934, era criado o Bispado de Caxias, tendo como primeiro titular um ilustre filho de imigrantes, nascido em Nova Treviso, em plena zona colonial italiana, no interior de Antônio Prado. É D. José Baréa, o nosso zeloso e querido Bispo. Estava cumprida a nossa missão, realizada a nossa incumbência, a nós confiada por outro Bispo, o Bispo de Treviso, por ocasião de nossa partida da Itália, rumo à América. Fundamos aqui a nova Pátria, com sangue italiano, e dilatamos a Fé, a Igreja de Cristo.<sup>24</sup>

<sup>22</sup> BARBOSA, Fidélis Dalcin. *Campo dos Bugres: a vida nos primórdios da imigração italiana no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Sulina, 1975, p. 32.

<sup>23</sup> *Idem*, p. 65.

<sup>24</sup> *Ibidem*, p. 99.

O italiano Eduardo Segalla, que saiu da Itália para ir ao encontro dos pais e de uma vida melhor, alcança seus objetivos. E, na obra, acaba sendo personagem atuante da história da construção do que hoje conhecemos como a Região de Colonização Italiana no Rio Grande do Sul.

## **2 SEMBLANTES DE PIONEIROS E CAMPO DOS BUGRES**

A história da imigração italiana no Rio Grande do Sul vem sendo contada por historiadores e ficcionistas, a partir de indícios da época. Enquanto os historiadores se debruçam sobre os dados originais, procurando não fugir à “verdade” dos fatos, os escritores elaboram representações desligadas da “verdade histórica”. Para José Clemente Pozenato, ao contrário do desinteresse das ciências que analisam o fenômeno, esse segundo processo nasce de motivações de diversas ordens, de interesses de caráter econômico, político e religioso:

A antropologia tem cunhado o conceito de busca da identidade cultural (de grupo ou de sociedade) como sendo a mola propulsora desse interesse de representação. Nesse plano, mais do que a busca criteriosa e feita sob rigoroso controle de indícios denunciadores da realidade, o que passa a ter maior importância são os elementos simbólicos, aqueles que expressam a imagem do que cada grupo pretende ser em suas representações. Ao resultado desse tipo de construção de conhecimento tem sido dado o nome de imaginário.<sup>25</sup>

Segundo Pierre Bourdieu, o real e a representação do real podem ser transformadas em objeto científico<sup>26</sup>. A visão realista da ciência pode ser sobreposta à visão imaginária para que seja produzido conhecimento sobre qualquer fenômeno, nesse caso, o da imigração italiana. O fato de os dados originais referentes à imigração no Rio Grande do Sul não estarem totalmente disponíveis faz com que seus processos e relações também estejam sendo construídos com base em indícios.

---

<sup>25</sup> POZENATO, José Clemente. *Processos Culturais – Reflexões sobre a dinâmica cultural*. Caxias do Sul: Educ, 2003, p. 140.

<sup>26</sup> BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. 5.ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2002, p. 112.

Três aspectos fundamentais se apresentam aos leitores de *Semblantes de pioneiros e Campo dos Bugres* para um entendimento da cultura da imigração italiana: a formação e os hábitos familiares, a operacionalidade do trabalho e a vivência dos valores religiosos. Considerando que a família é uma instituição de suma importância para os imigrantes italianos e que sua formação está diretamente relacionada aos princípios católicos, bem como à necessidade de mão-de-obra para o trabalho, constituirá o primeiro tópico a ser aqui analisado.

## 2.1 A representação da família

Segundo Giron<sup>27</sup>, mais de 80% dos homens que vieram da Itália para o Brasil trouxeram consigo esposa e filhos. Quase 100% das mulheres vieram já casadas, e as viúvas haviam perdido o marido durante a travessia de navio. A família era constituída, quase sempre, pelos pais e dois ou três filhos.

No primeiro conto de *Semblantes de pioneiros*, “A odisséia de um imigrante”, a personagem principal, José Gelain, narra a história da vinda de sua família para o Brasil. José morava com os pais, os sete irmãos, tios e primos na casa do avô paterno, na República Vêneta<sup>28</sup>. Em 1884, a família era formada por 26 pessoas, e a residência, que servia de abrigo para todos, tornara-se pequena demais. Em busca de emprego e seduzido pelas notícias que chegavam dos conhecidos já emigrados, um tio de José veio morar com a família no Brasil. Em seguida, os demais familiares também partem. Como estava servindo o exército, José ficou na Itália com o avô e um tio, únicos parentes a permanecerem no país. O fato de não poder acompanhar a família causou-lhe grande sofrimento. Quatro meses depois, o avô conseguiu, “com dinheiro e amizade”<sup>29</sup>, a liberação para que o neto também viajasse.

Nessa primeira etapa, o texto parece mostrar a importância dos laços familiares para os italianos. A família Gelain é exemplo de família unida, e o fato de todos morarem juntos por muitas gerações comprova isso. Também é exemplo de família numerosa, já que tanto os pais como os tios de José tiveram, aproximadamente, sete filhos. Nesse sentido, é relevante verificar como a família é representada nas obras de Fidélis Dalcin Barbosa, especialmente a partir dos papéis reservados a cada um dos

---

<sup>27</sup> GIRON, Loraine Slomp. *Caxias do Sul: evolução histórica*. Caxias do Sul: Prefeitura Municipal de Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul, Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço Brindes, 1977, p. 36.

<sup>28</sup> A expressão *República Vêneta* reflete uma dicção popular, pois historicamente nunca existiu com este nome. Oficialmente, existiu a *República de Veneza*.

<sup>29</sup> BARBOSA, Fidélis Dalcin, 1961. *Op. cit.*, p. 6.

seus integrantes. A mulher, por exemplo, é constantemente representada, em *Semblantes de pioneiros* e *Campo dos Bugres*, como mãe amorosa e zelosa, aspecto que será analisado no tópico a seguir.

### 2.1.1 O papel da mulher

A primeira situação resgatada por historiadores sobre o papel das mulheres nas famílias de imigrantes italianos remete à viagem de navio da Itália para o Brasil. Durante a travessia, algumas mães davam à luz sem nenhum acompanhamento médico. Outras viam suas crianças morrerem vitimadas por doenças decorrentes das más condições de higiene e alimentação:

Nos navios que cruzam o Atlântico para uma “nova descoberta da América”, o nascimento e a morte convivem para além do seu aspecto simbólico. Surto de epidemia eram freqüentes a bordo das embarcações superlotadas, e alguns passageiros morriam. Os relatos orais que aludem a esses episódios fazem referência ao fato de que “esses pobres infelizes tiveram o mar por sepultura”. No mar, algumas mulheres grávidas deram à luz seus bebês. As que eram passageiras de navios que partiam dos portos franceses encontravam, a bordo, médicos para atendê-las, o que não acontecia com as embarcações de bandeira italiana. Como objeto do imaginário, o navio acabará revestido de grande força simbólica entre os descendentes dos imigrantes na Região Colonial Italiana.<sup>30</sup>

As dificuldades, que a bordo dos navios estavam apenas começando, exigiriam das mães dedicação e participação em vários momentos da vida familiar, principalmente na criação dos filhos, no trabalho ao lado do marido e na manutenção da tradição religiosa.

A primeira referência à mãe, em *Semblantes de pioneiros*, aparece já no primeiro conto, no momento da partida da Itália, quando um oficial de justiça impede o jovem narrador de viajar, porque deveria servir o exército. O desespero da mãe em separar-se do filho é descrito da seguinte maneira:

A mãe chorava, desesperada, e não queria mais partir. Mas não havia outro jeito. A bagagem já seguira de trem. Foi com muitas lágrimas que se despediu do filho que tanto lhe era querido: Meu filho querido! Tu irás para a guerra e quiçá não nos veremos mais... Eu, com o último abraço, procurei consolá-la.<sup>31</sup>

Tal passagem já anuncia o que ocorreria a seguir. A mãe de José, Maria Nichele, falece alguns dias depois de chegar ao Brasil. Ela viajou grávida e morreu logo depois

<sup>30</sup> RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza. *Festa & Identidade – como se fez a Festa da Uva*. Caxias do Sul: Educs, 2002, p. 70.

<sup>31</sup> BARBOSA, Fidélis Dalcin, 1961. *Op. Cit.*, p. 19.

de dar à luz. As complicações do parto, associadas a uma receita de medicamento errada, foram fatais. O filho recém-nascido também morreu no mesmo dia. Ainda de acordo com o texto, mais duas crianças da família faleceram alguns dias depois da chegada: Ângela, de oito anos, e Luís, de dois, filhos dos tios de José, Lúcia e Prosdócimo. A narrativa dá conta da falta de atendimento médico e parece denunciar as más condições a que eram submetidos os imigrantes nos primeiros anos, o que resultava em morte, principalmente de crianças. No conto “A epopéia do imigrante”, a família de Valentim Merlo também passa pela difícil situação. Arcângela, esposa de Valentim, é a primeira a adoecer, deixando para a empregada, que emigrou com a família, os cuidados com os filhos pequenos:

Arcângela, de constituição franzina e delicada saúde, não resistiu aos nefastos efeitos do enjôo marítimo. Caiu doente e no segundo dia de viagem baixou à enfermaria. Marieta, recém-casada com Paulo, foi um anjo salvador à cabeceira da enferma e ao lado das três criancinhas. Doença pertinaz, não largou a pobre senhora durante a longa travessia. Outra família de imigrantes foi ainda mais infeliz, porque lhe morreu o único filhinho de sete meses. Colocado num saco, o pequeno cadáver desceu, preso por uma corda, à flor da água onde um peixe o abocanhou.<sup>32</sup>

Nessa passagem, o narrador retoma o assunto tratado no primeiro conto, apresentando situações semelhantes ocorridas no navio. O sofrimento das mães com a própria situação e com relação aos filhos é assunto freqüente nos contos de *Semblantes de pioneiros* e em *Campo dos Bugres*. Nesse último, a morte das crianças imigrantes é representada quando Eduardo, personagem principal, parte para o Brasil:

As doenças tinham entrada livre e iam ceifando vidas durante toda a longa travessia. Nada menos de dez crianças morreram, tendo por sepultura o mar, para onde foram jogadas envoltas num pano ou dentro de um saco. Por sua vez, nasceram 15 em seu lugar. Oito de sexo masculino e sete do feminino. Nasceram em pleno mar e por isso todas receberam o nome de Marino ou Marina.<sup>33</sup>

Ser mãe, nos navios dos imigrantes de ambas as obras, significava preocupação constante com a própria saúde e a da família, sofrimento com a perda dos filhos por doenças ou entrada em trabalho de parto sem condições de higiene ou acompanhamento médico.

Para que se conheça melhor o papel dessas mães, é necessário voltar ao conto “A odisséia de um imigrante”. Quando José toma conhecimento da perda da mãe, começa a narrar algumas lembranças que desencadeiam descrições sobre o seu perfil:

---

<sup>32</sup> *Idem*, p. 110.

<sup>33</sup> BARBOSA, Fidélis Dalcin, 1975. *Op. cit.*, p. 11

Lembrei-me, então do que fora para mim a querida mamãe. Lembrei-me dos belos tempos de menino, quando minha mãe era companheira inseparável e amorosa que sempre me aconselhava para o bem. Lembrei-me de como a mãe se tornara indispensável, quando nos campos de Vacarino, ela trabalhava ao lado de meu pai... (...) Quantas vezes me prevenia para que, ficando moço, não esquecesse nunca de freqüentar a Igreja e os seus santos sacramentos e rezar sempre as orações que ela me ensinou quando menino.<sup>34</sup>

A narrativa parece traçar, a partir do perfil de uma mãe, um painel das atribuições maternas nas famílias de imigrantes italianos. De acordo com o texto, a mãe é a mulher amorosa, a companheira inseparável do marido, a conselheira dos filhos para que se mantenham no caminho do bem. Ela também tem o papel de trabalhar incansavelmente ao lado do marido e de inculcar e reforçar, nos filhos, os valores religiosos. No conto “O Furacão”, ao consolar a filha, que se sente triste, a mãe a instrui a buscar conforto na religião:

- E por que é que está triste, filha? Confessou-se bem?
- Sim, mãe. Fiz até uma confissão geral.
- Tem o escapulário?
- Tenho. Está aqui, veja.
- Então não deve temer nada. Nosso Senhor e Nossa Senhora estão com você. Durma sossegada, minha filha. Boa Noite.<sup>35</sup>

O fato de a mãe ensinar aos filhos as orações e outros valores próprios do catolicismo é um exemplo da tradição religiosa repassada por meio da oralidade. A religião constitui, assim, uma das formas mais consistentes de manter as tradições. Para Prandi,

os comportamentos humanos, das boas maneiras à mesa às mais elevadas formas de experiência religiosa, assentam no *tapis roulant* da história através de um processo de conservação/inação no qual se realizam, de modos diferentemente tematizados, as múltiplas possibilidades de inserção do passado no presente.<sup>36</sup>

Nesse sentido, ainda quanto à passagem anterior, pode-se dizer que as instruções religiosas foram conservadas no momento de serem passadas pela mãe à filha, que as aceita. Da mesma forma que a mãe resolvia seus problemas buscando apoio na fé, a filha também procurou a religião como solução para os seus.

Além de incentivar a vivência dos valores cristãos, as mães representadas em *Semblantes de pioneiros* e *Campo dos Bugres* desempenhavam o papel de guiar as escolhas dos filhos com seus conselhos. Em dois momentos do conto “A odisséia de

<sup>34</sup> BARBOSA, Fidélis Dalcin, 1961. *Op. cit.*, p. 26.

<sup>35</sup> *Idem*, p. 150.

<sup>36</sup> PRANDI, Carlo. Tradições. *Enciclopédia Einaudi*. V. 36. (trad. Port.) Porto: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1977, p. 166.

um imigrante”, a personagem José Gelain recebe e segue tais orientações. No primeiro, a mãe aconselha que se case, para não ser enviado à guerra:

Tinha eu dezesseis anos quando rebentou a guerra. Os tedescos queriam tomar a República Vêneta. Um decreto-lei conclamou todos os jovens para a guerra. Só os casados não eram convocados. A conselho da mãe, casei com Verônica Baggio e assim escapei da guerra.<sup>37</sup>

A passagem mostra o quanto as indicações da mãe sobre o que deve ser feito são levadas em conta. Uma decisão importante, como o casamento, ficou a critério dela, numa demonstração clara da influência exercida sobre o destino dos filhos. No segundo momento, José Gelain, que está decepcionado com a América e quer voltar para a Itália, recebe um conselho da tia:

- Eu que sou mais velha refleti bastante e resolvi carregar esta pesada cruz até o fim. Com o tempo nos habituaremos. E Deus, se não for nesta vida, na outra nos dará o prêmio que merecemos.  
- Estes conselhos da minha tia caíram-me na alma como se fossem da minha mãe. Resolvi ficar.<sup>38</sup>

Nesse caso, a tia cumpriu o papel da mãe de José Gelain e, por isso, a indicação foi tão bem recebida. Na mesma passagem, verifica-se a resignação das personagens quanto à situação em que se encontravam. Apesar de ser “uma pesada cruz”, a tia de José resolve se resignar e agüentar as dificuldades até se habituar a elas. Como forma de amenizar o sofrimento, esperava uma recompensa de Deus. Essa parece ser a visão que o narrador costuma impor às personagens femininas nas duas obras analisadas. As mulheres que não se conformam com a mudança e verbalizam a inconformidade são mal vistas. As resignadas são aclamadas pelo narrador, como nesta passagem em que é descrita a personalidade de Dona Fiorinda, filha de Valentim Merlo:

D. Fiorinda, mais forte que cerne de guajuvira, vai agüentando firme os trompaços da vida. Alegre, vivaz, ligeira, aposta carreira com os filhos. Possui a lucidez, a vista e o ouvido dos netos. Criada na aspereza da vida inclemente, dormindo em jirau, alimentando-se de morango, milho verde e polenta, afeiçãoou-se ao sacrifício. E hoje, quando os filhos, netos, bisnetos e trinetos ainda dormem, ela sai de casa, todas as manhãs, quando as estrelas ainda brilham no firmamento, vai à igreja orar e comungar pela felicidade de seus descendentes que beiram a casa dos duzentos.<sup>39</sup>

A mulher é considerada forte quando agüenta as dificuldades da vida sem contestar. Há tanta necessidade de que o leitor entenda que esse é o comportamento

<sup>37</sup> BARBOSA, Fidélis Dalcin, 1961. *Op. cit.*, p. 16.

<sup>38</sup> *Idem*, p. 33.

<sup>39</sup> *Ibidem*, p. 132.

que cabe a mulher imigrante, que o narrador chega a afirmar que Dona Fiorinda gostava de sofrer (“afeiçoou-se ao sacrifício”).

Nesse sentido, a situação da mulher pode ser considerada de submissão em relação à vontade e aos pensamentos do homem. Em diversas passagens, o marido impõe à mulher que se resigne diante da situação, aceitando as dificuldades, sob pena de ser culpada por não acreditar na providência divina. Essa relação fica bem exemplificada numa passagem do conto “A epopéia do imigrante”, quando o marido chama a atenção da mulher para o fato de ter conseguido caçar uma ave para servir de alimento, atribuindo o sucesso ao auxílio de Deus. Ela concorda com ele e demonstra arrependimento por ter duvidado:

- Veja como Deus nos manda seu alimento. Arcângela, sorrindo, tomou em suas mãos a gorda galinha, beijou-a e erguendo-a para o crucifixo exclamou:  
- Grazie, Signore. Come sei buono. Duas lágrimas lhe rolaram pela face. Eram lágrimas de alegria e de arrependimento pela falta de confiança que tivera de manhã.<sup>40</sup>

Nos contos, a extrema religiosidade das famílias italianas leva ao entendimento de que os valores cristãos estão profundamente interiorizados nas personagens. Entre esses valores está a culpa, sentimento possível de ocorrer com os cristãos que transgridem regras religiosas e que está diretamente ligado à noção de pecado e de castigo. Na passagem reproduzida acima, a mulher é obrigada a carregar a culpa (no sentido religioso) de ter duvidado do auxílio de Deus, o que resultou no arrependimento e desencadeou o pedido de perdão. As mulheres representadas por Fidélis Dalcin Barbosa são fiéis aos seus princípios religiosos e, por isso, estão amplamente abertas a essa forma de repreensão, que parece ser utilizada pelas personagens masculinas em momentos de contrariedade. O narrador, por sua vez, aprova tal atitude como a saída para que a tranqüilidade das personagens masculinas, que estão preocupadas com grandes questões, como o trabalho e o sustento da família, não seja abalada por problemas menores. Tanto em *Semblantes de pioneiros*, como em *Campo dos Bugres*, há uma constante contraposição de diálogos que representam, de um lado, a mulher fraca e queixosa e, de outro, o marido forte e resignado, com pensamentos voltados apenas para o trabalho e a prosperidade. Um exemplo desses diálogos ocorre em *Campo dos Bugres*, quando Eduardo, ao chegar próximo ao seu lote, encontra alguns italianos já residentes. Uma das mulheres, chorando, começa a perguntar por notícias da Itália:

---

<sup>40</sup> *Ibidem*, p. 116.

A pobre mulher desatou a chorar, enxugando as lágrimas com a ponta do vestido, que lhe caía até os pés. Seu marido vinha chegando, roupa rasgada e suja, machado ao ombro. Veio ralhando a esposa, proferindo blasfêmias e palavrões, por vê-la assim, naquela lamentação.

- Não repare – disse-me ele depois de me cumprimentar. – As mulheres são assim. Vivem chorando misérias, só pensando na Itália. Mas não é chorando que venceremos, não é verdade? Que é que a gente vai fazer? Nós topamos a parada. Agora só nos resta agüentar. É uma tremenda aventura.

- Só para heróis – acrescentei eu.<sup>41</sup>

De acordo com o texto, os sentimentos da mulher são desprezados pelo marido, que pede ao desconhecido para não dar importância, pois “as mulheres são assim”. Ignorar os anseios da esposa é a saída que o marido encontra para manter-se firme em seus propósitos heróicos. Essa representação do homem forte, com tendência ao heroísmo, será analisada em tópicos seguintes. Por ora, cabe verificar mais uma passagem de *Semblantes de pioneiros* em que a desolação da mulher não tem boa aceitação.

No conto “A epopéia do imigrante”, a esposa de Valentim, Arcângela, desespera-se ao dar-se conta das dificuldades pelas quais passaria no Brasil. As reclamações irritam o marido, e a preocupação com o futuro da família culmina com palavras da mãe para o filho, ainda bebê:

- Aonde é que viemos parar, meu Deus? Isto aqui é o fim do mundo. Morreremos de miséria e de fome. (...)

- Basta, mulher, eu lhe peço por favor. Chega de lágrimas, porca miséria! Precisamos criar coragem. Dentro de alguns anos estaremos vivendo na fartura. Deus nos há de proteger.

Com a discussão, Antônio acordou. A mãe tomou-o no colo. Deu-lhe um beijo:

- Bambino mio, poveretto!... Dove ti hanno portato...<sup>42</sup>

Enquanto a mulher se dá o direito de chorar e mostrar o seu desespero, o homem segue com a postura de otimismo frente aos desafios, possivelmente para manter o controle da situação. A forma como a mãe fala ao filho indica certa culpa por tê-lo trazido para o Brasil. Além disso, parece estabelecer uma divisão entre as preocupações financeiras do pai e as emocionais da mãe. Enquanto aquele pensa no futuro farto, esta só consegue pensar em como será a vida da família na nova casa.

Na seqüência do diálogo, Arcângela apela para a religiosidade a fim de amenizar o sofrimento:

A mulher retirou da bagagem o crucifixo. Dependurou-o na parede com um graveto enfiado na fresta das tábuas. Diante daquela imagem bendita, que

<sup>41</sup> BARBOSA, Fidélis Dalcin, 1975. *Op. cit.*, p. 24.

<sup>42</sup> BARBOSA, Fidélis Dalcin, 1961. *Op. cit.*, p. 115-116.

simbolizava o sofrimento, a resignação e a esperança, orava todos os dias com confiança ilimitada.<sup>43</sup>

Nessa passagem, o crucifixo representa a forma como a mulher deveria agir diante do sofrimento, portando-se com resignação e esperança. A existência de um ambiente tão religioso certamente influenciará os filhos para também aceitarem e viverem valores cristãos. Nesse sentido, José Gelain termina a narrativa de suas memórias com uma espécie de oração, pedindo a Deus que mantenha as futuras gerações de sua família “no bom caminho”. Tal fato parece mostrar que seguir a tradição religiosa reforçada pela mãe é uma atitude de fundamental importância para uma pessoa ser considerada boa:

Confio nas minhas esperanças de que quando o Juiz supremo mandar seus anjos pelos quatro cantos da terra, ressurgamos gloriosos, e quando Deus separar os bons dos maus, estejamos todos unidos ao lado dos bons e todos os do nosso sangue, vendo-nos e conhecendo-nos entraremos gloriosos no reino de Deus junto com a Santíssima Virgem e os coros dos anjos, onde cantaremos eternamente hinos de glória à Trindade Santa.<sup>44</sup>

Além da responsabilidade para manter a religiosidade, a mãe também tinha seu papel na economia familiar. Segundo Loraine Slomp Giron, a situação das mulheres dos imigrantes era de igualdade de responsabilidade e desigualdade de direitos. Além disso, em algumas situações, ela não ficava apenas numa posição submissa ao marido, mas tomava decisões domésticas e econômicas:

Trabalhava ao lado do marido na lavoura, cozia, lavava, tecia, fiava e costurava, atendia aos filhos. Dentro do lar, a única a mandar em assuntos domésticos e educação e cuidado dos filhos pequenos. Em assuntos econômicos era às vezes consultada e às vezes tinha alguma ascendência sobre o marido neste setor. Porém as diversões, como jogos de bocha e de cartas, eram exclusivamente masculinas. Nos domingos o marido se distraía com os amigos e a mulher lavava roupas.<sup>45</sup>

Enquanto a função social do pai parecia se resumir ao trabalho para o sustento da família, a mãe acumulava outras funções, como os cuidados com a casa e com os filhos. Em *Campos dos Bugres*, a personagem Eduardo, ao chegar a seu lote, descreve uma mulher que está acompanhada dos filhos e finaliza uma atividade doméstica:

Uma jovem mulher vinha chegando do arroio vizinho, seguida de duas crianças de poucos anos. No braço dela, roupa lavada e torcida, que ela principiou a estender ao sol, sobre galhos secos das árvores derrubadas.<sup>46</sup>

<sup>43</sup> *Idem*, p. 116.

<sup>44</sup> *Ibidem*, p. 43.

<sup>45</sup> GIRON, Loraine Slomp. *Op. cit.*, p. 38-39.

<sup>46</sup> BARBOSA, Fidélis Dalcin, 1975. *Op. cit.*, p. 23.

Além das atividades que só cabiam a elas, como as que aparecem no excerto anterior, as mulheres de *Semblantes de pioneiros* e *Campo dos Bugres* exerciam funções que vinham a se somar ao trabalho do marido. Em nenhum momento, elas aparecem trabalhando na terra, diferente de outras obras que tratam do assunto, como nessa passagem de “Tributo ai nostri nonni”, texto de Geraldo Farina, que integra o livro *Nós, os ítalo-gaúchos*: “Bem criança, eu também já ia diariamente na roça. Enquanto o pai manejava o arado e a mãe vibrava com força a enxada, eu brincava no sulco aberto da terra”.<sup>47</sup> Na seguinte passagem de *Campo dos Bugres*, enquanto o pai e os filhos mais velhos constroem a casa, a mãe, que ficou aguardando no Barracão com os mais novos, costura para a família:

- Maria, até o fim da semana, a casa ficará pronta. Sábado nós retornamos e segunda faremos a mudança.
- Deus ajude que isso aconteça, Antônio, pois nós estamos ansiados. Dê um jeito, que nós aqui no barracão, nesta semana terminamos as costuras.<sup>48</sup>

Essa era a maneira de as mulheres contribuírem para o sustento familiar, já que, por uma questão de resistência e força física, não poderiam participar do desmatamento e da construção da casa. Assim, ajudavam costurando, cozinhando, enfim, exercendo atividades compatíveis com as suas possibilidades. Em *Semblantes de pioneiros*, a personagem Arcângela também se divide entre os cuidados com a casa e as crianças. Além disso, encontra uma maneira de colocar em prática a profissão que exercia na Itália:

Arcângela conhecia a arte de fiar. Era a sua profissão na Europa. Trouxera uns instrumentos. Valentim semeou linho. Cresceu bonito. A esposa colheu. Secou em pequenos feixes. Recolheu as sementes. Guardou-as. Com elas prepararia cataplasmas, quando necessitasse. Colocou as hastes na água, durante quinze dias para curtir e obter as fibras. Depois triturou batendo com maças e a espadela. Procedeu à cardação, desembaraçando o linho dos talos com pentes grossos. A filaça cardada passou pelos sedeiros. Colocou as estrigas na roca. Enrolou a maçaroca no fuso. Envolveu-as nas canelas e mandou fabricar o linho no tear de Tita. E assim no meio do mato, onde não havia meio de comprar fazenda, Arcângela possuía o tecido de linho, com que fabricava lençóis, toalhas, camisas, vestidos, sacos. Valentim, com pedaços de canjerana verde, coloria de marrom as roupas de uso.<sup>49</sup>

Apesar de marido e mulher estarem lado a lado em algumas atividades, o lazer era praticado apenas por ele. No conto “Uma Partida de Bochas”, enquanto os homens montam equipes para o jogo, apostam quanto ao ganhador da partida, bebem vinho e

<sup>47</sup>FARINA, Geraldo. Tributo ai nostri nonni. In: MAESTRI, Mário (Coord.). *Nós, os ítalo-gaúchos*. 2.ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998, p. 66.

<sup>48</sup> BARBOSA, Fidélis Dalcin. *Op. cit.*, p. 40.

<sup>49</sup> BARBOSA, Fidélis Dalcin, 1961. *Op. cit.*, p. 123.

comem, as mulheres são responsáveis pela preparação e andamento da festa: “Foi mister destacar cerca de cem mulheres a fim de preparar o grandioso festim. A polenta também deu o que fazer. Foram ocupadas nada menos de vinte caldeiras e panelas”<sup>50</sup>. Esse comportamento, que parece trazer em si um toque de machismo e uma clara divisão de papéis, não é discutida nas obras *Semblantes de pioneiros* e *Campo dos Bugres*, mas apenas apresentada como normal para a convivência em família e na comunidade dos imigrantes italianos no Rio Grande do Sul. Ou seja, representa, sob a ótica da narrativa, o comportamento adequado para homens e mulheres na sociedade.

Em *Festa e identidade*: como se fez a Festa da Uva, Ribeiro cita os filós, encontros realizados quase sempre aos sábados, em que homens e mulheres de diferentes regiões da Itália reuniam-se, promovendo diversas trocas culturais:

As festas e os *filós* (reunião convivial entre vizinhos, realizava-se à noite, freqüentemente aos sábados, na qual os participantes jogavam cartas, tomavam vinho, cantavam; as mulheres fiavam ou contavam histórias às crianças), foram, dentre outras, ocasiões privilegiadas para que essas trocas se efetuassem.<sup>51</sup>

Ainda que todos participassem, os homens jogavam, bebiam e cantavam. As mulheres, por sua vez, fiavam e contavam histórias às crianças. Ou seja, o lazer cabia aos homens, pois fiar também é uma forma de trabalho, bem como contar histórias, uma maneira de cuidar das crianças. Esse “contar histórias” remete, ainda, a uma observação feita anteriormente sobre a transmissão oral da tradição de mãe para filho.

Para que se tenha uma total compreensão desse e de outros aspectos discutidos neste tópico, faz-se necessário um estudo da representação da figura masculina e seus papéis sociais nas duas obras analisadas.

### **2.1.2 O papel do homem**

Os homens de *Semblantes de pioneiros* e *Campo dos Bugres* apresentam características comuns quanto à perspectiva de futuro no ato de emigrar. Além da predisposição interior para aceitar desafios, eles se propõem a assumir privações. Esse impulso é observado apenas nas personagens do sexo masculino, não fazendo parte do perfil das personagens femininas. O fato de a mulher não aceitar sua própria situação como imigrante, como foi visto no tópico anterior, é antagônico à maneira de agir dos homens. Para eles, o desafio foi aceito e, independentemente do que venha a ocorrer,

<sup>50</sup> *Idem*, p. 103.

<sup>51</sup> RIBEIRO, Cleodes Piazza Júlio. *Op. cit.*, p. 74.

deve ser enfrentado. Isso parece indicar que a opção pela imigração, nos textos de Fidélis Dalcin Barbosa, é exclusiva dos homens.

Exemplos disso são as personagens José Gelain e Valentim Merlo, de *Semblantes de pioneiros*, e Eduardo Segalla, de *Campo dos Bugres*. Na seguinte passagem, Valentim Merlo decide, a exemplo de seus irmãos do sexo masculino, emigrar com a família:

Um irmão, ex-seminarista e agora professor, emigrara para a África. Outro irmão, Marcos, encontrava-se no Brasil, fazia um ano. Foram ambos em busca de aventuras. A exemplo dos manos, a sedução do decantado continente, a ambição de maiores riquezas, decidiram definitivamente para a partida da pequena família. Os velhos pais lamentaram com lágrimas aquela resolução.<sup>52</sup>

Em nenhum momento, o narrador das obras analisadas apresenta uma mulher que tenha tomado a decisão pela emigração. Além de serem elementos decisivos para a mudança, ao contrário das mulheres, os homens são representados sempre como indivíduos fortes, perseverantes, resignados e extremamente trabalhadores, apesar dos constantes sofrimentos. Seus atributos são superiores aos das mulheres.

Em algumas passagens, eles chegam a ser comparados a heróis, como se vê no conto “Carreiros”:

Se os filhos e netos do martirizado carreiro, que hoje deslizam o cadilague no asfalto, precipitarem no abismo do olvido a figura máscula do pioneiro, na expressão mais sublime do seu estoicismo, a História não lhes perdoará o crime de tamanha injustiça.<sup>53</sup>

Nos textos em análise, o heroísmo dos pais de família está diretamente relacionado com a sua disponibilidade e capacidade para o trabalho.

Tal dedicação ao trabalho é atribuída não só ao fato de o imigrante querer enriquecer, mas também, como será visto adiante, porque deseja colaborar para que o Brasil se torne uma pátria rica. Em alguns momentos, as atividades realizadas pelos homens surgem representadas pelo termo “aventura”.

Ao contrário das inúmeras dificuldades descritas ao longo das duas obras em análise, alguns excertos mostram o homem como um aventureiro em busca de emoção, como no conto “Bugreiros”:

<sup>52</sup> BARBOSA, Fidélis Dalcin, 1961. *Op. cit.*, p. 109-110.

<sup>53</sup> *Idem*, p. 50.

O pai-de-família, com um ou dois filhos, deixava a casa e seguia em busca de novas aventuras através do sertão desconhecido. Armados de facão, abriam um pique na selvaticuez da floresta. Arrostavam mil perigos e a própria morte que andava à espreita na beira dos precipícios, na correnteza dos rios caudalosos, na boca da cascavel. A desmatção abre uma clareira. Constrói-se um rancho. Faz-se a roçada. A queimada. A plantação do milho. Vem a família toda.<sup>54</sup>

O aspecto heróico com que é apresentado o dia-a-dia de trabalho do imigrante italiano desencadeia, em algumas passagens, descrições dos descendentes como admiradores dos pais e avós, que tanto trabalharam em benefício da própria família e do progresso do país:

Hoje, nos lares de região colonizada pelo imigrante italiano, guarda-se ciosamente, como relíquia sagrada, e conta-se com orgulho esse poema de heroísmo e glória, escrito a sangue pelos intrépidos antepassados, na luta ingente contra o selvagem e a fera, conquistando palmo a palmo a terra que agora é sua, duplamente sua, e onde, na extensão da planície e na curva das colinas, a aquarela das messes murmura um hino de gratidão ao Senhor, e as cidades trepidantes, pletóricas de vida e de beleza, empunhando a Bandeira Nacional desfraldada no topo altaneiro das chaminés de suas fábricas, marcham cantando o progresso do Brasil.<sup>55</sup>

Nessa passagem, parece haver intenção do narrador de fazer com que as próprias personagens e os leitores acreditem que os italianos tinham, além do interesse individual, a intenção de fazer com que o Brasil progredisse. De acordo com esse raciocínio, os laços econômicos criados com o Brasil superariam os laços sentimentais com a Itália. Thales de Azevedo destaca o sofrimento do imigrante ao cortar esses laços com a Itália e o coloca em posição prioritária diante da questão econômica:

Forçado a deixar as terras de nascença, ainda quando trouxesse a esperança de uma vida melhor e talvez do regresso à pátria, o emigrante na verdade deveria, na maioria dos casos, sofrer bastante. Muito viriam a padecer de frustrações e ressentimentos perfeitamente explicáveis em vista de que “excetuados os que emigraram para fugir de algum conflito particular com o seu meio familiar ou social, todos partem pensando em voltar, pois é difícil – como observa um economista – romper por simples razões econômicas os laços que os ligam à sua terra” (Ianni 1972, 102).<sup>56</sup>

Esse pensamento contraria a idéia de que o imigrante tivesse em mente vir para o Brasil e trabalhar para formar uma pátria. A única intenção dele seria, então,

<sup>54</sup> *Ibidem*, p. 129.

<sup>55</sup> *Ibidem*, p. 101.

<sup>56</sup> AZEVEDO, Thales de. *Italianos e Gaúchos* – Os anos pioneiros da colonização italiana no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: A Nação e Instituto Estadual do Livro, 1975, p. 111.

oferecer para a sua família uma vida economicamente melhor, mas tendo em mente o retorno ao país de origem.

Apesar de todo o crédito pela obtenção de riquezas, sobre os homens pesa um fardo maior que o das mulheres, no sentido de estarem em situação de obrigatoriedade de possuir bens, o que só poderia ser alcançado, segundo o texto, com muito trabalho. Nesta passagem de “A odisséia de um imigrante”, a personagem José Gelain deixa claro que só pensou em casar, depois de ter bens suficientes para oferecer conforto à mulher:

Agi com inteligência e fizemos o negócio nas seguintes condições: ele me voltaria 4 sacos de trigo, 4 de centeio, 12 galinhas e todos os pertences da casa, com exceção das camas e roupas de vestir. Mudei-me para a nova propriedade. Dono de boa casa, pensei em contrair matrimônio.<sup>57</sup>

Certamente, os descendentes de imigrantes italianos já ouviram seus avós contarem que o homem, para casar, deveria possuir sua própria terra e casa. A mulher não tinha direito à herança do pai e, quando casava, geralmente ganhava uma vaca e uma máquina de costura. No conto “A epopéia do imigrante”, uma passagem mostra a repulsa da família pelo namorado da personagem Fiorinda. O motivo de tal sentimento era a pobreza do rapaz:

Moreno, olhos negros, estatura mediana. Todos o apreciavam. Muito cautelosamente, timidamente, começou a namorar a filha do sr. Valentim. A princípio, os pais de Fiorinda não apoiavam o namôro por causa da pobreza do rapaz. Era, porém, correto e trabalhador. O futuro prometia-lhe sorrisos.<sup>58</sup>

De acordo com o texto, é evidente a pressão imposta ao homem, que deveria possuir bens para casar. Na passagem reproduzida, a pobreza do namorado é relativamente compensada pelo fato de ser trabalhador, característica de suprema importância para os imigrantes representados na obra e que indica a possibilidade de alcançar a riqueza. Tal fato representa a certeza de que, com o trabalho, seria possível alcançar o objetivo das personagens na saída da Itália: ter uma vida melhor, em termos materiais, no Brasil.

Além de ser o responsável pelo trabalho braçal e, conseqüentemente, pelo sustento da família, o homem também surge como defensor dos valores morais da esposa e dos filhos. Para que possam exigir esse comportamento dos membros da família, são também os pais representados como pessoas que carregam consigo

<sup>57</sup> BARBOSA, Fidélis Dalcin, 1961. *Op. cit.*, p. 36.

<sup>58</sup> *Idem*, p. 126.

valores positivos, como a bondade e a disposição para o trabalho. Exemplos disso surgem nas seguintes passagens de “Carreiros” e “A odisséia de um imigrante”, respectivamente:

Pelo ano de 1790, houve guerra aqui na República Vêneta. Meu avô, jovem ainda, foi também convocado para combater na Itália como soldado que era do exército francês. Este lugar onde moramos foi então campo de guerra, e aqui lutou meu avô. Como foi dito a meu pai, era ele soldado valoroso.<sup>59</sup>

Deus abençoou os meus trabalhos e compramos mais quatro colônias de terra perto do Rio Forquilha, em Paim Filho. Com grande sacrifício pagamos aqueles lotes e casamos os filhos.<sup>60</sup>

Sendo exemplos de dignidade, os pais de família põem-se a cobrar tal comportamento dos filhos. Diante da comunidade, que parece pensar da mesma forma, seria vergonhoso não ter inculcado nos filhos os valores morais, fortemente baseados em regras impostas pela Igreja. No excerto a seguir, do conto “O furacão”, o fato de o rapaz ser rico não impressiona o pai, que prioriza a questão moral para aprovar um namorado para a filha:

O pai não gostou de cara do rapaz. Foi colher informações. Soube que pertencia a família rica, mas que gozava de todas as liberdades. Fora expulso de três colégios, acabando por abandonar completamente os estudos. Vivia no volante dos carros da madeireira do pai. Já provocara várias capotagens, causando um prejuízo de cem mil cruzeiros. As pessoas da cidade logo riram da ingenuidade da moça e do pai. Qualquer dia, diziam, aquele malandro rouba-lhe a filha.<sup>61</sup>

Além de configurar um exemplo de conduta moral diante da família e da comunidade, o homem também é modelo de valentia. Todas as características citadas anteriormente – força, perseverança, dedicação ao trabalho etc. – desencadeiam a representação de um homem cheio de bravura, ou, como muitas vezes aparece nos textos, intrépido. Os meninos de *Semblantes de pioneiros* e *Campo dos Bugres* admiram e desejam ter o mesmo comportamento, como se vê nesta passagem de “Tropeiros”:

O Narcisinho, durante três semanas, contou a todo o mundo a notável façanha da sua primeira tropeada, com tom importante como quem entende do riscado. Os amiguinhos ficavam com inveja do pequeno valentão.<sup>62</sup>

As histórias contadas pelos adultos povoam o imaginário das crianças. Os meninos representados em ambas as obras ficam encantados com as aventuras

<sup>59</sup> *Ibidem*, p. 15.

<sup>60</sup> *Ibidem*, p. 41.

<sup>61</sup> *Ibidem*, p. 148.

<sup>62</sup> *Ibidem*, p. 74.

descritas e desejam seguir os passos dos homens, sejam eles pais, irmãos mais velhos ou apenas conhecidos. Um exemplo disso é a personagem Narciso, cujo pai exercia a profissão de tropeiro. Para o menino, o pai é um herói e seu desejo é igualar-se a ele: “Narciso, o caçula, acompanhava atento a minuciosa narrativa do velho pai, o tropeiro mais guapo da redondeza. De noite, o garoto adormecia com aquelas fantásticas histórias dançando na mente, arquitetando proezas semelhantes”.<sup>63</sup>

De acordo com os textos em análise, filhos e netos admiram profundamente os pais e avós italianos. De geração em geração, ficam sabendo das dificuldades enfrentadas pelos antepassados para alcançar o objetivo a que se propuseram ao sair da Itália, ou seja, ter uma vida melhor em termos financeiros. E, assim como os parentes que admiram, seguem trabalhando para si e pela pátria, o Brasil:

Seus filhos, netos, bisnetos, trinotos, andam espalhados, como filhos de perdiz, pelo Brasil afora, trabalhando pela grandeza da Pátria, honrando a tradição dos intrépidos antepassados que escreveram o sublime poema do trabalho e do heroísmo por sobre as montanhosas paragens da serra gaúcha.<sup>64</sup>

A mulher, por vezes, também admira o arrojo e a perseverança masculina. Nesta passagem, Arcângela emociona-se ao usar um legume plantado pelo marido numa das refeições da família:

Um dia colheram as primeiras abóboras ainda tenras. Arcângela cozinhou na água. Comeram em nome de Nosso Senhor. Eram as primícias da nova terra. A jovem esposa não conteve as lágrimas ao saborear os primeiros frutos do suor do seu marido.<sup>65</sup>

A continuidade das características positivas dos primeiros imigrantes nas novas gerações, segundo os textos, também está na manutenção e no respeito ao sobrenome da família. Além disso, o caráter dos descendentes é considerado uma questão quase genética, ou seja, quem tem sangue imigrante reúne, obrigatoriamente, adjetivos positivos e iguais aos de pais e avós. Segundo o texto, os descendentes dos imigrantes italianos seguem o modelo proposto por avôs e pais, tornando-se pessoas tão especiais quanto eles.

Considerando o papel do homem, pode-se concluir que eles configuram as personagens com maior representatividade nas obras analisadas. A questão do trabalho, por exemplo, fundamental para entender a representação da imigração nas narrativas, está diretamente relacionada com o papel masculino.

---

<sup>63</sup> *Ibidem*, p. 67.

<sup>64</sup> *Ibidem*, p. 107.

<sup>65</sup> *Ibidem*, p. 120.

O mesmo ocorre com a família, que tem no homem o seu “chefe”, e com a religião, que conta com o homem para sua continuidade. Dois exemplos disso são o incentivo aos filhos para seguirem a vida religiosa e a construção das capelas.

Além disso, os constantes adjetivos atribuídos a eles, como “intrépidos” e “valentes”, surgem nas duas narrativas, particularizando sua representação.

Assim, pode-se considerar que os homens, em detrimento da atuação das mulheres, são os verdadeiros heróis das histórias de Fidélis Dalcin Barbosa sobre a imigração italiana. Esse tema também será tratado num tópico posterior. Por ora, segue o estudo sobre a representação da família, com enfoque no papel dos filhos.

### 2.1.3 O papel dos filhos

Na história da imigração italiana, a formação de grandes famílias pode ser explicada por dois momentos distintos. Inicialmente, há que se considerar que não havia métodos contraceptivos eficientes na época. Ou seja, há quase que um motivo biológico para o nascimento de tantos filhos.

Nesse sentido, há também a intervenção da religião católica, que por meio de seus dogmas determinava que os casais deveriam ter tantos filhos quantos Deus quisesse. A influência da Igreja na questão do número de filhos certamente ocorreu. A intransigência nesse sentido permanece até os dias de hoje, embora não signifique que os fiéis sigam as suas determinações. Essa talvez seja, então, a razão fundamental para o grande número de filhos nas famílias de imigrantes italianos.

Num segundo momento, a família numerosa representava aumento de mão-de-obra, mais braços para a ampliação das culturas e dos negócios familiares a custo baixo, ou apenas em troca de um lugar para morar, alimentação e um tanto de instrução.

Em *Semblantes de pioneiros e Campo dos Bugres*, há, por parte dos narradores, necessidade de reforçar a idéia de que os italianos se alegravam com a chegada de mais filhos, que viriam com o bônus de tornarem-se mão-de-obra, como nesta passagem de “A odisséia de um imigrante”:

Os colonos não poderiam ter assalariados, muito menos escravos, devendo contar apenas com a força do trabalho familiar. As famílias (cuja média era de 2,3 filhos) aumentaram o número de filhos, garantindo mais braços para a produção. Alguns colonos haviam trazido agregados (sogra, mães, tias e irmãos) cujo número era insuficiente para garantir a mão-de-obra necessária à produção. Os agregados do sexo masculino logo procuraram terras para si mesmos, constituindo novas famílias.<sup>66</sup>

<sup>66</sup> *Ibidem*, p. 32.

Em *Campo dos Bugres*, por exemplo, a família de Eduardo comemora a chegada de mais um descendente: “Em dezembro, a família Caon cresceu com a chegada de Carlos, alegrando sobretudo o pai, que podia contar futuramente com os braços de mais um homem”.<sup>67</sup>

Pelo mesmo motivo que se alegrou com o nascimento do filho, em outra passagem, Eduardo sai em busca dos familiares. A mão-de-obra barata fez com que procurasse reencontrar os parentes dos quais havia se desencontrado por partirem em diferentes datas da Itália:

Meus filhos cresciam e me ajudavam no serviço da cantina e no escritório. Preocupava-me a falta de braços para atender ao parreiral. Achei, por isso, que era chegado o momento de sair em busca de meus pais e irmãos.<sup>68</sup>

O sofrimento inicial pelo desencontro da personagem com a família parece ser subvertido. Ao invés de procurar a família por motivos sentimentais, Eduardo parece guiado pela busca de mais trabalhadores. Ou seja, além de reencontrar a família, ele obtém a mão-de-obra de que necessita:

Para mim foi um alto negócio. Meu pai, ainda muito vigoroso, trabalhava o dia inteiro. A mãe também. O Carlos, então, era um monstro. Em poucos anos, o parreiral duplicou a capacidade de produção. Nossa granja era um encanto! Um pomar enorme, sempre muito bem cuidado.<sup>69</sup>

Uma passagem da obra *Italianos e gaúchos*, de Thales de Azevedo, é bastante importante para que se entenda o que significa a família no sentido da mão-de-obra. Nela, há informações de uma carta do imigrante Paolo Rossato aos seus pais e sogros que ficaram na Itália, explicando-lhes que, mesmo quem não tinha dinheiro para comprar uma colônia no Rio Grande do Sul, ganhava um pedaço de terra para começar a trabalhar, caso dispusesse de mão-de-obra familiar:

Se algum que quisesse vir para o Brasil tivesse um pouco de dinheiro, poderia logo pagar o preço da “colônia” que adquirisse. E se tivesse braços ou mão-de-obra da família – esposa, irmãos, filhos em idade de trabalho – ganharia algo para começarem a se manter, no caso de comprar uma colônia de empresários privados; do Governo receberia gratuitamente o lote mas, para obter a subsistência antes que houvesse as primeiras colheitas, precisaria ir trabalhar a várias horas de distância na abertura de estradas e noutros serviços pesados.<sup>70</sup>

<sup>67</sup> BARBOSA, Fidélis Dalcin, 1975. *Op. cit.*, p. 51.

<sup>68</sup> *Idem*, p. 80.

<sup>69</sup> *Ibidem*, p. 87.

<sup>70</sup> AZEVEDO, Thales de. *Op. cit.*, p. 117.

Esse e outros depoimentos de estudiosos da imigração italiana vêm a confirmar que os italianos tinham necessidade da mão-de-obra familiar no início do processo, tal como se vê nas obras ficcionais de Fidélis Dalcin Barbosa. Em *Festa e Identidade*, Ribeiro apresenta um exemplo da cooperação familiar na colheita da uva:

O ritmo de trabalho imprimido ao viticultor, no período da colheita da uva, exige a participação de toda a família, quando não, de parentes ou vizinhos. A colaboração de toda a família (e, dependendo da extensão da área cultivada), de vizinhos e até a de vindimeiros contratados, é determinante pela necessidade de fazer a colheita da uva madura o mais rápido possível para fugir do mau tempo. Nessas ocasiões, o grupo familiar e de vizinhança reforçam sua unidade, cooperação e seus interesses comuns.<sup>71</sup>

Nas obras de Fidélis Dalcin Barbosa, passados os primeiros anos, algumas personagens já pensam em amenizar o sofrimento dos filhos, deixando uma herança que lhes possibilitasse trabalhar menos. Um exemplo disso é a personagem José Gelain, de “A odisséia de um imigrante”, que parte da Itália para o Brasil no dia 20 de fevereiro de 1888 e se estabelece no lote número 10 do Travessão Barra, próximo ao Rio das Antas. Passa por inúmeras dificuldades, trabalha muito e, com o passar dos anos, consegue ter suas próprias terras e formar sua família.

Superados a angústia e os problemas dos primeiros anos, e com a chegada de tempos mais calmos, uma das maiores preocupações de José é garantir financeiramente o futuro dos filhos. Morar longe dos parentes e explorar terras desconhecidas, por exemplo, eram dificuldades que não freavam a ambição da personagem.

Casado, pai do primeiro filho e à espera do segundo, José resolve mudar-se com a família para São José do Ouro, município próximo a Lagoa Vermelha, a fim de aumentar suas terras e obter possibilidade de maior crescimento financeiro: “A família continuava a aumentar. Resolvi mudar-me para outro lugar onde pudesse comprar muita terra para os filhos, a fim de que mais tarde eles não viessem a sofrer como eu quando cheguei ao Brasil”<sup>72</sup>.

Em *Semblantes de pioneiros*, a personagem José atribui à vontade de Deus o grande número de filhos. Conseqüentemente, o fato de ter tido filhos conforme a vontade divina, o obrigava a obter sempre mais terras:

Os meus filhos foram os seguintes: Maria, Josefina, Antônio José, Fiorinda, Virgínia, Angelina, Vítor e Marcos que nasceram em Nova Pádua. Em S. José do Ouro nasceram: Angélica, Fiorindo (agora Padre Florêncio, capuchinho),

<sup>71</sup> RIBEIRO, Cleodes Piazza Júlio. *Op. cit.*, p. 47.

<sup>72</sup> BARBOSA, Fidélis Dalcin, 1961. *Op. cit.*, p. 38.

Cláudio e Santo. Visto que Deus me deu todos estes filhos, comprei mais cinco lotes de terra para que um dia eles não passassem dificuldades.<sup>73</sup>

Como já se afirmou, os imigrantes italianos interpretavam a vinda dos filhos como acréscimo na força de trabalho e até esperavam que, com isso, seu capital aumentasse. Com o passar do tempo, porém, percebiam que as terras se tornavam pequenas para abrigar tantos descendentes. Então, reinterpretabam mais uma vez o fato e trabalhavam ainda mais para garantir condições de trabalho e moradia. Ainda assim, não tinham como dar terra e casa a todos, forçando, então, a saída de alguns. O ciclo iniciado na Itália se repetia. Novas terras eram procuradas a fim de fugir da pobreza iminente. Assim se explica a emigração da RCI para novas terras do extremo nordeste do Rio Grande do Sul, exemplificada em *Semblantes de pioneiros*.

Ainda em “A odisséia de um imigrante”, a referência à atividade do filho Fiorindo Gelain, que se torna padre capuchinho, recebendo o nome de Florêncio, chama a atenção. Dos doze filhos, é o único que tem a profissão revelada no texto. Isso confirma a importância, do ponto de vista religioso, mas também financeiro, de acordo com a narrativa, para as famílias de imigrantes italianos, de encaminhar um filho para o sacerdócio.

Em outra passagem, José conta com orgulho que seu tio Prosdócimo também teve filhos e netos que seguiram a vida religiosa, alguns tendo destaque e alcançando altos cargos na Igreja:

Prosdócimo e Lúcia tiveram numerosa família, sendo o filho mais velho o professor Luís Gelain, que mora na vila de Nova Pádua em Flores da Cunha. (...) Casou com a idade de 20 anos com Rosa Pilatti, irmã do Pe. João Crisóstomo, capuchinho, vigário de Paim Filho. Teve 15 filhos, dos quais o mais velho veio a ser o atual Bispo de Lins, no Estado de São Paulo, D. Henrique Gelain. Uma filha tornou-se religiosa na Congregação de São José, irmã Eurica.<sup>74</sup>

Talvez uma explicação para a valorização que os imigrantes italianos davam a filhos que seguissem a vida religiosa fosse exatamente o fato de verem nisso uma forma de manter a tradição cristã e a religiosidade no Brasil.

Thales de Azevedo, em *Italianos e gaúchos*, também considera numerosos os filhos de italianos que vinham a ser sacerdotes ou freiras. Esses filhos acabavam se tornando estranhos ao meio rural, já que saíam da colônia para receberem uma educação diferenciada nos seminários:

<sup>73</sup> *Idem*, p.39-40.

<sup>74</sup> *Ibidem*, p. 42.

E somente alguns 20 a 30 anos após regressaram à zona colonial, como sacerdotes e religiosas, os numerosos filhos de imigrante que se orientam para a vida religiosa: já então, por muito que se identifiquem com os colonos, vêm modificados pelos dez, quinze anos de estudos nos seminários e conventos.<sup>75</sup>

Ou seja, obter melhores condições de vida por meio do estudo é outra explicação possível:

A possibilidade de tornar-se uma pessoa “estudada”, levou o filho do agricultor a procurar os conventos e seminários, passando a integrar o grupo social mais importante da colônia. A Igreja possibilita ao colono conseguir a “ascensão” social através do seu filho.<sup>76</sup>

No conto “Tropeiros”, é possível perceber novamente a importância dos religiosos e, mais do que isso, de ser um capuchinho. A personagem Narciso, depois de alguns anos de trabalho como tropeiro, decide ingressar no seminário, a exemplo de um irmão que já era frei. O narrador refere-se a uma profecia feita pelo pai quanto ao futuro do menino, que deveria “ir longe na vida”. Porém, nada no texto indica que o pai quisesse dizer que o filho só iria longe, se viesse a ser um religioso. A profecia, inicialmente, teria relação com o trabalho: o menino seria recompensado se trabalhasse muito, acordasse cedo etc. Entretanto, ela passou a fazer sentido somente porque o filho seguiu a vida religiosa:

E o tropeirinho, seguindo o luminoso fadário ascencional que a palavra profética do velho pai na infância lhe traçara, hoje com o nome religioso de Frei Celestino de Antônio Prado, alcandorado no alto posto do mais dinâmico e eficiente superior provincial, encanecido, vai marchando gloriosamente, esplendorosamente, à frente dessa imensa legião de capuchinhos, esparramados pelo Rio Grande e pelo mundo, qual potência avassaladora, atuando nas paróquias, nas missões, na imprensa, no ensino, na radiofonia, nos hospitais, na agricultura, nas artes...<sup>77</sup>.

Tanto nessa como em outras passagens dos textos, é destacada a atuação dos freis capuchinhos na comunidade. No sétimo conto, “A epopéia de um imigrante”, atribui-se-lhes a “conservação da fé no meio dos imigrantes”:

A estrada geral cruzava ao pé da casa. O povoado distava poucos quilômetros. A paróquia otimamente atendida pelos zelosos capuchinhos franceses, desde 1901. Estes ardorosos missionários, aos quais se deve a conservação da fé no meio dos imigrantes em várias colônias, haviam fundado um seminário em Conde d’Eu.<sup>78</sup>

<sup>75</sup> AZEVEDO, Thales de. *Op. cit.*, p. 236.

<sup>76</sup> GIRON, Lorraine Slomp. *Op. cit.*, p. 55.

<sup>77</sup> BARBOSA, Fidélis Dalcin, 1961. *Op. cit.*, p. 75.

<sup>78</sup> *Idem*, p. 127.

Para Thales de Azevedo, a igreja e a religião “sustentam as tradições e muitas das lembranças da Itália”. Além disso, procuram controlar a escola, as associações beneficentes e a imprensa, que Azevedo nomeia como “agências de socialização”. Nesse contexto, o padre “considerava-se civilizador e promotor do progresso religioso e espiritual do desenvolvimento da arte, da instrução e da assistência”. Era, também, um importante vínculo entre os imigrantes e a pátria mãe, como um guardião de suas tradições.

Desenvolvidas inicialmente pelos padres italianos, tais ações são intensificadas com a chegada dos padres palotinos, em 1886, dos capuchinhos franceses, em 1896, e, em seguida, dos carlistas, camaldulenses, passionistas, josefinos, irmãos maristas etc. Segundo Azevedo, os jovens que iam para o seminário e voltavam para atuar nas comunidades mantinham renovada a tradição:

As ondas de colonos que vão para os seminários e para os conventos masculinos e femininos, voltando a atuar na zona colonial como curas, missionários, bispos, educadores, catequistas, renovam simultaneamente a religiosidade, as tradições e a língua – que contribuem para unificar no “italiano de gramática” – e, em certa medida, a *italianità*.<sup>79</sup>

Para Zagonel, os freis capuchinhos foram fundamentais para suprir algumas necessidades dos imigrantes, como a falta de sacerdotes e de paróquias:

O contributo capuchinho – um entre outros contributos à Igreja no Rio Grande do Sul – resultou oportuno e eficaz. Aconteceu no momento exato da necessidade: a Colônia Italiana precisava de auxílio e os frades franceses precisavam de um refúgio onde pudessem sobreviver e trabalhar em paz. O trabalho destes foi eficaz pelo que realizaram no sentido de pastoral e de integração cultural na Colônia Italiana.<sup>80</sup>

Além das atividades missionárias e culturais, Zagonel também apresenta como fundamental a participação deles na formação de novos religiosos e no fortalecimento da Igreja católica no Rio Grande do Sul: “Um dos contributos específicos do clero imigrado situa-se no Seminário e na formação do clero nativo. No seminário, é incontroverso, travou-se a batalha decisiva da renovação e da implantação definitiva da Igreja no Rio Grande do Sul”<sup>81</sup>. Então, pode-se entender que não eram apenas os pais que ficavam felizes pelos filhos escolherem a vida religiosa. Para a Igreja, tal integração também foi de suma importância para que cumprisse sua missão de divulgar valores e arrebanhar fiéis.

<sup>79</sup> AZEVEDO, Thales de. *Op. cit.*, p. 219.

<sup>80</sup> ZAGONEL, Carlos Albino. *Igreja e Imigração Italiana*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, Sulina, 1975, p. 273-274.

<sup>81</sup> *Idem*, prefácio.

Filhos e filhas que escolhiam a vida religiosa não recebiam sua parte na herança. Dos filhos que, porventura, não seguissem a vida religiosa, esperava-se que contraíssem matrimônio. Para chegar ao casamento, o filho homem representado nas obras deveria possuir casa própria, alguma terra e uma forma digna de garantir o sustento da esposa.

A filha mulher deveria ser honrada e seguir os valores morais e religiosos ensinados pelos pais. Ela só precisava possuir a máquina de costura, um animal – geralmente uma vaca – e algumas peças para o enxoval costuradas por ela e pela mãe. As filhas solteiras, por sua vez, não tinham direito à herança das terras. Fiorinda, personagem de “A epopéia do imigrante”, era o exemplo de filha ideal. No conto, ela casa com Caetano Dolzan. Como já citado anteriormente, os pais da moça que, a princípio, não concordaram com o namoro devido à pobreza do rapaz, acabaram aceitando que ele se casasse com a “jovem mais estimada da linha 22”:

Fiorinda era um encanto de moça. Trabalhadeira. Comportadíssima. Religiosa, não perdia a missa dominical na igreja matriz de D. Isabel. De tarde, constituía o seu maior prazer ir ao terço e ouvir o canto das Vésperas. Cuidava com extremos de amor dos irmãos menores.<sup>82</sup>

De acordo com o texto, a moça ideal, Fiorinda, não teve tempo para ir à escola. Porém, alfabetizou-se sozinha, “só para ler orações no livro da missa”<sup>83</sup>. Os sonhos de Fiorinda, contudo, não eram os de uma jovem comum. Depois de casada, ela desejava viajar para a Europa a fim de visitar o Papa e o rei Vittorio Emmanuele: “Contar-lhes ia o que os italianos estão realizando no Brasil, construindo uma nova pátria cristã para glória da Itália e da Igreja”<sup>84</sup>. É interessante essa visão exposta em *Semblantes de pioneiros*. Uma mulher que veio da Itália quando criança, ainda sem laços profundos com o novo país, com tanta admiração pela “pátria” e com a certeza de que será motivo de orgulho o fato de ter sido levada para o Brasil a sua religião.

Além de enaltecer os imigrantes, Fiorinda idealiza os descendentes, acreditando e incentivando o leitor a acreditar que todos são tão especiais quanto seus antepassados, como nesta passagem, anos depois:

E a intrépida vovozinha dá graças a Deus porque seus descendentes vão bem. Todos trabalhadores incansáveis e espertos, dignos continuadores da obra benemérita de seus pais e avós.<sup>85</sup>

<sup>82</sup> BARBOSA, Fidélis Dalcin, 1961. *Op. cit.*, p. 125.

<sup>83</sup> *Idem*, p. 126.

<sup>84</sup> *Ibidem*, p. 126.

<sup>85</sup> *Ibidem*, p. 136.

Esse excerto vem reforçar a idéia apresentada nas duas obras quanto às opções para os filhos dos imigrantes: seguir a vida religiosa ou casar. Os encaminhamentos possíveis desejados pelos pais estão diretamente ligados à religião. No primeiro, os filhos trabalham por ela. No segundo, têm uma família e obedecem à máxima católica que diz: “crescei e multiplicai-vos”.

Enfim, todas as características positivas encontradas em mães e pais italianos são consideradas comuns aos seus descendentes, em *Semblantes de pioneiros e Campo dos Bugres*. Em diversas páginas, filhos e netos são representados como conhecedores e orgulhosos dos feitos dos mais velhos.

Assim como há, durante todo o conto “A epopéia do imigrante”, uma idealização da personagem Fiorinda e de seus antepassados e descendentes, em “O direito de nascer”, a personagem Rosa Maria também passa por um processo semelhante. A moça, filha de Adolfo Argenta, começa a namorar Mário, filho de Ernesto Vitali. Os pais são amigos e aprovam o namoro. Com o tempo, Mário começa a ficar hospedado na casa da namorada. Durante uma viagem dos pais, Rosa Maria engravida. Os dois resolvem optar pelo aborto.

O narrador apresenta, então, duas idéias contraditórias. Num primeiro momento, ele exalta a ingenuidade e a pureza como valores morais da personagem: “Rosa Maria era alma de candura e ingenuidade infantis. O menor deslize macularia a brancura impecável daquele lírio e transpareceria como nódoa em vestido de nívea alvura”.<sup>86</sup> Num segundo momento, ele condena a atitude dos jovens e Rosa Maria passa de criança ingênua à criminosa. Na passagem a seguir, a irmã tenta impedir o aborto:

- Escuta, Rosa Maria, tu estás louca? Então, queres matar uma criança? Mas isto é um crime. Crime monstruoso, o maior de todos os crimes. Só um bárbaro como Herodes, só um bandido como o Lampião pode praticar tamanha crueldade. Assassinar um filho! Um anjinho! Um inocente que não pode se defender! Mandá-lo para a eternidade sem batismo! Será possível que se dê tão negra desgraça em nossa família?!<sup>87</sup>

A partir daí, Rosa Maria passa a ser mal vista por outras personagens e pelo narrador. Ela se volta contra a irmã que tenta impedir o aborto, porque “em seu íntimo as desgraças se acumulavam”<sup>88</sup>. Mesmo tomando a decisão de antecipar o casamento e

---

<sup>86</sup> *Ibidem*, p. 143.

<sup>87</sup> *Ibidem*, p. 143.

<sup>88</sup> *Ibidem*, p. 144.

não mais realizar o aborto, a mãe da moça fica extremamente decepcionada ao descobrir sobre a gravidez:

Às vésperas do casamento, os sintomas da gravidez apareceram claros. A mãe não disse nada à filha professora, mas passou a viver aborrecida, taciturna, mas disfarçando a suprema dor que lhe estortegava o velho coração de progenitora exemplar cujos filhos corretos, comportados e honrados, até aí só lhe haviam proporcionado consolações.<sup>89</sup>

Engravidando do namorado antes do casamento, Rosa Maria demonstrou ter ignorado os conselhos da mãe e a educação do pai, que a manteriam, segundo seus valores, correta, comportada e honrada. Deixou, assim, de ser a filha que os pais desejavam, com “alma de candura e ingenuidade infantis”. A atitude da filha desencadeia o rompimento com valores moralmente impostos e socialmente aceitos. Por isso, a personagem acaba sendo recriminada no decorrer da história.

Todavia, com o passar do tempo, os problemas ficam para trás, e a “vergonha” da moça e da família é amenizada pelo casamento e pelo nascimento da criança. O casamento, que foi antecipado, serviu como uma forma de resgate dos valores que os jovens haviam esquecido. Conforme já se afirmou anteriormente, um bom casamento era o que os pais representados em *Semblantes de pioneiros* e *Campo dos Bugres* desejavam para os filhos que não tivessem vocação religiosa. Tanto os homens como as mulheres eram incentivados a seguir por esse caminho.

Nos dois exemplos abaixo reproduzidos, aparecem o desejo e a interferência dos pais na posição dos filhos e filhas diante do casamento e também a preocupação em adquirir novas terras para a sobrevivência deles. O primeiro excerto é do conto “A epopéia do imigrante”, o segundo, de “O direito de nascer”:

Valentim adquiriu também uma carretinha, para o serviço da roça. Com ela levou uma vez a família à festa de S. Luís no Paese Novo. Gostou da colônia. Pensou nos filhos. Em casando, poderiam mudar-se para ali e ganhar a vida mais facilmente. Já possuía uma penca de nove e mais tarde aumentaria para treze.<sup>90</sup>

O Seu Adolfo, criado na rabiça do arado, não via de bons olhos aquele abandono da lavoura por parte dos filhos. O êxodo dos campos para as cidades era epidemia que atrofiava a colônia e corrompia a mocidade. Mas, graças a Deus, a família continuava numerosa. E o futuro não o impressionava. O que menos o preocupava era o casamento das suas numerosas filhas. Sobravam pretendentes à mão de tão lindas e estimadas donzelas.<sup>91</sup>

---

<sup>89</sup> *Ibidem*, p. 144.

<sup>90</sup> *Ibidem*, p. 125.

<sup>91</sup> *Ibidem*, p. 140.

Sobre os casamentos na Região de Colonização Italiana, Cleodes Piazza Ribeiro explica que trocas culturais ocorriam na união entre cônjuges italianos vindos de diferentes regiões e, por isso, com valores culturais diversos:

Houve trocas em atividades lúdicas, de jogos como a *mora* ou o *quadrilho*, que nem todos os habitantes de uma mesma Vila ou *Linha* conheciam ou, ainda, determinadas canções que integravam o repertório de um grupo minoritário entre os próprios imigrantes como, por exemplo, o dos milaneses, num *filó* ou numa festa eram partilhados e, gradualmente, adotados pelos demais.<sup>92</sup>

Já o casamento entre italianos e lusos não era bem visto pelos imigrantes. Para Thales de Azevedo, o imigrante carregava e cultivava o estereótipo de uma pessoa áspera na busca pela sobrevivência. Esse estereótipo acabava impondo um distanciamento em relação ao tipo “brasileiro”:

Essas diferenças de visão das coisas, de filosofia de vida, de ética do trabalho vem a produzir nos “lusos” certos estereótipos e preconceitos negativos como os de que o “italiano” é ao mesmo tempo mais trabalhador, mais interessado e astuto nos negócios do que o “brasileiro”, dando como exemplo o sistema de herança em relação à mulher, a recusa dos primeiros colonos a casarem com brasileiras, as lutas por motivo de dinheiro nas famílias.<sup>93</sup>

Como se viu até aqui, o filho de imigrantes representado em *Semblantes de pioneiros* e *Campo dos Bugres* tem, inicialmente, papel fundamental como trabalhador, garantindo a mão-de-obra necessária para que a família alcance êxito econômico. Em seguida, merece destaque seu papel como mantenedor dos valores transmitidos pelos mais velhos, inspirados basicamente na religião. As orientações dos pais quanto às atitudes dos filhos giram em torno das decisões referentes à escolha entre a vocação religiosa e o casamento, e ao incentivo, inclusive material, para o trabalho e o sucesso financeiro. Enfim, o desejo dos pais é que os filhos cultivem os mesmos valores que eles. Nas obras de Fidélis Dalcin Barbosa, essa vontade se cumpre na admiração dos filhos quanto à forma de viver dos pais, o que os leva a agir da mesma forma.

#### **2.1.4 A família interétnica**

Os imigrantes italianos criaram, na região da Serra, uma cultura que os singulariza no Rio Grande do Sul. O trabalho, nesse universo, constitui, ainda hoje, um forte elemento de identificação e de reconhecimento social. Nos primeiros anos, ele

<sup>92</sup> RIBEIRO, Cleodes Piazza Júlio. *Op. cit.*, p. 74.

<sup>93</sup> AZEVEDO, Thales de. *Op. cit.*, p. 210.

foi, também, o ponto de maior divergência em relação à cultura dos brasileiros que habitavam a Campanha do Rio Grande do Sul. Os italianos questionavam a boa vida dos fazendeiros, e associavam os camponeses brasileiros aos escravos negros:

Parece evidente que a distância social entre o colono em começo de prosperidade e, de outro lado, o caboclo e o fazendeiro de Cima da Serra ajuda a acentuar o contraste de condições e modos de vida. O roceiro caboclo, o camponês brasileiro sem terra própria e dependente de patrões que não o estimulam, parece dar ao colono a impressão de uma cultura inferior, desprezível, que é assimilada depreciativamente à do negro, isto é, do escravo (...).<sup>94</sup>

Ao mesmo tempo em que os italianos tinham essas impressões com relação aos lusos, esses tinham desprezo pelo trabalho realizado pelo imigrante camponês. Para eles, os italianos eram tão desprezíveis quanto os escravos, porque trabalhavam com os próprios braços. Sobre esse assunto, Thales de Azevedo afirma:

Chamando às vezes de imigração – ao invés e em oposição à colonização – o plano de integração dos trabalhadores estrangeiros, na verdade pretendia-se continuar a colonização com agricultores, pequenos proprietários. Diria Homem de Mello, em seu relatório de 1866, que “os habitantes da campanha guardam ainda uma instintiva repugnância aos trabalhos agrícolas, que felizmente nesta província, progridem obedecendo ao impulso vigoroso e enérgico do trabalho livre da laboriosa população estrangeira que coloniza as férteis regiões banhadas pelos rios Jacuí, Taquari, Sinos, Caí, e que já se estende pelas serras centrais”.<sup>95</sup>

Por esses preconceitos mútuos e pelo fato de evitarem os casamentos interétnicos, os acontecimentos apontados por Thales de Azevedo destoam totalmente dos propostos ficcionalmente por Fidélis Dalcin Barbosa. A personagem Eduardo, de *Campo dos Bugres*, por exemplo, admira e encontra virtudes nos luso-brasileiros, mesmo apontando, sutilmente, as diferenças culturais entre as duas etnias no que tange à parte do território habitada e suas conseqüentes condições de trabalho. Para alguns leitores, o elogio inicial pode até mesmo soar como ironia, se considerado o resto da frase:

Eu admirava sobremaneira a extraordinária hospitalidade e generosidade do gaúcho, virtudes que distinguiam do imigrante italiano: aquele, que vivendo folgado na opulenta amplidão da campanha, povoada de gorda gadaria; este, vegetando em acanhado minifúndio da serra alpestre.<sup>96</sup>

Os adjetivos usados na fala da personagem para descrever o tipo e a vida do brasileiro parecem indicar que ele era avaliado pelo italiano como um folgado que

<sup>94</sup> *Idem*, p. 209.

<sup>95</sup> *Ibidem*, p. 79.

<sup>96</sup> BARBOSA, Fidélis Dalcin, 1975. *Op. cit.*, p. 89.

vivia num lugar “opulento”. Esse adjetivo pode indicar tanto a grandeza da Campanha, quanto a riqueza do gaúcho. Em contradição a toda abundância, o italiano colocava-se em situação inferior, numa pequena propriedade montanhosa. Quando o narrador utiliza o termo “vegeta”, também parece sugerir que o que o imigrante encontrou no Brasil não era a vida com que sonhava. No diálogo reproduzido abaixo, Eduardo e um amigo, que foram contratados para o trabalho de cercar fazendas na Campanha, conversam sobre as facilidades das atividades do campo, em contraposição ao trabalho na Serra:

- Isto sim é que é vida! Aqui é muito melhor! O gado cria-se no campo, com pouco serviço dos fazendeiros.
- Foi por isso que os brasileiros se instalaram na campanha e nada quiseram com a serra e o mato.
- A serra e o mato ficaram reservados para nós – dizia eu. – Mas um dia quero ver se não consigo trocar a roça pelo campo. Não digo para mim, mas para meus filhos.<sup>97</sup>

O mais interessante nesse diálogo é que, mesmo dando a impressão, em passagens anteriores, de que considera o brasileiro preguiçoso, o italiano sonha em ter todas as facilidades que o outro possui.

Em *Campo dos Bugres*, uma passagem que chama a atenção acerca dos laços familiares trata do casamento do filho de Eduardo, Caetano, com uma mulher luso-brasileira:

O casamento do meu filho Caetano concretizou a ambicionada aspiração de atar relações de parentesco com o elemento luso-brasileiro, que entrou em minha simpatia desde a primeira viagem à região da campanha. Em Campo dos Bugres, me havia tornado amigo dos poucos brasileiros que ao lado dos pioneiros italianos lançaram os alicerces de Caxias do Sul: Luís Antônio Feijó Júnior, o intrépido desbravador mais conhecido pelo título de Conde Feijó; Antônio José Ribeiro Mendes, outro desbravador que acompanhou os primeiros imigrantes de Nova Milano, antepassados da numerosa e ilustre família Mendes; o intelectual Bento de Lavra Pinto e a todos os diretores da Colônia, os intendentos e funcionários da administração pública.<sup>98</sup>

É incomum, nesse caso, o fato de a família de imigrantes italianos ficar satisfeita com o casamento interétnico, pois diverge das pistas dispostas por historiadores acerca de situações semelhantes. Outro aspecto destacado em *Campo dos Bugres*, que destoa da divergência entre as duas culturas, são as trocas culturais entre os personagens italianos e lusos. A passagem em que Eduardo trabalha cercando a fazenda exemplifica o processo de trocas culturais:

---

<sup>97</sup> *Idem*, p. 57

<sup>98</sup> *Ibidem*, p. 89.

O trabalho no campo, em contato com os fazendeiros e seus peões foi-nos de grande utilidade. Íamos aprendendo a língua da terra, os hábitos dos gaúchos, comer churrasco, tomar chimarrão, fumar palheiro. Um domingo, assistimos até uma carreira, no final da qual tivemos que correr, pois rebentou uma briga feia, a tiro e a facão...<sup>99</sup>

Na obra, o interesse em conhecer os costumes era recíproco nos dois grupos. Ao mesmo tempo em que os italianos ficavam conhecendo hábitos dos gaúchos, levavam um pouco da sua cultura até eles. No trecho a seguir, Eduardo apresenta o vinho fabricado na colônia para os amigos fazendeiros:

Por vezes, em nossas tropeadas, fazíamos amizade com fazendeiros, sempre muito bons para nós. Uma vez ou outra, aceitávamos o convite de pousar em seus galpões, o que retribuíamos com vinho, que eles muito apreciavam.<sup>100</sup>

Enfim, o que une a cultura da imigração italiana à do Rio Grande do Sul é, estranhamente, o mesmo que as separou no início. Segundo Azevedo, os colonos se relacionavam, sobretudo economicamente, com os brasileiros por meio dos negociantes:

A região se interliga ao mesmo tempo com outras regiões do Brasil e com a própria Itália, por intermédio de comerciantes e pequenos industriais seus que viajam a Porto Alegre, a São Paulo, até à pátria de origem, para colocar suas mercadorias, comprar equipamentos, importar técnicas, e igualmente por meio de jovens que vão estudar naqueles e noutros centros urbanos.<sup>101</sup>

O entrelaçamento entre as duas culturas foi demorado. Azevedo afirma que, durante quarenta anos, os avisos das autoridades municipais e documentos judiciais eram divulgados nas duas línguas, italiano e português, o que demonstra a demora para que a integração efetivamente acontecesse.

Enfim, pela ampla análise dos papéis de cada membro formador da família, pode-se chegar a algumas conclusões: a mãe, apesar de ser rotulada algumas vezes de fraca e mal agradecida, também tem função importante na família, principalmente ao manter a tradição religiosa, trabalhar ao lado do marido e educar os filhos. O pai é o herói imigrante, o responsável pelo sustento da família, que trabalha incessantemente para alcançar esse objetivo, buscando sempre mais artifícios para uma vida digna e, se possível, com muita riqueza. Os filhos, por sua vez, recebem uma educação obviamente baseada nos valores dos pais, de vivência religiosa e dedicação ao trabalho. Nas obras analisadas, eles interiorizam os ensinamentos e carregam a missão

<sup>99</sup> *Ibidem*, p. 57.

<sup>100</sup> *Ibidem*, p. 65.

<sup>101</sup> AZEVEDO, Thales de. *Op. cit.*, p. 236.

de dar seqüência a essa forma de viver, repassando os ensinamentos aos seus próprios filhos.

### 3 A REPRESENTAÇÃO DO TRABALHO

Problemas políticos, econômicos e sociais foram determinantes para impulsionar a imigração da Itália para o Brasil. As guerras para a unificação do país, a falta de capital – que causou a diminuição de possibilidades de trabalho e as baixas remunerações –, a falta de interesse por parte do governo para a solução de questões sociais e o surto demográfico foram alguns desses problemas. No Brasil, ao contrário da Itália, o fim do tráfico de escravos, em 1850, resultou em falta de mão-de-obra. O governo estava interessado em povoar terras desabitadas e aumentar a produção agrícola no país. O fator racial também influenciou um apoio maior do governo à imigração européia:

Buscar o branqueamento da população constituiu um dos motivos da imigração. O Brasil, em 1800, possuía apenas um terço de sua população branca. Os estadistas do Império temiam que este se tornasse um Império Negro, que para as doutrinas racistas da época representava uma certeza de fracasso. Os imigrantes europeus se incumbiriam de tornar o Brasil branco, possibilitando maiores chances de progresso.<sup>102</sup>

Em vista disso, de 1875 a 1914, 80 mil imigrantes chegaram ao Rio Grande do Sul, vindos, principalmente, da Lombardia, do Vêneto e do Tirol. A maioria embarcou no Porto de Gênova, em uma viagem de navio que durava mais de um mês. Muitas crianças nasceram durante a travessia, enquanto outros morreram devido aos freqüentes surtos de doenças epidemiológicas. Não existem dados oficiais de quantos foram enterrados nos primeiros cemitérios, mas sabe-se que muitos morreram nos barracões ou logo que chegaram às colônias.

---

<sup>102</sup> GIRON, Loraine Slomp. *Op. cit.*, p. 21.

Construída por meio do processo migratório estabelecido pelo governo imperial no século XIX, a Região de Colonização Italiana no Rio Grande do Sul tem essa designação por ter sido constituída de colônias agrícolas. Os imigrantes vinham da Itália sem destinação preestabelecida. Alguns eram orientados por parentes ou amigos que já estavam no Brasil. Segundo Herédia<sup>103</sup>, a imigração no Rio Grande do Sul enfrentou várias orientações administrativas que divergiram conforme o período e a legislação correspondente. Alguns autores colocam 1875 como o ano de início efetivo da colonização italiana, já que as iniciativas anteriores não haviam sido bem sucedidas. Mas foi em 9 de fevereiro de 1870 que o governo cedeu à Província as terras devolutas situadas na região das matas. Surgia, então, a região colonial, formada pela Colônia aos fundos de Nova Palmira (Caxias do Sul), Conde D’eu (Garibaldi) e Dona Isabel (Bento Gonçalves). Na Colônia Caxias, 2.500 lotes foram disponibilizados. A Comissão de Terras demarcava o preço dos lotes, que variavam de dois a oito réis a braça quadrada. Quando chegavam aos lotes, os colonos já se encontravam endividados:

A dívida total dos colonos era constituída, além do valor dos lotes, pelos auxílios recebidos em alimentação, sementes, instrumentos agrícolas. As despesas de transporte da Europa para o Brasil, dos portos brasileiros até as colônias e sua hospedagem não eram computados na dívida, pois estes ficavam a cargo do governo imperial, que gastou bastante com as despesas da imigração e organização colonial. O cálculo da dívida individual, pelas despesas diversas, era calculado em 30% sobre o valor dos lotes. Ao receber os títulos provisórios o colono já deveria ter amortizado a dívida, para com os cofres públicos, em 20% pelo menos.<sup>104</sup>

As idéias de sofrimento e de progresso estão repetidamente associadas à noção de trabalho nas obras *Semblantes de pioneiros* e *Campo dos Bugres*. Logo nas primeiras linhas de *Semblantes de pioneiros*, a vida da personagem principal é descrita como “poema sublime de trabalho e sofrimento, de tenacidade e arrojo, de aventura e confiança desses milhares de colonizadores que, à semelhança de José Gelain, fizeram surgir do solo rude, regado a suor e sangue, a fulguração estupenda de tantas cidades, pletóricas de beleza e progresso”<sup>105</sup>.

A abertura de clareiras nas matas, a construção das casas de pau-a-pique, o cultivo da terra para o plantio das primeiras roças de feijão e milho eram algumas das

<sup>103</sup> HERÉDIA, Vânia Beatriz Merlotti. Etnicidade e cultura regional. In: BATTISTI, Elisa; CHAVES, Flávio Loureiro (Orgs). *Cultura Regional: língua, história e literatura*. Caxias do Sul: Educus: 2004, p. 76.

<sup>104</sup> GIRON, Loraine Slomp. *Op. cit.*, p. 26.

<sup>105</sup> BARBOSA, Fidélis Dalcin, 1961. *Op. cit.*, p. 13.

tarefas realizadas pelos imigrantes quando chegavam aos lotes. Eventualmente, conseguiam trabalho assalariado na abertura de estradas. No início, os métodos de cultivo da terra pelos camponeses eram bastante convencionais:

Os instrumentos básicos eram o arado pequeno e a enxada. Uma carroça, uma junta de boi, uma mula ou cavalo, uma vaca leiteira eram igualmente imprescindíveis à economia colonial. Mudas trazidas da Itália ou obtidas em São Sebastião do Caí permitiram que parreirais fossem plantados ali onde fosse possível. Muito logo, os imigrantes contaram com um vinho de discutível qualidade para consumo próprio.<sup>106</sup>

A maioria dos imigrantes que se integrou à região de colonização italiana no Rio Grande do Sul pertencia à classe camponesa, ou seja, vivia de uma cultura de subsistência. Segundo Giron, alguns tinham outras profissões, como as de artesãos, jornaleiros, cozinheiros, calafates, marinheiros, pedreiros, relojoeiros, carneiros, marceneiros, confeiteiros, foguistas, tintureiros, sapateiros, serralheiros e carpinteiros.

No centro da colônia, eram erguidos os núcleos urbanos. Neles, ficava a administração da colônia e a comercialização de artefatos para o trabalho na roça. O isolamento, tanto em relação a outras comunidades como dentro da própria região, fez com que proliferasse o pequeno comércio e a pequena indústria. Em 1882, já havia na região oficinas de ferreiro, latoeiro, correeiro, relojoeiro, carpinteiro, barbeiro, alfaiate, mais de 70 moinhos de trigo e milho, uma fábrica de cerveja, uma de aguardente e uma serraria. As indústrias locais eram destinadas às necessidades da população<sup>107</sup>.

Historiadores descrevem que o início do trabalho para as famílias de imigrantes italianos na região nordeste do Rio Grande do Sul se dava com o corte de árvores e com a construção das casas nos lotes, seguidos do começo das plantações. José Gelain, do conto “A odisséia de um imigrante”, também trabalha, primeiramente, no local destinado à moradia. No seu lote já havia uma casinha de 5 por 7 metros, que foi dividida com a família Caon, com a qual havia feito amizade ainda no navio. Quinze pessoas passam a morar no pequeno espaço, enquanto constroem a cozinha e derrubam a mata. Nem sempre há o que fazer na lavoura. Com o milho recém plantado, falta trabalho para os imigrantes. Uma alternativa para amenizar as dificuldades financeiras é trabalhar na abertura de estradas. O governo paga 60 mil réis por quilômetro de estrada aberta. Com o dinheiro, José e seus familiares compram comida e outros itens de primeira necessidade:

---

<sup>106</sup> IOTTI, Luiza Horn. *O olhar do poder: a imigração italiana no Rio Grande do Sul, de 1875 a 1914*, através dos relatórios consulares. 2.ed. Caxias do Sul: Educs, 2001, p. 79.

<sup>107</sup> AZEVEDO, Thales de. *Op. cit.*, p. 208.

Apesar de tanto trabalhar, nunca tínhamos nada. Aproveitamos, então, a oportunidade que o governo nos oferecia para abrir a estrada que devia ligar Campo dos Bugres ao Paese Novo, hoje Antônio Prado. Os imigrantes chegados há um ano tinham preferência na empreitada.<sup>108</sup>

Depois de alguns anos de trabalho, Gelain já possui uma grande plantação de milho, trigo e outros cereais, parreiral e pipas de vinho. Casa-se com Ana Bordignon e, no dia seguinte à festa de casamento, os dois começam a trabalhar na nova propriedade, em Nova Trento, hoje Flores da Cunha. Depois do nascimento da primeira filha, voltam a morar próximo aos parentes, em Nova Pádua.

Durante toda a narrativa, o trabalho incessante da família é referido pelo narrador. A exaltação do trabalho de José Gelain e de seus descendentes demonstra que, assim como a religião, o trabalho também é uma questão de tradição:

A numerosa, trabalhadora e inteligente descendência do fundador José Gelain, lá continua honrando a gloriosa tradição do heróico antepassado, brilhando nas mais diversas atividades, desde as alturas do Episcopado e do clero brasileiro até o mais humilde serviço do campo, imortalizando honradamente o nome e o sangue de um dos mais ilustres e esforçados vanguardeiros da imigração italiana no Rio Grande do Sul.<sup>109</sup>

De acordo com o texto, os descendentes de Gelain são trabalhadores honrados por dois motivos. Primeiro, por terem o sangue do herói. Tal colocação está diretamente ligada ao processo de mitificação do imigrante italiano, tema que ainda será tratado neste trabalho. E, segundo, porque seguem fielmente a tradição familiar, que incentiva o trabalho e exalta a religião. A passagem acima só vem a reforçar a importância da tradição para os imigrantes italianos como forma de garantir a sobrevivência da identidade étnico-cultural do grupo.

### 3.1 Os carreteiros e balseiros

O conto “Carreteiros” trata essencialmente do trabalho desses profissionais do transporte. Logo no início do texto, o autor faz uma referência ao monumento *A Carreta*, do escultor uruguaio José Belloni, exposta no parque Battle y Ordoñez, em Montevideu: “A Carreta é uma grandiosa homenagem ao veículo que representa; é o símbolo de trabalho do passado histórico que se perpetua no bronze”<sup>110</sup>. A rotina dos homens que conduziam as carretas é esmiuçada na narrativa:

<sup>108</sup> BARBOSA, Fidélis Dalcin, 1961. *Op. cit.*, p. 29.

<sup>109</sup> *Idem*, p. 47.

<sup>110</sup> *Ibidem*, p. 49.

A encosta da montanha escutou, por mais de dois decênios, o passo lento do cargueiro, na picada barrenta da mata. Nos primeiros anos, o ombro forte do imigrante transportava o saco de milho ou de farinha. Penosas caminhadas que duravam dias e semanas, rumbeando para o moinho, voltando para casa. Depois, apareceu o cavalo, o cargueiro, a tropa. Ah! a trágica história do tropeiro, é mais um canto do poema sem par, escrito a sangue, ao longo do estreito pique sem fim, no cairel do abismo, na sinistra tocaia do bandido e da fera bravia, aos chicotaços dilacerantes do minuano, na tristeza imensa dos dias de inverno, sob a chuva enregelada, com os passos cheios, na negra desolação do caminho encharcado, curtindo fome, frio, calor, em extenuantes jornadas intermináveis... Até que um dia surgiu a carreta.<sup>111</sup>

A carreta, puxada por mulas, cavalos ou bois, foi usada como meio de transporte da zona colonial por cerca de cinqüenta anos e servia para carregar gêneros alimentícios, instrumentos, produtos industriais e artigos de comércio. Inicialmente, poucos possuem o veículo, mas com o passar do tempo, praticamente todas as famílias fazem uso dele:

Partiam dos mais afastados recantos, carregadas de milho, trigo, feijão, batata, alfafa, madeira, erva-mate, porcos, couros e rumavam para os povoados, vilas e cidades. Voltavam trazendo fazendas, açúcar, sal e demais artigos do comércio.<sup>112</sup>

Bernardo Índio é a personagem principal do conto “Carreiros”. A rotina do italiano é relatada na narrativa. Seu trabalho inicia com a preparação da carga e dos animais que puxam a carreta. A difícil viagem em terreno acidentado garante-lhe muitas aventuras. Entre subidas e descidas, o veículo atola na lama e é retirado com a força das mulas e sob as blasfêmias da protagonista:

Perto de casa, já a carreta atolou no primeiro lodaçal, junto a um passinho. O carreiro velho não se apertava. Cravou as esporas na Ruana. Fez estalar o arredor. Deu quatro gritos entre crespas blasfêmias em italiano. As mulas estremeceram, num arranco supremo, alongando o corpo, quase a tocar o chão com o ventre. - Esse “tatu” foi fácil de arrancar, ponderou Bernardo. Era mestre na arte. Conhecia o instinto, a “psicologia” das mulas. Estavam adestradas a primor com o sistema. Grito e blasfêmia era o remédio certo, infalível.<sup>113</sup>

Segundo o narrador, Bernardo Índio sente-se culpado por “blasfemar” e, assim, ofender a Deus. Mas tem convicção de que seu trabalho está ligado ao progresso da colônia: “Se não fosse o carreiro quem é que transportava os gêneros, os artigos, toda espécie de carga? Na colônia, o progresso começou com o advento da carreta. Sem ela, a colônia morre, inevitavelmente. Ah! Póvera América!”<sup>114</sup>.

<sup>111</sup> *Ibidem*, p. 50.

<sup>112</sup> *Ibidem*, p. 51.

<sup>113</sup> *Ibidem*, p. 53.

<sup>114</sup> *Ibidem*, p. 57.

As viagens, inicialmente, duram aproximadamente 30 dias. Todavia, em 1910, é inaugurada a estrada de ferro para a colônia. Assim, os deslocamentos ficam mais curtos e Bernardo passa a viajar apenas a Carlos Barbosa e Bento Gonçalves. Em 1918, ele morre vítima da gripe espanhola.

O trabalho de mudanças também cabe aos carreteiros. A personagem Bordó, por exemplo, “carreteava de Caxias e Flores da Cunha para Vacaria, Lagoa Vermelha, Sananduva, transportando mudanças de emigrantes das velhas para as novas colônias”<sup>115</sup>. Entretanto, por volta de 1928, começam a aparecer os primeiros caminhões, e as carretas são substituídas, sendo apenas usadas em serviços da roça.

Na obra *Campo dos Bugres*, o narrador Eduardo descreve as mudanças ocorridas na colônia quando começou a ser usada a carreta:

Era a solene inauguração de uma nova etapa de progresso na colônia. As picadas dos travessões transformaram-se rapidamente em estradas de rodagem. A princípio, pequenas carretas de duas ou três mulas. Depois, as grandes carretas de terno, com sete mulas ou mais. (...) Fundaram-se fábricas de carretas e oficinas de consertos. Os criadores gaúchos ampliaram suas vendas de mulas. Os colonos intensificaram suas plantações de milho e alfafa, principal alimento dos animais de tração.<sup>116</sup>

Assim como a carreta, a balsa é outro meio de transporte que dá título a um conto, em *Semblantes de pioneiros*. André Stormowski, filho de poloneses nascido no município de Veranópolis, juntamente com os italianos João Canarin, João Zanelato e Pelegrino Soletti, são as personagens que exercem o ofício de balseiros. No texto, eram esses profissionais que distribuía para as grandes cidades a madeira chegada às margens dos rios por meio das carretas. O descendente polonês e seus amigos italianos formam uma ágil equipe de trabalho:

André agarrava, uma a uma, as compridas tábuas de mais de cinco metros. Enfiava pela bica de madeira, dava-lhes impulso, e deslizavam até o estaleiro. Em cima deste, lá embaixo, João Canarin recebia-as e atravessava-as no chão. João Zanelato pegava numa ponta, Pelegrino Soletti noutra. Encostavam-nas de quina, sobre as amarras de cipó-pau, já preparado, sapecado e torcido.<sup>117</sup>

O trabalho pesado de carregamento das balsas para viagem e as difíceis travessias fazem com que as personagens sejam elevadas à categoria de heróis na narrativa. Expressões como "esforço hercúleo", "homérica epopéia", "intrépido imigrante", "corcovos terrificantes das cachoeiras rugidoras", "insídias turbilhonantes

<sup>115</sup> *Ibidem*, p. 61.

<sup>116</sup> BARBOSA, Fidélis Dalcin, 1975. *Op. cit.*, p. 66.

<sup>117</sup> BARBOSA, Fidélis Dalcin, 1961. *Op. cit.*, p. 79.

das revessas" dão a impressão de que o trabalho dos balseiros não é praticado por humanos, mas por seres de força sobrenatural:

Durante meio século, as águas do Taquari e do Jacuí, serviram de via de transporte da indústria da madeira, poderosa fonte de riqueza da colônia. Sobre a líquida estrada, que Deus distendeu entre as montanhas e através dos vales, milhares de heróis anônimos, a par dos tropeiros e carreteiros, prescindindo de qualquer meio de transporte, sem despesa alguma para os cofres públicos, a exemplo de André Stormowski, colocaram a zona da serra no caminho vertiginoso do progresso e do esplendor, escrevendo a sangue uma página fulgurante da história econômica do Rio Grande do Sul.<sup>118</sup>

É evidente a relação que o narrador estabelece entre o desenvolvimento dos meios de transporte e o progresso da colônia. Como observado até aqui, a carreta e a balsa são usadas para mostrar como se deu o crescimento, principalmente econômico, da região.

### 3.1.1 Os tropeiros

O conto "Tropeiros" narra a história do italiano Francisco Dotti e seu filho caçula, Narciso. Desde o início, o texto valoriza o trabalho e a família do imigrante. Francisco vem para o Brasil ainda criança. Acompanha o trabalho realizado pelos pais e irmãos, participando dele precocemente. Passados os anos, casa-se com Maria Veronese e forma uma nova e numerosa família.

Assim como no conto descrito anteriormente, este também apresenta a história de uma família numerosa, característica comum aos imigrantes representados na obra. Nesse sentido, é interessante observar que Francisco, ainda criança, trabalha para ajudar os pais: "Viera pequeno da Itália, junto com a família. Acompanhara a penetração na mata. A derrubada. A queimada. A primeira colheita... Francisco Dotti madrugara na vida dura, aprendendo cedo a enfrentar afoitamente a luta titânica na selvatiquez da serra alpestre e ingrata"<sup>119</sup>.

Adulto, Francisco torna-se tropeiro. Carrega as mulas com barris de vinho que ele mesmo produz e, acompanhado dos filhos, vende o produto não só no Rio Grande do Sul, mas também em Santa Catarina. Passam os anos e, a seu exemplo, incentiva Narciso a trabalhar desde cedo: "Eu já estou velho e de saúde alquebrada. Agora toca a vocês agüentar o tirão. Narciso já anda nos oito anos. É gente. Meu filho, quem

---

<sup>118</sup> *Idem*, p. 86-87.

<sup>119</sup> *Ibidem*, p. 66.

madruga Deus ajuda. E quem vai longe, levanta cedo. E você, Narciso, deve ir longe na vida, conclui Francisco em tom profético”<sup>120</sup>.

O trabalho das crianças filhas de imigrantes italianos é citado em diversas obras sobre o tema. Segundo Thales de Azevedo, o horário das aulas nas escolas municipais de Caxias do Sul, a partir de 1945, foi adaptado para que as crianças pudessem trabalhar. Mesmo iniciando às 8 horas e terminando ao meio dia, no verão, e iniciando às 8:30 e terminando às 12:30, no inverno, alguns pais ficavam aborrecidos com o horário do inverno, pois achavam que as crianças chegavam em casa muito tarde, o que gerava atraso no serviço na roça. Alguns preferiam que as aulas iniciassem às 7 horas:

A participação das crianças e dos adolescentes nas tarefas agrícolas determina uma tolerância da escola nos horários de entrada e saída, encurtando o tempo das aulas e provoca, obviamente, uma diminuição da frequência nos períodos das safras, notadamente da uva. Aquela tolerância, diz uma professora, é um meio para não privar as crianças da escola.<sup>121</sup>

Enquanto as famílias mais abastadas enviavam os filhos para estudar nas capitais ou na própria Itália, a maioria dos imigrantes não dava grande importância ao estudo. Em contrapartida, era imenso o valor dado ao trabalho. Na opinião de Giron,

a maioria da população não se preocupava em mandar os filhos à escola, e quando os mandava não permaneciam mais do que um ou dois anos. O trabalho desde a mais tenra idade substituía o ensino. As crianças aprendiam a fazer suas tarefas, fazendo-as. As empresas industriais treinavam os aprendizes e desta forma conseguiam a mão-de-obra necessária ao trabalho industrial.<sup>122</sup>

Em *Campo dos Bugres*, uma passagem em que a mãe de Eduardo fala sobre educação leva a deduzir que a escola, a rigor, só foi realmente freqüentada pelos netos dos imigrantes: “- Que amor de netos que eu tenho! – exclamava a mãe. – E como são educados! Bem se vê que freqüentam o colégio! Coisa abençoada! Meus filhos nunca tiveram escola aqui no Brasil. Todos aprenderam a ler em casa. Só ler e escrever muito mal.”<sup>123</sup>

Quando, durante sua trajetória, Eduardo resolve sair da colônia para morar na cidade, tem um motivo econômico, ou seja, cuidar da cantina. Mas, com a mudança, ele acaba sanando outra preocupação, a de dar a oportunidade para os filhos

<sup>120</sup> *Ibidem*, p. 67.

<sup>121</sup> AZEVEDO, Thales de. *Op. cit.*, p.190.

<sup>122</sup> GIRON, Lorraine Slomp. *Op. cit.*, p. 59.

<sup>123</sup> BARBOSA, Fidélis Dalcin, 1975. *Op. cit.*, p. 87.

estudarem. De acordo com o texto, isso se dá em 1910, ano em que as possibilidades para estudar, em termos de instituições, já eram variadas na cidade de Caxias do Sul:

A transferência de moradia para a cidade resolveu este problema, que me preocupava seriamente: a instrução de meus filhos, que em 1910 somavam uma dezena, sete homens e três mulheres. Os rapazes, em número de quatro – Alberto, Henrique, Caetano e Vital – já alfabetizados por mim, foram matriculados no Colégio Nossa Senhora do Carmo, recentemente fundado pelos irmãos Lassalistas, vindos da França. Claudina, Isabel e Olinda freqüentavam o Colégio São José, das Irmãs de São José, que também eram francesas, havendo iniciado suas atividades na colônia de Conde d’Eu, a convite do Bispo de Porto Alegre, D. Cláudio Ponce de Leão, e dos Padres Capuchinhos, que lá se haviam instalado, por iniciativa do mesmo prelado, que foi buscá-los na França. Meus cunhados ainda em idade escolar foram outrossim matriculados nestes dois modelares educandários, que tanto vêm promovendo o ensino e a instrução em Caxias e na região.<sup>124</sup>

De acordo com Giron, somente com a proclamação da República, o Estado começa a intervir mais fortemente no ensino público. Antes disso, poucos imigrantes tinham acesso à escola:

Das antigas escolas particulares poucos dados restaram. Através de depoimentos é possível concluir que poucos filhos de imigrantes aprenderam a “ler e a contar” nas pequenas escolas na zona rural e junto aos imigrantes que se dispunham a ensinar aos filhos dos vizinhos. Esta foi a forma que os imigrantes encontraram nos primeiros tempos da colonização, o que não impediu o aumento do analfabetismo entre os filhos dos imigrantes.<sup>125</sup>

Mesmo com a oferta de ensino público estadual, a preferência era pelas escolas privadas que ensinavam em italiano:

O papel da escola “italiana” foi muito importante na manutenção da língua e do culto da Itália como pátria dos filhos dos imigrantes. (...) As chamadas “escolas italianas”, isto é, escolas privadas que ensinavam em língua italiana, tiveram vida curta. Os professores, no final do século, naturalizaram-se e passaram a lecionar nas escolas públicas.<sup>126</sup>

Em 1919, o português passa a ser obrigatório em todas as escolas. A decisão faz parte da política de nacionalização do ensino: “(...) a escola tornou-se elemento de mediação entre o filho do imigrante (ele muitas vezes imigrante também) e a nova pátria, tornando-o apto para comunicar-se em língua portuguesa. A expansão do ensino corresponde à expansão da nacionalização dos pequenos italianos.”<sup>127</sup>

O fenômeno da imigração interna, a expansão do mercado dos centros maiores e o estabelecimento de escolas bilíngües, somados à melhoria das estradas existentes e

<sup>124</sup> *Idem*, p. 78

<sup>125</sup> GIRON, Lorraine Slomp. *Op. cit.*, p. 57.

<sup>126</sup> *Idem*, p. 57.

<sup>127</sup> *Ibidem*, p. 101.

à abertura de novas vias de comunicação, foram fatores essenciais para a mudança da situação de isolamento. A expansão da cultura da videira e a infra-estrutura que possibilitava a comercialização fizeram com que os imigrantes passassem de trabalhadores, numa cultura de subsistência, para comerciantes. É nesse momento que acontece o processo de integração do imigrante italiano à comunidade brasileira:

A comercialização dos produtos foi solapando as últimas barreiras do isolamento da Região, pois, à medida que se ampliava o mercado, cresciam as necessidades e inter-relacionamento sócio-econômico. Desse modo, as pequenas comunidades sofreram um processo de integração com as comunidades mais representativas do comércio e da indústria.<sup>128</sup>

Segundo a autora, para possibilitar as negociações, o sistema lingüístico também sofreu transformação. Porém, não foi totalmente substituído pela língua portuguesa. Isso ocorreu porque as capelas congregaram em torno de si grande parte das atividades sociais e todas as atividades religiosas. Assim, os dialetos italianos se mantiveram. Como a freqüência escolar ainda era pequena, a região não havia recebido pessoas de diferentes etnias e os intermediários do comércio eram bilíngües, os italianos não sentiam necessidade de aprender a língua portuguesa.

O desenvolvimento industrial também ajudou a integrar os imigrantes à realidade estadual e nacional. Em 1890, na 5ª légua, em Caxias do Sul, já existiam pequenas indústrias que serviam ao mercado local. Eram cinco moinhos, duas cervejarias, uma ferraria e uma serraria. Em 1899, as indústrias de consumo representavam 61% da produção. De 1913 a 1920, surgiam as indústrias metalúrgicas, de produtos químicos, de erva-mate, de vela, de cola, de tecidos e uma charqueada. A instalação do telégrafo, em 1895, a construção da ferrovia que ligava o município a Porto Alegre, em 1910, a instalação da energia elétrica, em 1913 e a Primeira Guerra Mundial acabaram com o isolamento natural e aceleraram o progresso na região.

Em *Campo dos Bugres*, o narrador compara a velocidade do crescimento das atividades econômicas com as culturais e de ensino. E chega à conclusão de que essas últimas andaram a passo lento em relação às primeiras:

O ensino, a instrução, a cultura, não acompanhavam o mesmo ritmo acelerado da indústria e do comércio. O imigrante italiano, metido no mato, inteiramente entregue ao trabalho material, não encontrou estímulo cultural. Apesar disso, filhos de imigrantes já freqüentavam as Universidades.<sup>129</sup>

<sup>128</sup> *Ibidem*, p. 77.

<sup>129</sup> BARBOSA, Fidélis Dalcin, 1975. *Op. cit.*, p. 97.

O acesso de filhos de imigrantes ao ensino superior só acontece porque puderam freqüentar escolas, quebrando, assim, a “barreira” da língua, talvez o maior impedimento para que os italianos estivessem melhor integrados como cidadãos brasileiros. Para Thales de Azevedo, mesmo participando da cultura nacional, o colono se mantém, por muito tempo, italiano. A mudança, segundo o estudioso, não é completa para o imigrante, que acaba somando elementos italianos e brasileiros. Transformação, mesmo, ocorre somente com seus filhos:

A ressocialização nos *travessões* o vai transformando e essa mudança logo se acentua nos filhos criados ou nascidos nas colônias, de tal modo que em alguns decênios nem é mais realmente italiano nem inteiramente brasileiro: é o “italiano”, que vem, anos após, a estranhar e a distinguir-se do “italiano nato” que chegou ao Rio Grande depois da I Guerra Mundial e que também já não se reconhece no colono o italiano propriamente dito, dadas as peculiaridades de sua cultura e o seu específico *status* na sociedade inclusiva. O qualificativo “italiano” deixa de ser unicamente o gentílico, para denotar um tipo social de camponês.<sup>130</sup>

Entre a distância da pátria mãe e o estranhamento à nova pátria, o imigrante passa por uma crise de identidade. Ainda segundo Azevedo, o italiano torna-se o “colono”, ou seja, um tipo social que une em si a herança cultural européia e a inserção na sociedade campesina brasileira do século 19.

No conto de *Semblantes de pioneiros* dedicado ao trabalho dos tropeiros, bem como em passagens de *Campo dos Bugres* também aqui retomadas, o processo de integração do imigrante italiano no Brasil é exemplificado. As descrições sobre as trocas comerciais e as dificuldades para que pudessem estudar dão uma noção dos problemas superados para que ocorresse a inserção no país que os recebeu. A idéia que fazia do Brasil antes de emigrar, baseada na propaganda dos agenciadores, geralmente não correspondia com a realidade encontrada, o que também dificultou e atrasou a adaptação.

### 3.2 A Cocanha reinventada

A primeira versão escrita sobre a Cocanha de que se tem conhecimento, data de mais de setecentos anos atrás. Trata-se do poema anônimo *Fabliau da Cocanha*. Segundo Hilário Franco Júnior, o manuscrito foi redigido na Picardia, em meados do

<sup>130</sup> AZEVEDO, Thales de. *Op. cit.*, p 250-260.

século XIII. No final do mesmo século, foi redigida a versão inglesa. The land of Cokayne, assim como a versão francesa, também celebra a gula, as facilidades com pouco trabalho, entre outras características próprias do País da Cocanha. Esse país imaginário foi inventado pelos povos para superar carências vividas no país real: “Os sonhos sociais, expressados literária ou artisticamente, tendem a substituir o banal, o conhecido, pelo ausente, pelo desejado”<sup>131</sup>.

A utopia da abundância era comum também no imaginário dos imigrantes que deixavam a Itália para tentar a vida no Brasil. Eles eram influenciados, principalmente, pelos agenciadores e propagandistas das Companhias de Colonização e das Sociedades de Navegação enviados pelo governo. Esses recrutadores tentavam inculcar nos italianos a idéia de que a América era o “Paese di Cuccagna”<sup>132</sup>. Assim, passavam a acreditar que emigrar significaria sair da situação de miséria e fome para viver no paraíso e enriquecer facilmente.

Os personagens de *Semblantes de pioneiros* e *Campo dos Bugres* também são incentivados a acreditar que o Brasil é o País das Maravilhas. Um exemplo disso é Eduardo, personagem principal de *Campo dos Bugres*. Instigado pela possibilidade de enriquecer, passa a ver a emigração como único caminho para uma vida melhor:

O meu destino estava traçado, inapelavelmente traçado: emigrar. Emigrar como fizeram meus pais e tantas famílias da Província de Treviso e de todo o norte da Itália. Emigrar para a América. Ah, a América! A bela América, terra de promessa! Era o grito que se ouvia em todas as aldeias do Vêneto. Milhares de famílias já haviam sido arrastadas pela sedução de uma vida melhor. Partiram contentes, fiados na promessa de receber, a troco de serviço, e mesmo de graça, um pedaço de terra que nunca puderam conseguir na Itália. O governo do Brasil, a princípio, custeava até as despesas de viagem. E, ao tomar posse de sua propriedade, o imigrante recebia ferramentas, sementes e víveres até a primeira colheita... Era uma tentação. Tentação avassaladora, a que pouca gente resistia.<sup>133</sup>

Algumas frases desse excerto traduzem a crença das personagens na Cocanha. Eduardo acredita que a América é a terra da promessa, sob o argumento de que, se esse era o comentário geral nas aldeias do Vêneto, então ela deveria realmente existir.

<sup>131</sup> JÚNIOR, Hilário Franco. *Cocanha: a história de um país imaginário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 16.

<sup>132</sup> “A topografia do Paese di Cuccagna é dominada por uma montanha, na verdade um vulcão, que expele, continuamente, moedas de ouro. Quando chove, nesse país, chovem pérolas e diamantes, mas podem chover também raviólis. (...) Rios de vinho grego são atravessados por pontes de fatias de melão, e lagos de molhos soberbos estão coalhados de polpete e fegatelli. Fornadas permanentes de pão de farinha de trigo abastecem os habitantes do lugar. Aves assadas despencam do céu, direto sobre a mesa, enquanto as árvores cobrem-se de frutos nos doze meses do ano. (...)” (Cleodes Piazza Ribeiro, “Paese di Cuccagna ou País das Maravilhas”. Abertura da obra *A Cocanha*, de José Clemente Pozenato).

<sup>133</sup> BARBOSA, Fidélis Dalcin. *Op. cit.*, p. 8.

Ele também é influenciado pelo fato de outras famílias já terem emigrado, felizes, seduzidas pela possibilidade de ascensão econômica. As promessas dos recrutadores também exerciam influxo sobre Eduardo, que acreditava cegamente nos benefícios oferecidos, a começar pela oferta de terra. Enfim, para fugir da falta de oportunidades de trabalho, da pobreza e dos problemas pelos quais a Itália passava naquele momento, Eduardo parte para o Brasil com a convicção de que aqui encontraria tudo o que precisava para ter uma vida mais digna.

No conto “A epopéia do imigrante”, a personagem principal, Valentim Merlo, também vem para o Brasil acreditando na promessa de que o país seria o verdadeiro paraíso, lugar para enriquecer rapidamente: “Na velha e pacata aldeia de Miane, naquele ano de 1879, todos falavam na América. O Novo Mundo, diziam, é um céu aberto. La Cucagna. Solo abençoado de maravilhosa fartura. Verdadeira terra da promessa. O Eldorado das lendas, onde repousam fabulosas riquezas”<sup>134</sup>.

Nessa passagem, o autor faz uma referência à lendária cidade de Eldorado. Em *Festa e Identidade*, Ribeiro afirma que a analogia entre o País da Cocanha e o Eldorado americano está entre as motivações para a emigração:

Em síntese, a memória popular seleciona e identifica as causas da imigração em dois aspectos essenciais: a fome e a necessidade de trabalho que, para o camponês, significavam, essencialmente, falta de terra para cultivar. Outras razões, e de outra ordem poderiam ser mencionadas como, por exemplo, o apelo do mito do Eldorado americano que, na tradição da cultura camponesa será análogo ao mito del paese di cuccagna, causa de desilusões e de alguns pedidos de repatriamento.<sup>135</sup>

Porém, a estudiosa ressalta que apesar de a emigração ser “identificada por alguns imigrantes como a viagem para um imaginário país de prazeres e delícias gastronômicas”, para a grande maioria, ela foi encarada como “a forma definitiva de resolver os problemas com os quais se viam envolvidos”<sup>136</sup>. Ou seja, a possibilidade de deixar para trás uma série de problemas econômicos e políticos e recomeçar em um novo lugar, impulsionava os imigrantes.

Ainda em “A epopéia do imigrante”, chama a atenção uma frase do narrador sobre Valentim Merlo: “Valentim Merlo não era mesmo pobre”. Essa sentença suscita a dúvida a respeito dos motivos que levaram um italiano que não estava em condição de pobreza a emigrar. Essa personagem difere das demais encontradas nas obras de Fidélis Dalcin Barbosa:

<sup>134</sup> BARBOSA, Fidélis Dalcin, 1961. *Op. cit.*, p. 109.

<sup>135</sup> RIBEIRO, Cleodes Piazza Júlio. *Op. cit.*, p. 65.

<sup>136</sup> *Idem*, p. 66.

Valentim Merlo não era mesmo pobre. Vivia bem, desfrutando o rendimento do aluguel de suas propriedades. Arcângela, uma jovem e linda esposa, trabalhava em fábrica de tecidos, enquanto a empregada Marieta cuidava dos três filhinhos e dos afazeres domésticos. Um irmão, ex-seminarista e agora professor, emigrara para a África. Outro irmão, Marcos, encontrava-se no Brasil, fazia um ano. Foram ambos em busca de aventuras. A exemplo dos manos, a sedução do decantado continente, a ambição de maiores riquezas, decidiram definitivamente a partida da pequena família.<sup>137</sup>

Duas informações contidas nessa passagem podem ser consideradas como motivos que levaram a família a emigrar. Em primeiro lugar, o texto indica que Valentim, a exemplo dos irmãos, foi seduzido pela América e saiu em busca de aventuras. Em segundo, ele foi movido pela ambição, saindo em busca de mais riqueza. Nesse caso, apenas o deslumbramento com o País da Cocanha, que representava entre outras coisas, o enriquecimento fácil, explica por que Valentim emigrou. Tal constatação é reforçada no trecho reproduzido a seguir:

Em casa, nos cafés, nos agrupamentos no largo da igreja matriz, antes e depois da missa dominical, nas fábricas, em toda a parte, a América era o assunto obrigatório da conversa. As próprias canções e modinhas populares exaltavam o longínquo país encantado, o cobiçado Xangri-lá do mundo da fantasia. E no cérebro da ardorosa mocidade, dos vigorosos pais-de-família, sonhos doiravam castelos de fadas. Ninguém resistia à fascinante atração da América. Todos ambicionavam emigrar. As primeiras famílias partiram havia poucos anos. Notícias chegavam animadoras, falando da espantosa fertilidade da terra. Lá um lavrador enriquece em poucos anos.<sup>138</sup>

Diferente da personagem Valentim, que foi movida pela ambição e até mesmo pela curiosidade, José Gelain, de “A odisséia de um imigrante”, narra que quando o avô aconselhou seu pai a emigrar com a família estava pensando não só na possível melhoria econômica, mas também na resolução de um problema que poderia atingir os netos:

Disse o avô para meu pai: - Caro filho, Vittore, eu te dou um conselho. Vai também para a América. Já tens filhos grandes e poderão te ajudar a trabalhar. Ganharás bastante dinheiro e comprarás bastante terra. Será a tua sorte e de teus filhos que ficarão isentos do Serviço Militar. Pelo menos, salvarás os filhos, porque está iminente uma guerra na África.<sup>139</sup>

Além da possibilidade de conseguir terras e dinheiro fácil, alguns imigrantes viam na viagem uma forma de fugir de problemas que tinham que enfrentar na Itália. O problema, no caso dos Gelain, era a possibilidade de os filhos terem que servir o

<sup>137</sup> BARBOSA, Fidélis Dalcin. *Op. cit.*, p. 109-110.

<sup>138</sup> *Idem*, p. 109.

<sup>139</sup> *Ibidem*, p. 19.

exército e lutar numa guerra. Entre uma gama de razões para a imigração, essa também foi ressaltada como determinante por Ribeiro:

(...) se os sofrimentos, a fome, a dureza da luta pela sobrevivência, as adversidades decorrentes de um conjunto de situações emergentes foram os principais motivos que induziram à fuga em massa dos camponeses pobres, esses motivos não foram os únicos. Perseguições políticas, mobilização militar, punições operárias foram também elementos coercitivos para a emigração.<sup>140</sup>

Entretanto, se havia terra para trabalhar, ela tinha um custo inesperado que exigia anos de trabalho. Assim, a riqueza prometida pelos agenciadores não foi alcançada por todos. Em suma, o país das maravilhas não existia como era imaginado. Segundo Thales de Azevedo, “apesar de seu sucesso, a imigração italiana foi afetada no Rio Grande pelo retorno de descontentes inadaptados e mal sucedidos”<sup>141</sup>. Isso mostra que as descrições que se referem a uma prosperidade generalizada dos italianos no Brasil não são verdadeiras.

No desencadeamento das narrativas de Fidélis Dalcin Barbosa, o discurso da Cocanha, da idealização antes da chegada, é substituído pelo da sobrevivência e pela resignação aos desígnios divinos: “Negros anos de dura crise para derrubar o ânimo dos fortes. Mas o vento da provação o que fazia era avivar como a brasa a alma destes bravos. Viviam contentes, felizes, à luz da fé, resignados à vontade de Deus”<sup>142</sup>. Já não havia espaço para sonhos e, por isso, era comum a busca de subterfúgios para enfrentar a dura realidade que se apresentava. Uma delas, como será visto adiante, foi o apego à religião.

Mesmo assim, o enriquecimento dos imigrantes e o crescimento da região são louvados nas obras em análise. O vigésimo primeiro capítulo de *Campo dos Bugres*, por exemplo, trata essencialmente do nascimento e da expansão da indústria no município de Caxias do Sul. O narrador ainda é Eduardo, porém, fica difícil para o leitor identificar o limite entre a ficção e a realidade, já que nomes de pessoas e empresas conhecidas na região aparecem no texto. Um exemplo ocorre quando Eduardo relata à mulher sobre alguns colonos conhecidos que fundaram indústrias:

- Pois é, aí está outra importante fábrica fundada por humildes colonos: José Comerlato, José Berno, José Casa, José Bolfe, João Mincato. Aproveitaram a queda d’água do arroio Pinhal para iniciar um pequeno lanifício. Mais tarde, veio a firma Chaves e Almeida, de Porto Alegre, e comprou dos colonos. Hercules Galló assumiu a direção. Foi à Itália, trouxe técnicos e aí está o

<sup>140</sup> RIBEIRO, Cleodes Piazza Júlio. *Op. cit.*, p. 66.

<sup>141</sup> AZEVEDO, Thales de. *Op. cit.*, p. 95.

<sup>142</sup> BARBOSA, Fidélis Dalcin, 1961. *Op. cit.*, p. 45.

grande Lanifício São Pedro. E sabe duma coisa, Rosalina, o Matteo Gianella, o atual diretor, disse para mim que vai sair da firma para fundar outro lanifício por conta na vila.<sup>143</sup>

A possibilidade de trabalhar ou possuir terras para cultivar fazia parte do imaginário do imigrante sobre o País da Cocanha. Por isso, o desenvolvimento da economia local, que proporcionou a alguns imigrantes a conquista de lucro e capital, parece ser representada em *Semblantes de pioneiros* e *Campo dos Bugres* como uma forma de cumprimento tardio das idealizações da Cocanha. A exaltação do que foi alcançado pelos imigrantes como forma de progresso e crescimento econômico é indicativo de que se cumprira o que o italiano esperava encontrar no Brasil: em última instância, riqueza e dignidade. O apego ao dinheiro é um sintoma do desejo de alcançar a riqueza, e o acúmulo de capital, a realização desse desejo. Em outras palavras, percebe-se, nas narrativas de Fidélis, que, apesar de não encontrar a Cocanha pronta quando chegaram, com extenuante trabalho os imigrantes a construíram.

Os exemplos da exaltação do crescimento econômico nas obras analisadas são muitos. No vigésimo segundo capítulo de *Campo dos Bugres*, o narrador descreve a inauguração da estrada de ferro que ligaria Caxias do Sul a Porto Alegre como o acontecimento do século, relacionando-o com uma fase de grande desenvolvimento:

Os caxienses souberam portar-se à altura deste extraordinário acontecimento, não só intensificando a agricultura e a vinicultura, mas principalmente enriquecendo a colônia com novas indústrias, cujos produtos seguiriam agora para os centros do País de trem, em viagem rápida e segura.<sup>144</sup>

De acordo com o texto, a inauguração da rede de energia elétrica, em 1913, também impulsionou a indústria caxiense. Em 1914, a Primeira Guerra Mundial teria prejudicado a economia da colônia, pois, além da pausa na importação de maquinário para a indústria, homens eram enviados para a batalha. Mas Eduardo Segalla não se deixa abater, afinal, ele é um “herói imigrante” e acaba tirando proveito da situação:

Durante os quatro anos de guerra, não houve importação de qualquer espécie. Eu tratei, por isso, de me aproveitar da situação, suprimindo a falta de vinho europeu no mercado brasileiro com o meu. Um dia fui a São Paulo de trem e entabulei um excelente negócio, que me obrigou a ampliar o vinhedo e a cantina.<sup>145</sup>

<sup>143</sup> BARBOSA, Fidélis Dalcin, 1975. *Op. cit.*, p. 71.

<sup>144</sup> *Idem*, p. 75.

<sup>145</sup> *Ibidem*, p. 79.

A derrota, ou o “retorno de descontentes inadaptados e mal sucedidos” à Itália, referido por Thales de Azevedo, definitivamente não aconteceu para as personagens de *Semblantes de pioneiros* e *Campo dos Bugres*. Mesmo em momentos difíceis, os astutos italianos representados nessas obras enxergavam um novo negócio e encontravam mais maneiras de ganhar dinheiro. Em outras palavras, para eles, o Brasil era, sim, o País da Cocanha. Eles jamais sucumbiam. Para isso, além da própria visão para os negócios e da inteligência, contavam com uma parcela da colaboração divina, buscada por meio de sua religião.

#### 4 A CONSTRUÇÃO DA ITALIANIDADE

Duas etapas fundamentais marcam a Região de Colonização Italiana no Rio Grande do Sul quando o assunto é “pátria”. Inicialmente, uma fase de italianidade é imposta aos imigrantes, com a difusão de idéias de culto à Itália e sua política. Estudiosos já levantaram questões sobre as idéias fascistas inseridas pelo governo de Benito Mussolini nas comunidades criadas pelos imigrantes, inclusive na RCI. Isso teria se dado, principalmente, por meio das sociedades italianas que, a princípio, teriam apenas papel associativo na vida dos imigrantes. Os imigrantes criavam associações, como forma de apoio para enfrentar as dificuldades da nova vida em local estranho. Na opinião de Thales de Azevedo,

estruturas permanentes, como associações profissionais de classe e de beneficência, de ajuda mútua e de assistência médica, bem como mantenedoras de escolas, cooperativas de produção, bandas de música ou grupos filodramáticos, lojas maçônicas e clubes recreativos, irmandades religiosas, sociedades de concidadãos, até comitês locais de instituições sediadas na Itália e grêmios inspirados nas idéias de políticos italianos, surgem por todo o Rio Grande, onde quer que se encontrem núcleos de imigrantes italianos (...).<sup>146</sup>

Quando Thales de Azevedo fala em idéias de políticos italianos, está fazendo uma sutil referência ao fascismo de Benito Mussolini, que inseriu seus tentáculos entre os imigrantes. Por isso, algumas associações eram criadas para difundir o fascismo na Região de Colonização Italiana. Para Giron,

ao que tudo indica, foi a partir das Sociedades Italianas que o movimento teve início. As sociedades italianas, com seus objetivos de cultivar os valores da italianidade e ainda suas funções de assistência e ensino, constituíam-se

---

<sup>146</sup> AZEVEDO, Thales de. *Op. cit.*, p. 206.

no topos propício para a organização dos “fasci”. Deve-se destacar que nem todas as sociedades sediaram “fasci”, sendo que as duas organizações eram independentes, mas foi a sociedade italiana o local indicado para congregar os associados em torno de um novo e mesmo ideal: o culto da Itália e de suas novas instituições políticas.<sup>147</sup>

A Igreja teve papel fundamental na divulgação das idéias fascistas: “Os sacerdotes pregavam pouco sobre os dogmas da fé; preocupavam-se mais com a orientação moral e com a orientação política dos fiéis”. Outro importante apoio recebido pelo fascismo na década de 1930 foi, segundo a autora, da imprensa regional:

A propaganda das realizações fascistas e dos ideais do regime apareciam como uma constante nos periódicos regionais. Em dois periódicos, a Itália constituía a fonte básica de informações: o *Staffeta Riograndense* e *Il Giornale Del Agricoltore*. Ao leitor desavisado, pode parecer que foram editados na Itália, aparecendo em segundo plano o país onde se situavam, no caso, o Brasil.<sup>148</sup>

Rovílio Costa, por sua vez, afirma que o fundador da Missão dos Capuchinhos Franceses no Rio Grande do Sul, Frei Bruno de Gillonnay, tinha um projeto de implantação de um veículo de comunicação católico na Região de Colonização Italiana. Tal projeto foi descrito por Frei Bruno num relatório enviado a Dom João Batista Scalabrini, fundador da Congregação dos Padres Carlistas, no qual dizia considerar sua implantação necessária à evangelização. Parte do relatório foi reproduzido por Rovílio Costa:

Não a imprensa como é entendida na Europa, isto é, imprensa política, de novidades, de lutas apaixonadas. Não é este tipo de imprensa que queremos aqui. Trabalhamos para estabelecer com simplicidade, no centro da colônia italiana, uma pequena impressora, que levará, periodicamente, no seio das famílias, em sua língua materna, uma página do santo Evangelho, explicada e comentada, uma história edificante, alguns conselhos de agricultura, a indicação de algumas brochuras adaptadas às necessidades dos colonos (...).<sup>149</sup>

O desejo de Frei Bruno de Gillonnay foi manifestado em 1904, mas não prontamente atendido, pois o primeiro jornal católico fundado na região foi o *La Libertà*, em 13 de fevereiro de 1909. Por motivos pouco explicados no texto, logo após a fundação, o periódico passou a chamar-se *Il Colono Italiano*. Em 1912, surge o

<sup>147</sup> GIRON, Loraine Slomp. *As sombras do littorio* – O fascismo no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Parlenda, 1994, p. 85.

<sup>148</sup> *Idem*, 93.

<sup>149</sup> COSTA, Rovílio. A imprensa católica nas colônias italianas. In: BÓ, Juventino Dal; IOTTI, Luiza Horn; MACHADO, Maria Beatriz Pinheiro (Orgs.) *Imigração italiana e estudos italo-brasileiros* - Anais do Simpósio Internacional sobre Imigração Italiana e IX Fórum de Estudos Ítalo-Brasileiros. Caxias do Sul: EDUCS, 1996, p. 492.

*Corriere d'Italia*. Depois de passar por uma crise econômica, a direção do jornal passou do Pe. Estevão Minetti para o Pe. João Costanzo. Segundo Rovílio Costa, Pe. Costanzo era uma pessoa muito competente para dirigir o jornal: “Não podia ter feito escolha melhor! Italianíssimo, tenaz, polêmico, vigoroso, escritor de estilo fácil, o Pe. Costanzo era um homem certo no lugar certo!”<sup>150</sup> De 1917 a 1921, Pe. João Costanzo também dirigiu o *Corrieri d'Italia*, cargo que acabou deixando por problemas de saúde. Durante esse tempo, o veículo passou por diversas dificuldades:

Naqueles 4 anos, o jornal continuou a ser o verdadeiro jornal católico da colônia italiana, não obstante a surda e desleal luta que lhe era movida por inimigos, as cartas anônimas, as ameaças e calúnias que semanalmente chegavam à redação. Em 1918, a grande guerra terminava com a vitória da Itália e o *Corrieri d'Italia*, em dias tão felizes, viu-se festejado inclusive por elementos heterogêneos!<sup>151</sup>

Em 1921, o *Corrieri d'Italia* foi transformado em *Staffetta Riograndense*. Anos mais tarde, o governo brasileiro proibiu o uso de nomes em língua estrangeira, inclusive para veículos de comunicação. Assim, o jornal passou a se chamar *Correio Riograndense*, periódico em circulação até hoje. Os motivos que levaram o governo brasileiro a proibir o uso de palavras estrangeiras estão ligados ao nacionalismo, movimento iniciado também como forma de reação ao fascismo, que perdurou por alguns anos na RCI.

O fascismo foi um movimento dirigido pela elite intelectual para a elite econômica. Os pequenos produtores, os colonos, não interessavam economicamente ao governo italiano. Apesar de influenciados pelas idéias fascistas, uma vez que eram fiéis à Igreja Católica, que divulgava tais valores, os colonos não participavam do Partido Nacional Fascista, como explica Giron: “Seria cometer um equívoco julgar que toda a região colonial italiana tivesse sido envolvida pelo fascismo, enquanto ação política. Movimento dirigido pela elite intelectual para a elite econômica, o fascismo nunca procurou envolver os pequenos produtores”<sup>152</sup>.

Pela farta propaganda, todos os imigrantes eram tachados, injustamente, de fascistas. No entanto, poucos compartilhavam de tais ideais, bem como operários e a classe média urbana, que acabou envolvida com a Ação Integralista Brasileira. João Brusa Neto, um dos líderes da reação contra o fascismo na região, prestou um depoimento ao Arquivo Histórico de Caxias do Sul, em 15 de agosto de 1988: “...sobre

<sup>150</sup> *Idem*, p. 494.

<sup>151</sup> *Ibidem*, p. 494.

<sup>152</sup> GIRON, Loraine Slomp, 1994. *Op. cit.*, p. 114.

todos nós pesava a pecha de fascista”. Ele foi um dos fundadores do jornal *A Época*, que reuniu jovens intelectuais que foram os primeiros a reagir contra o fascismo:

A reação contra o movimento partiu de jovens pertencentes às camadas médias, que eram brasileiros e comungavam dos ideais nacionalistas de Vargas. Os jovens que tinham alguma formação intelectual rejeitavam tanto o fascismo quanto o integralismo, optando por posições nacionalistas e liberais. A reação contra o fascismo uniu liberais e comunistas (união precária e transitória), criando centros cívicos e participando da Liga de Defesa Nacional. O grupo criou o jornal *A Época* que se tornou o porta-voz do nacionalismo e das ações contra os fascistas.<sup>153</sup>

O poder público municipal, ligado à burguesia, havia protegido a ação dos fascistas na região. Por isso, o governo demorou para intervir no caso. Quando interveio, tomou atitudes que feriram direitos de todos os cidadãos, deixando muitos fascistas impunes:

Os fascistas que haviam participado do movimento nada sofreram. Passando a colaborar com o governo brasileiro na produção de armas e munição tornaram-se elementos de confiança do poder público. A apreensão de armas, livros, e objetos que poderiam referir-se à Itália atingiu a população como um todo. Foi proibido falar em língua estrangeira em locais públicos. O processo de nacionalização forçada atinge a Região com a força de um terremoto, modificando de forma decisiva as relações familiares e antigos hábitos. Desta forma as penas devidas ao fascismo foram expiadas por toda a população.<sup>154</sup>

O trabalho de italianização durou de 1934 a 1938. A inexistência de uma ação governamental para punir os fascistas parece indicar que o governo brasileiro estava mais preocupado em perseguir os italianos que não sabiam falar português, do que os que nutriam desprezo pelo Brasil e pelos brasileiros. A derrota do Eixo, na 2ª Guerra Mundial, forçou uma decisão – que já estava se encaminhando – pelo nacionalismo. A construção do Monumento ao Imigrante, em 1950, marcou o começo de uma fase de entendimento entre brasileiros e italianos:

Terminada a Guerra, o Estado brasileiro vai retratar-se prestigiando a construção do Monumento Nacional ao Imigrante. Tendo sido iniciado em 1950 o projeto, da comissão executiva para a construção faziam parte homens que haviam liderado o movimento fascista. Na base do monumento lê-se: “A Nação Brasileira ao Imigrante”. Inaugurado por Vargas, o Monumento marca a reconciliação entre o Brasil e os estrangeiros que o povoaram. A comemoração do 75º aniversário da imigração constitui o marco final dos conflitos ocorridos durante a guerra.<sup>155</sup>

---

<sup>153</sup> *Idem*, p. 150.

<sup>154</sup> *Ibidem*, p. 151.

<sup>155</sup> *Ibidem*, p. 153.

Os conflitos entre as ideologias de italianidade e nacionalidade podem ter criado uma confusão de idéias, sentimentos e atitudes nos imigrantes italianos e seus descendentes. Inicialmente, eles passaram por um processo de mudança muito grande, saindo da Itália em busca de melhores condições de vida num país distante. A segunda etapa foi a da adaptação a esse país. Vieram as dificuldades do dia-a-dia, como o isolamento, o trabalho duro, a falta das boas condições que esperavam encontrar. Então, as instituições em que mais confiavam, como as Sociedades Italianas e a Igreja, levavam até eles idéias de italianidade, incentivando pensamentos que exaltavam a Itália em detrimento do Brasil. Talvez esse processo tenha atrasado ainda mais a inserção dos imigrantes no Rio Grande do Sul. Depois, veio a onda nacionalista, e todos os imigrantes que eram julgados, incondicionalmente, de fascistas, sofreram retaliações por parte do governo brasileiro.

Nesse contexto, os personagens de *Semblantes de pioneiros* e *Campo dos Bugres* parecem estar confusos entre se integrar totalmente ao Brasil e fazer dele a sua nova pátria, ou usar o Brasil como forma de enriquecer e voltar para a pátria de origem, a Itália. Fidélis Dalcin Barbosa, em algumas de suas narrativas, representa o imigrante italiano não mais como o estrangeiro, que emigrou em busca de melhores condições de vida, para depois retornar à pátria de origem. Ele aparece como indivíduo interessado em estar inserido na cultura brasileira e com intenções de trabalhar não só para si, mas também para o crescimento da nova pátria. Um exemplo é este excerto de *Campo dos Bugres*:

Povo numeroso e faminto, mas povo trabalhador e ordeiro, legítimo desbravador, que, na terra estranha, ao longo de algumas gerações, transforma o negro mistério da floresta numa pátria não menos rica e bela que a sua terra natal, na velha Europa civilizada.<sup>156</sup>

Contraditoriamente, em outras passagens, a idéia de voltar à Itália com muito dinheiro se opõe ao desejo de permanecer. Não há o propósito de inserção cultural no Brasil, mas apenas o de tirar proveito de um país estranho e voltar para a verdadeira pátria:

Chegamos ao nosso lote ao entardecer. (...) Cantamos “La bella América”. Aquele cântico era um suspiro que há meses aguardava o momento de explodir. Era o nosso hino de gratidão. Acabávamos de tomar posse de nossa terra. Eu tive então realmente a sensação de ser um descobridor. Descobria uma terra cujo título de propriedade eu conquistara em troca da pátria, agora tão distante, e pela aventura de enfrentar o mistério, atravessando os mares e penetrando na floresta americana.<sup>157</sup>

<sup>156</sup> BARBOSA, Fidélis Dalcin, 1975. *Op. cit.*, p. 5.

<sup>157</sup> *Idem*, p. 30.

Numa passagem de “A epopéia do imigrante”, a personagem Valentim descreve a maior expectativa dos italianos durante a viagem de navio, ou seja, retornar à Itália depois de trabalhar e ganhar dinheiro no Brasil:

Em todos já doía a saudade da Pátria sempre mais distante. Mas a esperança de rever a querida Itália suavizava o sofrimento do caminho do exílio. Voltar à Itália com a bolsa recheada de dinheiro. Que figurão, Seu!”<sup>158</sup>.

No mesmo conto, um diálogo entre os irmãos Merlo parece indicar mais uma contradição. Valentim, recém-chegado da Itália, encontra o irmão Marcos na colônia Conde d’Eu e lhe pergunta sobre a vida no Brasil. Ele responde:

- Sabes, Valentim. O sacrifício é muito grande, quase sobre-humano. Mas eu tenho por mim que dentro de algum tempo havemos de formar aqui uma grande pátria. A terra é fertilíssima. Coisa espantosa, nunca vista. Os imigrantes somos numerosos. Todos cheios de boa vontade, vigorosos, com ambição louca de enriquecer rapidamente. Nossos filhos se multiplicarão como as folhas destas árvores. Construiremos um novo mundo para orgulho da Itália e de Vittorio Emmanuele. Não tenhas dúvida, Valentim.<sup>159</sup>

Nessa passagem, o Brasil é tratado como uma nova pátria a ser construída, o que contraria a idéia de apenas adquirir recursos para depois retornar. Mesmo que a pátria dos imigrantes agora fosse o Brasil, eles sentiam necessidade da aprovação por parte do governante italiano. Havia o desejo de que o rei da Itália sentisse orgulho deles. Segundo Giron, em alguns pequenos produtores, o fato do governo italiano saber da sua existência no Brasil e de autoridades visitarem a região servia para aumentar a auto-estima<sup>160</sup>. Outros historiadores, porém, chamam a atenção para a rejeição de alguns imigrantes para com as autoridades italianas que vinham procurá-los no Brasil:

Por volta de 1901, chegou a Conde d’Eu um agente do governo italiano. Com as melhores intenções convocou seus patrícios para uma reunião. A assistência foi insignificante e ninguém ignorava o motivo. Ouvia-se publicamente dizer: ‘Quando os pobres colonos comiam pinhões, ninguém vinha da Itália visitá-los; mas agora que se alimentam com galinhas, todos querem vir e compartilhar com eles.’<sup>161</sup>

<sup>158</sup> BARBOSA, Fidélis Dalcin, 1960. *Op. cit.*, p. 110-111.

<sup>159</sup> *Idem*, p. 114.

<sup>160</sup> GIRON, Loraine Slomp, 1994. *Op. cit.*, p. 114.

<sup>161</sup> D’APREMONT, Bernardin. In: BONI, Luís A. de; COSTA, Rovílio. *Os italianos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1979, p. 91.

Isso significa que nem todos os imigrantes eram tomados pelo sentimento de devoção à Itália, carregando consigo o ressentimento de terem necessitado buscar em outro país as condições de vida que a pátria de origem lhes negou.

Uma passagem de *Campo dos Bugres* ilustra as influências dos líderes da Igreja sobre os italianos. Nela, um Bispo dizia aos emigrantes que partiriam para o Brasil que eles eram heróis. O seu papel, como tal, seria o de fundar uma nova pátria, porém com sangue e princípios cristãos italianos:

No último domingo de nossa permanência na Itália, o Bispo de Treviso, a convite do nosso pároco, veio a Sármede para crismar todas as crianças que partiam e dar-nos a sua bênção de despedida. O venerando Antístite – lembro-me bem – disse que éramos heróis. Heróis que sacrificavam uma pátria civilizada, para enfrentar o mistério da floresta americana, no seio da qual, como descobridores, iríamos fundar uma nova pátria, com sangue italiano, e dilatar a fé em Cristo...<sup>162</sup>

O fato de sacerdotes, governantes e outros líderes italianos tratarem os imigrantes como heróis pode ter reforçado neles tal sentimento. Na passagem reproduzida a seguir, um monólogo interior da personagem Fiorinda, também de “A epopéia do imigrante”, ilustra a questão:

D. Fiorinda recordou-se dos sonhos da mocidade, no ardor juvenil do noivado. Sonhara ir à Itália contar ao rei, e ao Papa a obra gigantesca dos italianos no Brasil. Ela não pôde ir à Itália. Mas o seu supremo mandatário, o que substitui o rei, veio pessoalmente ver o mundo que os italianos criaram no Rio Grande do Sul. Viu o presente. Mas viu também o passado, reeditado na modesta vida de uma velhinha de 85 anos – D. Fiorinda Merlo Dolzan – modelo vivo do heroísmo imortal do imigrante italiano, autor de um dos mais sublimes poemas cantando a colonização do Brasil.<sup>163</sup>

Mesmo passados muitos anos, ela ainda nutria o desejo de poder mostrar para os líderes da Igreja e do governo italiano os feitos dos imigrantes no Brasil. Esse desejo pode representar um retorno ao fato de os imigrantes terem sido praticamente “despejados” da Itália, ou, ainda, o intuito de que sintam orgulho dos italianos que espalharam os valores do trabalho e da religião em outras terras. O sentimento de heroísmo incutido nos que partiam aflora em Fiorinda que, depois de tantos anos, ainda se considera uma heroína. Isso pode significar que os imigrantes ficaram perdidos entre a italianidade e a brasilidade, e, por isso, não puderam ser considerados de cultura italiana e tampouco brasileira, tornando-se, como já referido anteriormente, um novo tipo, o colono.

<sup>162</sup> BARBOSA, Fidélis Dalcin, 1975. *Op. cit.*, p. 10.

<sup>163</sup> BARBOSA, Fidélis Dalcin, 1961. *Op. cit.*, p. 137.

#### 4.1 A religião

A Igreja Católica, através do clero italiano, foi fundamental como incentivadora da italianidade entre os imigrantes. O seu poder perpassou limites religiosos e desdobrou-se nos espaços de ensino e lazer freqüentados pelos italianos no Brasil. Escolas religiosas e festas de santos padroeiros são exemplos da onipresença da instituição na RCI. Isso significa que ela abrangia mais que a simples assistência espiritual. Era o padre, por exemplo, quem atendia os casos que, mais tarde, cabiam à resolução do delegado de polícia do distrito. Geralmente, ele era também originário de família de colonos, falava o dialeto, freqüentava as residências e convivia na copa, que ficava junto à capela, jogando e bebendo com os colonos. Para o governo, os padres eram “providenciais”, já que, com a imposição da moralidade, conseguiam que os colonos andassem no caminho reto da honra ao trabalho e à família:

Além da assistência espiritual a uma população intensamente religiosa, diz o ajudante da Inspetoria Geral de Terras e Colonização em relatório de 1886 ao Ministro da Agricultura, que “a quem conhece, sobretudo por observação própria, as colônias do Império sabe perfeitamente que o padre é o mais poderoso elemento de ordem, moralidade e estabilidade para os colonos. Por esse motivo os chefes das Comissões encarregados de estabelecê-las aproveitam-se dele, como auxiliar indispensável, para conseguir que os imigrantes recém-chegados povoem os núcleos novos, dediquem-se ao trabalho agrícola com perseverança, obedeçam às suas determinações e não abandonem os lares.”<sup>164</sup>

Em *Semblantes de pioneiros e Campo dos Bugres*, todo esse poder é expresso, incentivado e exaltado. O conto “Anjinho” pode ser tomado aqui como uma síntese do posicionamento sobre a religião e a religiosidade dos imigrantes representados nas obras. A narrativa inicia com um elogio ao “benemérito Governo Provincial e à suprema autoridade do Império”, responsáveis pela vinda dos italianos para o sul do Brasil, fazendo com que a região fosse “febrilmente sacudida por vertiginoso progresso”. Em especial, o elogio direciona-se à escolha do povo italiano para povoar o Rio Grande do Sul “sob o ponto de vista religioso”:

A um país essencialmente católico, condiz a preceito, o imigrante italiano em cujas veias circula o sangue lendário de milhões de santos e mártires cristãos. Procedentes, em sua maioria, das Províncias do Vêneto, Lombardia e Tirol, as famílias destes valorosos pioneiros e desbravadores das florestas infestadas de bárbaros, partiam da sua aldeia natal após assistência à santa missa e a bênção do velho pároco. Famílias cristãs, de fé ardente, morigeradas, fundavam no seio do impenetrável sertão brasileiro um lar cristão, um povoado cristão, uma cidade cristã, um país cristão. Já nos primeiros meses, surgia a modesta capelinha onde aos domingos preces e

<sup>164</sup> AZEVEDO, Thales de. *Op. cit.*, p. 184.

cânticos imploravam a proteção do Céu sobre o futuro incerto da rude vida agreste.<sup>165</sup>

Nas obras de Fidélis, com genes e atitudes herdadas de seus antepassados santos, os heróis italianos deixam a sua pátria para garantir que o Brasil – país que se resumia a uma “floresta infestada de bárbaros” – tivesse alguma chance de progredir. O progresso da região é atribuído unicamente aos italianos, sendo omitida a participação de qualquer outra etnia. Esse é o pensamento que parece estar resumido no primeiro parágrafo de “O Anjinho”, em que o italiano é representado como herói. Segundo o texto, os italianos são descendentes de santos e mártires cristãos, o que os aproxima, também, da santidade, ao mesmo tempo em que os afasta dos seres humanos comuns. Assim, são duas as atribuições dos italianos no Brasil: implantar o progresso e espalhar valores cristãos.

Ainda nessa mesma passagem, é citada a capela. De acordo com a narrativa, ela é o local onde os imigrantes se reúnem para rezar e buscar a proteção divina. Porém, para historiadores da imigração italiana, o significado da capela vai além da definição que recebe na obra.

As capelas eram os centros religiosos das colônias. Mas a construção delas representava mais do que um local para reafirmação dos valores cristãos. Elas eram os locais de integração e convívio das famílias. Nos rituais católicos, como em festas dos padroeiros, batizados, casamentos e funerais, as famílias das pequenas comunidades se encontravam. Segundo Carlo Prandi, “nas religiões étnicas (e nacionais), vida religiosa e vida social compenetraram-se profundamente e, sobretudo, encontram na própria tradição tal como se desenvolveu dentro das fronteiras do grupo as fontes comuns da sua identificação cultural”.<sup>166</sup>

Além disso, as capelas representavam a possibilidade do pequeno núcleo inicial tornar-se um aglomerado e, mais adiante, um centro sócio-econômico bem sucedido:

Como centro sócio-religioso-cultural a capela foi célula-máter de união que levou o imigrante a fixar-se na colônia. (...) As capelas passaram a agrupar famílias, a possibilitar o comércio, a pequena indústria e, em consequência, um *modus vivendi*, em grandes linhas, auto-suficientes. A centralização das forças sócio-econômicas em torno de uma capela explica a coesão das pequenas comunidades, as interinfluências lingüísticas e a defesa do grupo numa estruturação étnico-política de isolamento. A expansão do mercado não pôde ser verificada em grande escala enquanto a comunidade ou a união

<sup>165</sup> BARBOSA, Fidélis Dalcin. *Op. cit.*, p. 155.

<sup>166</sup> PRANDI, Carlo. *Op. cit.*, p. 188.

de comunidades-capela se considerassem auto-suficientes e agissem como tal.<sup>167</sup>

A capela, além de ser o centro de aglutinação, era o órgão dominador dos instrumentos de controle social, da moralidade, da cooperação e da atribuição de *status*<sup>168</sup>. A Igreja católica mantinha um certo controle na colônia por meio da Sociedade da Capela, responsável pelos bens da igreja (o templo, o cemitério, a copa, a escola) e pela realização das festas, dos matrimônios, das procissões, funerais, além da tomada de atitude em caso de crimes, desastres e incêndios:

De acordo com o Estatuto das Capelas Filiais, emitido pelo bispo da diocese, era também responsável pela vigilância moral em relação aos bailes, geralmente reprimidos com rigor, e em relação aos jogos e às festividades outras. (...) Exercia também uma espécie de justiça informal, dirimindo conflitos, harmonizando famílias desavindas e levando à arbitragem do vigário, nas localidades em que este vivesse, os casos mais graves e difíceis; cabiam-lhe igualmente os entendimentos com a Prefeitura, com o cartório, com a coletoria, na sede do município, sobre as necessidades da comunidade (...).<sup>169</sup>

Diversas normas eram fiscalizadas pela Sociedade da Capela. Entre elas, a responsabilidade do comportamento moral e cristão durante as festas, com particular atenção à blasfêmia e à embriaguez, à coleta do dízimo, ao ensino do catecismo às crianças e à reza habitual do terço. A frequência com que se constatavam casos de alcoolismo nas colônias, segundo Thales de Azevedo, tornou-se uma das grandes preocupações da Igreja.

A construção das capelas tinha, também, significado econômico: “Quanto maior a capela e quanto mais potente seu sino, tanto maior era o ‘status’ social da comunidade. A capela refletia o progresso econômico da região em que se localizava”<sup>170</sup>. Além disso, ela tinha a função de unir socialmente os imigrantes:

A capela funciona como centro de recreação e reunião no pavilhão anexo, a copa, em que alguns colonos se juntam à noite para conversar e jogar cartas, em torno dos copos de vinho; a capela é ainda como que o órgão dominador dos instrumentos de controle social, da moralidade, da cooperação e da atribuição de status.<sup>171</sup>

<sup>167</sup> FROSI, Vitalina Maria; MIORANZA, Ciro. *Imigração Italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul – Processos de formação e evolução de uma comunidade Ítalo-Brasileira*. Caxias do Sul: Movimento, 1975, p. 74.

<sup>168</sup> AZEVEDO, Thales de. *Op. cit.*, p. 182.

<sup>169</sup> *Idem*, p. 184.

<sup>170</sup> GIRON, Lorraine Slomp, 1994. *Op. cit.*, p. 53.

<sup>171</sup> AZEVEDO, Thales de. *Op. cit.*, p. 182.

Em “A Odisséia de um imigrante”, José Gelain participa da construção de duas capelas. Como paroquiano ativo e exemplar, seus motivos são unicamente religiosos. Zelador da liga eucarística, forma um coro para cantar nas missas e ensina catecismo nas tardes de domingo. Diz que vive “servindo a Deus e no trabalho”<sup>172</sup>.

Em Nova Pádua, José participa da construção da primeira igreja, com o auxílio de outros moradores. A sua família doa os brincos de ouro da falecida mãe para ajudar na construção do templo. É interessante perceber que os brincos foram poupados na época em que a família passava fome, logo que chegou ao Brasil, para anos depois ser doada em benefício da igreja. Já em Lagoa Vermelha, cidade para a qual mudou-se com a família para garantir melhores condições financeiras aos filhos, ele prossegue ativamente com sua dedicação à igreja. Em certa passagem do texto, a personagem conta ter parado de construir a própria casa, para construir o templo, que ainda não existia na cidade:

Um domingo, reunimo-nos sete conhecidos e combinamos fazer uma igreja. Eu fui escolhido para primeiro fabriqueiro. Em três meses estava pronta a capela de 8x17 metros. As tábuas foram serradas a mão. Paramos de construir nossa casa para termos logo a nossa igreja. Aos domingos rezávamos um terço de manhã e outro de tarde. Eu lia o Evangelho num livro que D. Júlio me havia dado em Nova Pádua. Quando, de três em três meses, chegava o padre, fazíamos uma grande festa. Todos iam se confessar e comungar com muita devoção.<sup>173</sup>

A doação dos brincos e a pausa na construção da casa para dedicar-se à obra da igreja representam mais que devoção religiosa: representam a possibilidade de que seja conferido a José o poder atribuído aos fabriqueiros. Segundo Giron, as capelas representavam também a organização que unia os colonos, nas qual os fabriqueiros eram considerados líderes:

A liderança das comissões das capelas não era apenas o símbolo da probidade, da religiosidade dos componentes da comunidade, representava também o maior sucesso econômico e o conhecimento. (...) Os “fabriqueiros” (que haviam construído a comunidade) eram os líderes da região, através deles é que a Igreja podia abranger os demais membros.<sup>174</sup>

Nesse sentido, Thales de Azevedo também cita a Sociedade da Capela como uma organização administrada pelo padre e pelos responsáveis pelos bens da Igreja, os chamados fabriqueiros. Segundo o estudioso, a Sociedade chegou a exercer funções administrativas e judiciárias nas colônias:

<sup>172</sup> BARBOSA, Fidélis Dalcin, 1961. *Op. cit.*, p. 37.

<sup>173</sup> *Idem*, p. 39.

<sup>174</sup> GIRON, Loraine Slomp, 1994. *Op. cit.*, p. 53.

De acordo com o Estatuto das Capelas Filiais, emitido pelo bispo da diocese, era também responsável pela vigilância moral em relação aos bailes, geralmente reprimidos com rigor, e em relação aos jogos e às festividades outras; deveria prestar socorro aos atingidos por acidentes ou outros infortúnios. Exercia também uma espécie de justiça informal, dirimindo conflitos, harmonizando famílias desavindas e levando à arbitragem do vigário, nas localidades em que este viesse, os casos mais graves e difíceis; cabiam-lhe igualmente os entendimentos com a Prefeitura, com o cartório, com a coletoria, na sede do município, sobre as necessidades da comunidade: mais adiante essa mediação passaria à responsabilidade de subprefeitos escolhidos entre os moradores da zona rural.<sup>175</sup>

Bruno de Gillonnay e Bernardin D'Apremont, por sua vez, chamam a atenção para três motivos que levavam os italianos a ter como prioridade a construção da capela:

Foi, não raro e justamente, observado que em determinadas colônias há capelas em demasia e representam um esforço desproporcionado com as condições econômicas da população; salvo algumas exceções, constatei que a maioria foi construída sob insistência da própria população e contra a vontade do pároco. Em parte, isto é devido ao amor às tradições, ao desejo de possuir em sua própria linha uma capela dedicada ao patrono de sua cidade natal, mas muitas vezes isto se deve aos interesses do comerciante da região. Com efeito, a vida social nas colônias está reduzida ao mínimo... o colono tem uma vida social restringida ao círculo familiar e a única manifestação social, o único lugar de encontro é a igreja...<sup>176</sup>

Os motivos econômicos e sociais somam-se ao da tradição religiosa. Além disso, os autores afirmam que nem sempre os colonos tinham condições financeiras para as construções. No texto de Fidélis Dalcin Barbosa, mesmo em precárias condições financeiras e sendo os brincos, provavelmente, a última economia da família, eles são doados à capela. Esse é um exemplo de que os imigrantes tinham interesses que fariam valer o esforço financeiro, ou seja, os fins justificavam os meios.

O papel dos religiosos, em *Semblantes de pioneiros e Campo dos Bugres*, bem como toda a representação acerca da instituição que representam, é de prestação de serviço espiritual às comunidades. De acordo com a narrativa, eles tinham a função de amenizar o sofrimento dos imigrantes no Rio Grande do Sul:

Sacerdotes acompanhavam, através das picadas, os passos dos colonizadores, mantendo sempre viva a lâmpada da fé, à luz da qual se dissipavam as sombras sinistras do desânimo e do desespero. Ainda nos primeiros anos, aportavam os missionários capuchinhos franceses. Armaram suas tendas no coração da mata virgem. Percorriam a colônia pregando missões, auxiliando os párocos, na sublime tarefa de confortar

<sup>175</sup> AZEVEDO, Thales de. *Op. cit.*, p. 184.

<sup>176</sup> D'APREMONT, Bernardin; GILLONNAY, Bruno. *Comunidades Indígenas, Brasileiras, Polonesas e Italianas no Rio Grande do Sul (1896-1915)*. Caxias do Sul: UCS, 1976, p. 131.

espiritualmente as boas famílias atiradas ao léu da sorte, no mais completo desabrigo.<sup>177</sup>

Além de apaziguadora do espírito, a religião do italiano é também elemento civilizador, em *Semblantes de pioneiros*. Na passagem a seguir, ficam claros esses dois sentidos de representação da Igreja Católica na obra:

O terço rezado em comum, todas as noites, era a arma poderosa contra as feras bravias do desespero e da ansiedade, o pão substancioso do alento e da força, da coragem, da resignação e da paciência destes heróis de inigualável tenacidade, que, em larga escala, contribuíram para o esplendor do culto católico em nossa terra, transformando milagrosamente a selvática montanha numa soberba catedral, regiamente cercada dos pontiagudos capitéis de milhares de capelinhas.<sup>178</sup>

De acordo com o texto, os italianos são, também do ponto de vista religioso, os responsáveis pela civilização da selva que encontraram na região da Serra gaúcha. A metáfora “transformando milagrosamente a selvática montanha numa soberba catedral” é usada pelo narrador como forma de expressar o progresso, mérito unicamente do imigrante italiano.

Já em *Campo dos Bugres*, Eduardo relaciona a formação da nova pátria com a difusão do catolicismo. O último parágrafo da obra resume a idéia desenvolvida no texto, e já analisada anteriormente, de que os imigrantes vieram ao Brasil para implantar elementos civilizadores, entre eles, a religião católica:

Estava cumprida a nossa missão, realizada a nossa incumbência, a nós confiada por outro Bispo, o Bispo de Treviso, por ocasião de nossa partida da Itália, rumo à América. Fundamos aqui a nova Pátria, com sangue italiano, dilatamos a Fé, a Igreja de Cristo.<sup>179</sup>

Uma discussão sobre a italianidade já foi levantada neste trabalho. Porém, nesse momento, cabe retomar o questionamento proposto sobre as intenções do imigrante italiano no Brasil. Não se aplica aos que desejavam retornar à Itália depois de obter lucros a idéia de que tinham em mente uma missão para com o país que os recebia. A representação dos imigrantes nesse excerto pode parecer um pouco distorcida, se se pensar que o processo de disseminação do catolicismo na Região de Colonização Italiana aconteceu espontaneamente. Se o Brasil estava recebendo imigrantes de um país em que o catolicismo era a religião principal e esses imigrantes

<sup>177</sup> BARBOSA, Fidélis Dalcin, 1961. *Op. cit.*, p. 156.

<sup>178</sup> *Idem*, p. 156.

<sup>179</sup> BARBOSA, Fidélis Dalcin, 1975. *Op. cit.*, p. 99.

tinham muita fé, eram católicos praticantes, o esperado é que gradativamente essa religião fosse implantada na região.

Com o passar dos anos, as famílias aumentaram, mais imigrantes chegaram e a religião se difundiu. Além disso, sabe-se que diversas ordens religiosas enviavam representantes para trabalhar entre os imigrantes italianos. Isso não quer dizer que em algum momento tenha sido imposto ao italiano que ele devesse implantar a Igreja no país para o qual estava emigrando e nem que ele tivesse interiorizado tal imposição como uma missão a ser cumprida. Ele simplesmente deu seguimento às suas práticas e cultos religiosos e, com isso, os disseminou naturalmente. As capelas, por exemplo, foram construídas pelos imigrantes sem a participação da Igreja. Outro exemplo é o crescimento do número de religiosos na região. Antes da imigração, eles vinham da Europa para realizar o trabalho de assistência espiritual no Brasil. Com a instalação de instituições apropriadas, depois da proclamação da República, o Rio Grande do Sul passou, além de recebê-los, a formar os religiosos<sup>180</sup>. O alto número de padres e freiras formados na região, segundo o texto de Fidélis, vinha amparado pela educação cristã recebida na família:

O seio de tantas famílias cristãs é, por isso, prodigiosa sementeira de vocações sacerdotais e religiosas, com admirável e espantosa floração. Grandiosa colméia donde enxameiam, todos os anos, centenas de almas juvenis que demandam o seminário e o convento. O recanto mais rico de vocações do Brasil e, quiçá, do mundo inteiro, já produziu acima de uma dezena de Bispos, mais de mil sacerdotes católicos e muitos milhares de religiosos, que hoje desenvolvem sua múltipla atividade nos quatro continentes. Haja vista a novel província capuchinha, com sede em Caxias do Sul. Apesar de fundada há poucos anos, é a que possui maior número de vocações no mundo inteiro. Oito casas de formação com cerca de mil seminaristas, dos quais 95% são descendentes de italianos. Filhos desta província religiosa exercem seu apostolado em quase todos os Estados da União, inclusive em Brasília, na Europa e na África.<sup>181</sup>

Como já foi comentado anteriormente, a possibilidade de ascender socialmente por meio do estudo fez com que muitos filhos de imigrantes se tornassem religiosos. Essa visão não é apresentada no texto, já que ele traz como causa de tanta procura pela vida religiosa unicamente o incentivo que veio pela educação cristã recebida em casa:

O segredo da exuberância deste celeiro de vocações repousa na religiosidade de tantas famílias boas, de ótimos costumes, com numerosa prole, quase sempre acima de uma dezena. E as vocações rebentam como cogumelos depois da chuva. Famílias há que consagram todos os filhos ao serviço do Altar e à vida religiosa.<sup>182</sup>

<sup>180</sup> GIRON, Loraine Slomp, 1994. *Op. cit.*, p. 55.

<sup>181</sup> BARBOSA, Fidélis Dalcin, 1961. *Op. cit.*, p. 157.

<sup>182</sup> *Idem*, p. 157.

Assim como a opção pela formação religiosa é atribuída à educação cristã, todos os acontecimentos, bons ou maus, a que está exposto o imigrante, são atribuídos à providência divina. Os nascimentos, as mortes, a fartura, as necessidades, as amizades, os desencontros, os sofrimentos e as vitórias, em *Semblantes de pioneiros e Campo dos Bugres*, não acontecem sem a vontade de Deus.

No conto “A odisséia de um imigrante”, são apresentadas diversas situações de demonstração da forte religiosidade dos imigrantes. Na viagem de navio que José faz para encontrar a família no Brasil, o texto mostra que até mesmo os marinheiros têm conhecimento da fé comum aos italianos e os incentivam a fazer uso dela ao pressentirem problemas em alto mar. Este excerto também mostra a primeira vez em que, no texto, um acontecimento é atribuído à fé:

Recolhemo-nos ao interior do barco. Lá, muitos choravam e a maior parte orava constantemente. Pedíamos a Deus tivesse compaixão de nós e nos salvasse. O capitão do navio e os marinheiros encorajavam-se entre si e nos diziam: Rezai, italianos, vós que sabeis rezar, e sabeis que Deus se apiedará de nós. De fato, depois de tantas súplicas, cessou a tormenta e continuamos felizes a nossa viagem. Não fora a nossa fé, teríamos perecido.<sup>183</sup>

Quando chega ao Barracão dos Imigrantes, em Campo dos Bugres, José encontra seu tio, Prosdócimo, por cujo intermédio fica sabendo que sua mãe, dois irmãos e um primo haviam morrido em seus primeiros dias no Brasil. O tio Prosdócimo, tentando acalmá-lo, diz que os demais familiares já estão resignados com os tristes acontecimentos, pois vêm neles a vontade de Deus. Este é, pois, o segundo momento em que aparece, no texto, a questão religiosa como explicação e motivo de conformidade com determinado fato negativo.

Na obra, a vontade divina é, igualmente, a explicação para as coisas boas. José e dois amigos trabalham na construção da estrada entre São Leopoldo e Taquara. Na volta para casa, passam fome e frio. José sente-se tão fraco, que começa a rezar para não morrer: “Principiamos a rezar. Repeti muitas vezes o ato de contrição. (...) O meu companheiro soprou durante duas horas para me dar calor. E Deus não quis que morresse”<sup>184</sup>.

Além de ser a explicação para os acontecimentos bons ou ruins, a fé em Deus é a motivação necessária para suportar os sofrimentos. Cansado de passar por tantas

---

<sup>183</sup> *Ibidem*, p. 25.

<sup>184</sup> *Ibidem*, p. 31.

privações, José está decidido a voltar para a Itália. Recebe, então, o seguinte conselho da tia:

José, eu vou ficar. Fique também, sim? Seu pai disse que morrerá de dor se você, que é seu filho predileto, partir. Quem sabe, daqui a algum tempo nós e nossos filhos ficaremos contentes. Eu que sou mais velha refleti bastante e resolvi carregar esta pesada cruz até o fim. Com o tempo nos habituaremos. E Deus, se não for nesta vida, na outra nos dará o prêmio que merecemos.<sup>185</sup>

Na opinião de Prandi, “uma das funções recorrentes da religião consiste em dar horizontes à complexa tipologia do negativo: ela é também em grande parte uma teodicéia da dor”.<sup>186</sup> Nesse sentido, as personagens de *Semblantes de pioneiros* e *Campo dos Bugres* recorrem constantemente à religião para buscar razões para a dor que sentem ou para amenizá-la.

Outro elemento importante a ser analisado nas duas obras, e que está diretamente relacionado à religião, é a culpa. A melhor exemplificação do que representavam a culpa e o castigo para os italianos está no conto “Carreiros”. Quando vê suas mulas de carga atoladas, a personagem principal, Bernardo Índio, profere xingamentos contra os seres divinos. As blasfêmias proferidas por Bernardo Índio para tirar a carreta da lama acabam sendo causa de arrependimento, por representar uma forma de ofender a Deus. Em algumas situações, ele desejava nunca ter se tornado carreiro, para não ter que carregar a culpa da ofensa:

Muitas vezes, depois dessas crises em que ofendera a Deus, Nossa Senhora e os santos, Bernardo voltava a si. Refletia na loucura daquele gesto ignóbil, covarde. E então excomungava a vida do carreiro. Antes nunca tivesse abraçado a dura profissão. Maldizia o abominável vício da blasfêmia. Os italianos. Só os italianos blasfemam. Como é que os brasileiros não blasfemam? E se por acaso o fazem é sempre em italiano, porque aprenderam dos imigrantes. Chegou-se mesmo a aporuguesar a palavra “bestemar”. Maldito vício da nossa raça!<sup>187</sup>

Esse excerto é um indicativo da força que o dogma religioso exerce na vida de Bernardo Índio, a ponto de ele considerar a hipótese de rejeição da própria profissão em prol do cumprimento de regras consideradas corretas, segundo os ensinamentos católicos. Para Thales de Azevedo, a blasfêmia é um elemento religioso complexo da cultura agrária de origem:

Revela a crença de que a natureza reflete a vontade dos entes sobrenaturais e que as suas perturbações podem ser conjuradas por apelos dramáticos, em forma de desafios à divindade. Ao mesmo tempo pode ser exorcizada pelo arrependimento e pelo sacramento da penitência. (...) Apesar da sua extrema

<sup>185</sup> *Ibidem*, p. 33.

<sup>186</sup> PRANDI, Carlo. *Op.cit.*, p. 190.

<sup>187</sup> BARBOSA, Fidélis Dalcin. *Op. cit.*, p. 56.

gravidade, condenada com terríveis anátemas já no Antigo Testamento (Lev. XXIV, 16; Mat. XII, 31), a blasfêmia é um comportamento negativo universal mas especialmente dos povos católicos da Europa, não se podendo estranhar que tenha lugar numa cultura dionisíaca, extroversa, como a italiana.<sup>188</sup>

Sendo assim, pode-se compreender que a blasfêmia é considerada um pecado grave, e quem a profere está sujeito a castigos como a excomunhão ou as maldições. As histórias sobre os homens que blasfemavam estão ligadas à idéia de culpa e castigo divino, em *Campo dos Bugres*, como nesta passagem, em que Eduardo conta um fato ocorrido com um carreteiro que teria provocado o diabo:

Outro carreteiro, que fiquei conhecendo aquele dia e que tinha fama de grande blasfemador, atreveu-se a proferir um terrível desafio contra o céu. Puxou o revólver, olhou para o alto e levantando a voz, exclamou: - Sacramento! Se existe mesmo o demônio, que venha buscar meu revólver! E depositou a arma sobre um toco de pinheiro, ali perto, na beira da estrada. Coisa de um minuto, ouvi um ruído no mato, perto. Olhei. Vejo um sujeito baixote, caminhando desengonçado, com a cara mais feia do mundo. Aproxima-se do toco, agarra o revólver e lá se vai para o mato com a arma na mão, sem dizer palavra... Eu, o José e todos os carreteiros presentes assistimos à terrível cena de cabelo em pé. E o atrevido autor do temerário desafio, que perdia o revólver tão estupidamente, a partir daquele dia, nunca mais foi visto a blasfemar. Nunca mais!<sup>189</sup>

Nesse caso, também há o agravante da dúvida diante dos poderes do sobrenatural. E, enfim, cumpre-se o ciclo da culpa e do castigo. Poder-se-ia dizer que houve arrependimento por parte do blasfemador. Porém, a narrativa parece indicar mais um sentimento de medo, que propriamente de arrependimento. Isso demonstra o imenso poder dos valores religiosos incutidos na mentalidade do imigrante italiano. Segundo De Boni, o próprio pároco era incentivador de tais ensinamentos:

A pregação do padre pouco leva de anúncio de fé, mas, em compensação, encontra-se impregnada de uma parenética que funciona como sancionamento de determinada ordem social. O sermão insiste muito em não blasfemar, em assistir à missa, em confessar-se e comungar pela Páscoa, em rezar o rosário em família, em trabalhar, em não ser supersticioso e, resumindo tudo, em estar sempre caminhando na presença de Deus, Juiz ante o qual os homens haverão de apresentar-se.<sup>190</sup>

Assim, a culpa também está ligada à noção de salvação. Àquele que não agir de acordo com os valores do catolicismo, será aplicado um castigo, no momento do “juízo final”. Ou seja, não haverá para eles salvação.

<sup>188</sup> AZEVEDO, Thales de. *Op. cit.*, p. 196-197.

<sup>189</sup> BARBOSA, Fidélis Dalcin, 1975. *Op. cit.*, 67-68.

<sup>190</sup> BONI, Luís A. de, 1979. *Op. cit.*, p. 149.

Talvez tenha sido também a própria culpa a maior causadora do possível distanciamento e desentendimentos entre os índios e os imigrantes italianos no Sul do Brasil. De uma forma geral, o que escandaliza o europeu, quando entra em contato com o índio, é a ausência de culpa. A nudez e a liberdade sexual dos índios fogem dos valores adequados à conduta dos “civilizados”. Essas e outras questões relativas ao convívio dos imigrantes italianos com os índios conhecidos como bugres serão analisadas no próximo tópico.

#### **4.2 A representação dos bugres**

Em 1969, arqueólogos ligados ao Instituto Anchietano de Pesquisa divulgaram à imprensa caxiense a descoberta de três casas subterrâneas em Vila Seca. Uma delas, segundo os estudiosos, teria 430 anos. Em seguida, 36 habitações e 40 túmulos também foram encontrados em Santa Lúcia do Piaí, outro distrito de Caxias do Sul. Essas primeiras descobertas possibilitaram o acesso a algumas informações sobre os nativos que viveram na região, descritas pelo pesquisador Mário Gardelin, em *Colônia Caxias: primórdios*:

Produziam uma cerâmica típica, completamente diferente da dos tupi-guaranis, usavam machados polidos, grandes mãos de pilão de pedra, alimentavam-se de pinhão, e provavelmente de caça, da coleta e de alguma plantação. Pelas datas do carbono radioativo devem ter começado a construir as suas casas subterrâneas no planalto em inícios do século V d. C., continuando com este tipo de habitação ao menos até perto do descobrimento.<sup>191</sup>

Para apresentar mais detalhes sobre a história do povo que inicialmente habitou a região, Gardelin faz uso de informações do trabalho denominado “Apontamentos sobre os indígenas selvagens da Nação Coroados dos matos da Província do Rio Grande do Sul”, do francês Afonso Mabilde. Publicado pelo Instituto Brasileiro de Difusão Cultural, em 1983, o texto traz um depoimento de Mabilde sobre os anos 1836, 1837 e 1838, quando foi prisioneiro dos índios caingangues, também chamados botocudos, coroados ou bugres. A organização da vida dos índios, seus costumes e crenças foram por ele amplamente descritos e analisados, e reproduzidos por Mário Gardelin. A narrativa também trata do contato entre os índios e os povos colonizadores. De acordo com ela, na medida em que derrubavam a mata, os primeiros alemães entravam em conflito com os índios. Invasões de propriedades, assassinatos a

<sup>191</sup> GARDELIN, Mário. *Colônia Caxias: Primórdios*. Caxias do Sul: Livros Pouso Alto Ltda, 1998, p. 1.

flechadas e seqüestros de crianças são narrados como a reação dos índios à presença do imigrante alemão. A última investida dos índios contra os imigrantes, segundo Gardelin, ocorreu em 1868:

A última correria de caingangues, de que se tem conhecimento, está relacionada com o seqüestro da família de Lamberto Versteg, ocorrida em 1868. Consta que, em 1870, foi determinado pelas autoridades provinciais que um grupo de pedestres entrasse no mato e afugentasse para sempre os índios. É que deveriam, em breve, vir novos imigrantes e não se desejava que com eles ocorresse o que aconteceu com os alemães.<sup>192</sup>

Considerando 1870 como a data do último acontecimento de que se tem conhecimento sobre o conflito entre os índios e os imigrantes, e 1875 como o início da colonização italiana no Rio Grande do Sul, é possível deduzir que os imigrantes não enfrentaram o mesmo problema. Não há registros historiográficos que confirmem que houve contato conflituoso entre os índios e os imigrantes italianos na região da Serra gaúcha. Segundo Thales de Azevedo, essa convivência quase não existiu:

Os colonos italianos não tiveram contato, senão episódico, com os índios da Encosta e do Alto da Serra. Os mais próximos estavam meio aculturados, falando português, e viviam em seus toldos, a cinco dias de viagem da Colônia Donde d'Eu, em Lagoa Vermelha. Eram cerca de 500, pertencentes a 120 famílias, e os capuchinhos franceses, em fins do século passado, iam de Alfredo Chaves catequizá-los com a cooperação de alguns dos colonos mais piedosos (Rosier, a. 5. nº 8). Entretanto, em 1874 a população indígena era acusada, na Assembléia Legislativa, de atacar e roubar cavalos e destruir lavouras no município de Cruz Alta (Sessão de 17.3.74, Anais).<sup>193</sup>

Fidélis Dalcin Barbosa narra diversas situações fictícias que descrevem tal confronto, em especial no conto “Bugreiros”. A narrativa tem como ambiente a “ciclópica muralha da Serra Geral, ao nordeste gaúcho e sudeste barriga-verde”<sup>194</sup>. Não há referência a datas. Essa região, de acordo com o texto, estava “infestada por hordas de crudelíssimos selvagens, os temíveis Botocudos”<sup>195</sup>. Apesar de ter conhecimento de histórias “da boca dos filhos da terra”<sup>196</sup> sobre a existência e o perigo que representavam os bugres, os imigrantes que se estabeleceram em Santa Catarina passaram os primeiros quatro ou cinco anos no Brasil sem ver nenhum deles. Segundo o texto, passado esse tempo, os índios resolvem retomar as suas terras, criando um verdadeiro terror na vida dos italianos. Os primeiros indícios de que os índios haviam passado pelas colônias, eram os estragos nas plantações:

<sup>192</sup> *Idem*, p. 29.

<sup>193</sup> AZEVEDO, Thales de. *Op. cit.*, p. 171.

<sup>194</sup> BARBOSA, Fidélis Dalcin, 1961. *Op. cit.*, p. 89.

<sup>195</sup> *Idem*, p. 89.

<sup>196</sup> *Ibidem*, p. 91.

Em certas plantações de milho, principiaram a aparecer estragos que foram aumentando dia a dia. Atribuiu-se o furto a animais da selva. Uma feita, os colonos viram na lavoura, com espanto, enormes pegadas humanas... Ficaram à espreita, de noite. Viram, então homens colossais armados de compridas flechas, os quais notando a presença dos brancos, soltaram pavorosos urros pondo a estes em desabalada fuga.<sup>197</sup>

Alguns adjetivos usados no texto, como “enormes pegadas” ou “homens colossais”, leva o leitor a imaginar que os imigrantes ficavam em situação de disparidade diante da grandeza dos bugres, que não eram seres humanos normais, mas feras gigantescas. Tal imagem, porém, não corresponde à descrição dos bugres encontrada na obra *Colônia Caxias: primórdios*:

Fisicamente, os caigangues eram de estatura mediana. Muito raros os de estatura elevada. (...) Eram muito bem proporcionados fisicamente, com músculos bem aparentes. Não eram robustos como se afirmava. Ele realizou numerosas experiências e nunca constatou aquela força deles como apenas regular. As crianças que sobrevivem criam-se muito bem e desfrutam de boa saúde, embora não cheguem à robustez do branco. Isto se deve à alimentação não equilibrada de que se utilizam.<sup>198</sup>

Ainda em “Bugreiros”, são narradas histórias em que os índios, além de roubar ou destruir tudo o que encontravam nas residências, matavam impiedosamente os imigrantes. Seguindo a linha dos demais contos, em alguns desses confrontos, os italianos são salvos dos índios devido à providência divina: “Giácomo Bez Fontana, com os filhos, derrubava mata virgem. Súbito, recebe tremenda flechada que, providencialmente deu em cheio na caixinha de rapé, presa à cintura”<sup>199</sup>. Em outra passagem, crianças foram salvas graças a um quadro de Nossa Senhora:

Depois a mais velha contou como foi: “Quando vi aqueles homens feios, corri para casa. Fechei a porta. Despreguei o quadro de Nossa Senhora de Pompéia, e com as maninhas me refugiei debaixo da cama. As três segurávamos o quadro sem respirar, olhando para Nossa Senhora, que nos parecia muito mais bonita. Aqueles brutos vieram várias vezes perto de nós, mas não puderam fazer-nos mal algum porque Nossa Senhora não deixava.”<sup>200</sup>

Depois de todos os problemas causados pelos índios, os imigrantes resolvem tomar uma atitude radical para eliminá-los. Surgem, assim, os bugreiros, também conhecidos como “caçadores de índios”<sup>201</sup>:

<sup>197</sup> *Ibidem*, p. 91.

<sup>198</sup> GARDELIN, Mário. *Op. cit.*, p. 5.

<sup>199</sup> BARBOSA, Fidélis Dalcin. *Op. cit.*, p. 92.

<sup>200</sup> *Idem*, p. 97.

<sup>201</sup> *Ibidem*, p. 95.

Arrojados, roídos de ódio e sedentos de vingança, em vista da morte do irmão ou parente, lá marchavam de viseira erguida, como soldado em defesa da pátria ultrajada. A guerra é urgente. É cruzada que Deus suscita e abençoa. É gesto imperioso do mais autêntico patriotismo. (...) Terrível carnificina. O sangue encharcou o solo, jorrando em borbotões. São poupadas as crianças, que os civilizados levam para suas casas, juntamente com dezenas de orelhas, qual troféu de vitória.<sup>202</sup>

Em primeiro lugar, é necessário discutir a passagem que descreve a guerra que os imigrantes declararam aos índios como uma “cruzada que Deus suscita e abençoa”. Tal sentença parece ser uma forma de amenizar a culpa dos bugreiros pelos ataques mortais contra os nativos. Segundo, a narrativa apresenta a mesma guerra como gesto de patriotismo. Como já se afirmou anteriormente, os imigrantes demoraram muitos anos para sentirem-se realmente inseridos no novo país. Isso leva a crer que essa pátria, pela qual se estabeleceu a guerra, não poderia ser o Brasil. Porém, como já moravam no Brasil, também não poderia ser a Itália. Em vista disso, tal passagem pode representar mais uma tentativa do autor em justificar os atos dos italianos, dessa vez por meio de um confuso sentimento de patriotismo.

Mesmo que se deva compreender a necessidade dos imigrantes em eliminar os índios por legítima defesa, considerando os acontecimentos narrados, algumas atitudes perpassam o limite da proteção e beiram a crueldade, como promover uma carnificina que “encharca o solo” e ostentar orelhas como troféus de guerra. Tais ações podem fazer parecer que os imigrantes fizeram mais do que simplesmente repelir os ataques dos índios. Até mesmo no fato de poupar as crianças e levá-las como reféns, eles agiram da mesma maneira que os “selvagens” criticados pelo narrador.

Outro assunto ficcionalizado por Fidélis Dalcin Barbosa, também em *Semblantes de pioneiros*, trata da participação de alguns colonos na catequização dos índios. Tal evento histórico é narrado em *Comunidades Indígenas, Brasileiras, Polonesas e Italianas no Rio Grande do Sul*, de Bruno de Gillonnay, que trata do interesse em promover a catequização dos índios e da ajuda despendida pelos imigrantes:

É um povo que desperta grande interesse. Por isso pensei logo em organizar a evangelização desses pobres abandonados. A primeira condição seria reuni-los, porque é quase impossível chegar a cada um deles. Para chegar a seus toldos é preciso viajar vários dias pelas florestas, transpor árvores arrancadas, atravessar o vau dos cursos de água que se tornam intransponíveis à menor chuva, cavalgar por atalhos obstruídos, por banhados, barrancos, etc... Conversei com os chefes, falei com as autoridades civis e ficou estabelecido que se tentaria junto ao Governo do Rio Grande do

<sup>202</sup> *Ibidem*, p. 95.

Sul obter uma área de terreno, no município de Lagoa Vermelha, às margens do rio Forquilha, para aí reunir os diversos Toldos e, que em seguida, um missionário ou dois, ocupar-se-iam de sua instrução religiosa, agrícola e civil.<sup>203</sup>

Em *Semblantes de pioneiros*, a personagem José Gelain é um desses colonos piedosos citados por Thales de Azevedo e aqui retomados com Bruno de Gillonnay, que colaboram na catequização dos índios. Morando em Lagoa Vermelha, José recebe a visita do Provincial dos Capuchinhos, Padre Bruno de Gillonnay, que o questiona sobre a quantidade de terras que possuía. Após José responder que já tem oito colônias, o padre expõe o motivo do seu questionamento:

Muito bem. Deus te ajudou bastante. Agora Deus te chama para outra missão, a fim de fazer o bem a tantas almas que nada sabem de religião. Fui informado pelos meus padres que poderias fazer o bem a tantas almas perdidas. Eu queria que fosses para Toldo do Rio Ligeiro a fim de instruir os índios.<sup>204</sup>

José responde ao padre que irá, caso sua esposa concorde. Ela, por sua vez, aceita, alegando ser essa vontade de Deus. Porém, o marido parece ter visto não só uma oportunidade de ensinar a religião católica aos índios, mas também de ensiná-los a viver do modo que considerava ser correto: “Aos domingos, reuniam-se mais de trezentos índios, velhos e moços. Eu lhes dava a instrução religiosa e também, como determinam as leis do País, ensinava a se comportarem como gente”<sup>205</sup>. Para desenvolver o trabalho, ganhava cem mil réis por mês e tinha dois lotes de terra à disposição para plantar.

Nota-se, na obra, um aspecto contraditório entre a maneira como a catequização dos índios, com a colaboração dos colonos, é exemplificada por Fidélis Dalcin Barbosa e a intenção descrita por um dos idealizadores da catequização, Bruno de Gillonnay. Em sua narrativa, Gillonnay demonstra apenas interesse no bem-estar dos índios, respeitando sua forma de viver e até mesmo admirando-a. Não cabe aqui a discussão acerca da veracidade dessas informações, mas apenas uma comparação com a ficção de Fidélis Dalcin Barbosa, em que a personagem José Gelain considera a catequização uma forma de transformar “selvagens” em “gente”. Em última instância, “transformar os selvagens em gente” pode significar desconhecimento ou rejeição dos valores culturais dos índios. Assim, a visão apresentada na obra de Fidélis Dalcin

<sup>203</sup> D'APREMONT, Bernardin; GILLONNAY, Bruno. *Op. cit.*, p. 72.

<sup>204</sup> *Idem*, p. 40.

<sup>205</sup> BARBOSA, Fidélis Dalcin. *Op. cit.*, p. 41.

Barbosa pode ser considerada etnocêntrica. Nela, o grupo dos imigrantes julga o valor da cultura dos nativos nos termos da própria cultura. Os primeiros são a civilização, os últimos, os selvagens e bárbaros a serem civilizados:

A sociedade do “eu” é a melhor, a superior. É representada como o espaço da cultura e da civilização por excelência. É onde existe o saber, o trabalho, o progresso. A sociedade do “outro” é atrasada. É o espaço da natureza. São os selvagens, os bárbaros. São qualquer coisa menos humanos, pois, estes somos nós. O barbarismo evoca a confusão, a desarticulação, a desordem. O selvagem é o que vem da floresta, da selva que lembra, de alguma maneira, a vida animal.<sup>206</sup>

Outro fato narrado pelo historiador Mário Gardelin e que também inspirou a ficção de Fidélis Dalcin Barbosa foi o já citado seqüestro da família Versteg. O fato teve o envolvimento de Luís Antonio Silva e Lima, ou “Luís Bugre”<sup>207</sup>, como ficou popularmente conhecido. A sua história começa em 1847, quando os imigrantes alemães que moravam próximo a Feliz, sofrendo constantes ataques por parte dos índios, resolvem ficar atentos a uma próxima investida e reagir, se necessário: “De reunião realizada, estabeleceu-se que ao menor sinal de perigo haveria mútuo aviso. E que todos, em casa, conservariam suas espingardas carregadas a sal ou a chumbinho fino. Pelo que se vê, não pretendiam matar ninguém.”<sup>208</sup> Essa sentença, se verdadeira, contradiz a guerra descrita ficcionalmente por Barbosa, em que parecia haver o interesse em eliminar definitivamente os índios.

Assim, na primeira invasão, os imigrantes colocaram o plano em prática. Espantaram os invasores e acabaram atingindo um menino, que aprisionaram: “Nesse episódio sucedeu que os chumbos atingissem os joelhos de um jovem índio que, tropeçando, desarticulou o pé e a fuga não lhe foi possível. Caiu preso nas mãos do colono.”<sup>209</sup>

Luís Bugre foi criado por um fazendeiro chamado Matias Rodrigues da Fonseca. Batizado em 1849, aprendeu a falar português e alemão. Já adulto, vagava pela floresta e entrava em contato com outros índios, com os quais mantinha relações comerciais. Assim ganhava a vida, trocando objetos na floresta e nas casas de negócios.

Em *Campo dos Bugres*, ao iniciar a subida da Serra, o tropeiro encarregado de levar Eduardo até seu lote conta-lhe que, quando chegaram os primeiros italianos, não

<sup>206</sup> ROCHA, Everardo. *O que é etnocentrismo*. São Paulo: Brasiliense, 2004, p. 9-10.

<sup>207</sup> Fidélis Dalcin Barbosa escreveu uma obra sobre a vida de Luís Bugre. Com o título “Luís Bugre: o indígena diante dos imigrantes alemães”, o livro foi publicado em 1977 pela Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes.

<sup>208</sup> GARDELIN, Mário. *Op. cit.*, p. 30.

<sup>209</sup> BARBOSA, Fidélis Dalcin, 1975. *Op. cit.*, p. 20.

havia nem mesmo caminho para chegar ao topo. Eles abriam caminho a facção e tinham a ajuda de Luís Bugre, “bugre legítimo, mas semicivilizado. Os colonos o pegaram pequeno”:

Naquele tempo, os bugres assaltavam as roças dos colonos, roubando milho, aipim... Uma noite, os índios foram surpreendidos pelos colonos e comeram fogo. Desceram o morro aos pulos e atravessaram o Caí. Mas um bugrinho, ferido num pé a chumbo, não conseguiu galgar a barranca do rio, e os colonos o pegaram. (...) Foi batizado com o nome de Luís. Embora criado no meio dos brancos, nunca perdeu o instinto selvagem. Era mau. Fugia para o mato e negociava com os índios. Comprava peles de onça, que vendia aos brancos. Um dia orientou os índios que moravam lá no Campo dos Bugres, para raptar uma família de colonos. Pegara a mulher e um casal de filhos. Incendiaram a casa, os galpões, tudo. Mataram os cavalos, as vacas, os porcos, as galinhas. (...) Apesar de mau, ele tem prestado bons serviços aos primeiros italianos, ensinando-lhes o caminho da serra, ensinando a construir casebres e a caçar.<sup>210</sup>

O fato envolvendo Luís Bugre e a família Versteg também é narrada por Mário Gardelin em *Colônia Caxias: primórdios*. Segundo o autor, Luís Bugre ajuda os nativos a invadir a propriedade da família, garantindo que o pai não estava em casa e avisando-os do momento certo para o ataque. Teriam, então, os bugres, destruído a fazenda e levado a mulher e os filhos de Lamberto Versteg como reféns. A mulher foi morta, a filha teve destino desconhecido, e o filho fugiu, indo ao encontro do pai alguns anos depois. Assim como Fidélis Dalcin Barbosa o faz ficcionalmente, Mário Gardelin também descreve Luís Bugre como um mau-caráter entre os imigrantes alemães, porém útil para os imigrantes italianos:

Se a imagem de Luís Antônio é profundamente negativa, com vistas à colonização alemã, o mesmo não sucede com os italianos. Sua memória é positiva. Ele foi de ajuda aos primeiros colonos. Quais os objetivos íntimos que ele visasse, não nos interessa. Sua memória ficará resguardada, pois, além de tudo, ele foi um colono, sujeitando-se ao regulamento, inscrevendo-se no dia da chegada, embora ele fosse nativo. E adquiriu o seu lote colonial.<sup>211</sup>

Tanto na historiografia como na ficção, é ressaltado o caráter mau, porém utilitário, de Luís Bugre. Ou seja, apesar de ser muitas vezes descrito como selvagem, também é bastante apreciada sua serventia para os imigrantes italianos. Os índios, em geral, também são avaliados dessa maneira por Fidélis Dalcin Barbosa:

<sup>210</sup> *Idem*, p. 20.

<sup>211</sup> GARDELIN, Mário. *Op. cit.*, p. 33.

Os primeiros colonizadores encontraram ótimos auxiliares na pessoa dos índios que habitavam aquelas matas, cultivando milho e feijão. Em troca de um prato de bóia, trabalhavam na roça, cortavam o mato, faziam lenha...<sup>212</sup>

Como se vê, há uma representação bastante ambivalente dos índios em *Semblantes de pioneiros e Campo dos Bugres*. Ora eles são julgados como selvagens que atacam e atentam contra a integridade dos imigrantes, ora figuram como exemplares prestadores de serviço. Isso quer dizer que alguns aspectos negativos dos índios são relevados quando eles passam a ter alguma serventia. Essa constatação fica mais clara na descrição da história de Luís Bugre que, apesar de ser considerado “mau”, tinha reconhecimento pelos serviços prestados.

Na historiografia ou na ficção, a história dos índios não é contada por eles mesmos, mas, sim, por estrangeiros, imigrantes ou colonizadores. Os índios são tratados, assim, como meras personagens e em nenhum momento lhes é dada voz. Mário Gardelin faz referência a esse fato, lamentando:

E não podemos fugir de um sentimento de frustração e de culpa: historicamente eles não foram compreendidos ou, se o foram, foi numa desproporção entre duas culturas. (...) Sua história, porém, é a pálida visão que o branco apanhou, preconceituosa (ainda que involuntariamente).<sup>213</sup>

Entre os fatos considerados reais e a ficção, fica o sentimento de que muitos dos acontecimentos envolvendo os índios na região Nordeste do Rio Grande do Sul não puderam ser recuperados por falta de dados mais concretos. Faltam, inclusive, informações mais abrangentes sobre o contato dos índios com os imigrantes. Quanto aos conflitos envolvendo os dois grupos, não existem justificativas para as possíveis destruições causadas pelos índios. Porém, pode-se compreender, de certa forma, considerando determinado tempo e espaço, a reação de um povo acuado em defesa própria e concluir que, se contada pelo outro lado, a história seria, da mesma forma, de sofrimento, perdas e destruição.

---

<sup>212</sup> BARBOSA, Fidélis Dalcin, 1961. *Op. cit.*, p. 46

<sup>213</sup> GARDELIN, Mário. *Op. cit.*, p. 36.

## 5 HISTÓRIA, LITERATURA E HEROICIZAÇÃO

A História se faz a partir de sinais deixados por fatos ocorridos no tempo e no espaço. Diferente da Literatura, ela se efetiva pela análise desses sinais utilizando métodos próprios do saber científico. Tanto os fatos históricos resgatados pela História, como os acontecimentos fictícios do romance (esse último, mesmo sem o respaldo documental), constituem uma narrativa. Apesar da aproximação entre os dois gêneros, há que se considerar as particularidades de cada um. Segundo Weinhardt,

o passado é uma empresa do imaginário, seja no plano da história, seja no da criação literária. Mas cada discurso preserva sua identidade. Para reconhecê-la, é indispensável refletir sobre as similitudes da narrativa histórica e da narrativa ficcional, bem como sobre as suas singularidades.<sup>214</sup>

Para Edgar de Decca, o romance subverte a função da história:

(...) ambientar enredos de romances em épocas históricas passadas não indica pretensões realistas, mas ao contrário, permite que o leitor se atenha mais aos aspectos ficcionais da trama narrada. Se os produtos da historiografia pretendem ser representações do passado que já aconteceu, isto é, são de alguma maneira representação de um real já vivido, eles ao serem absorvidos pelo romance perdem sua capacidade de significação, posto que os significados da ação humana encontram-se no enredo que se tece sobre um fundo histórico.<sup>215</sup>

---

<sup>214</sup> WEINHARDT, Marilene. Ficção e história: retomada de antigo diálogo. In: *Revista Letras*. Curitiba, n. 58, jul./dez. 2002, p. 105.

<sup>215</sup> DECCA, Edgar de. O que é romance histórico? Ou, devolvo a bola pra você, Hayden White. In: Aguiar, Flávio (Org.). *Gêneros de Fronteira: cruzamentos entre o histórico e o literário*. São Paulo: Xamã, 1997, p. 200.

Dados retirados de obras historiográficas, somados à ficcionalização, dão às obras *Semblantes de pioneiros* e *Campo dos Bugres* características de romance histórico<sup>216</sup>. No texto *O que é romance histórico? Ou, devolvo a bola pra você*, Hayden White<sup>217</sup>, Decca faz uma tipificação dos romances históricos. Um deles tem como ponto de partida a estrutura narrativa de um grande evento histórico. Nesse tipo de romance, o destino do indivíduo (personagem) estaria pré-determinado por forças que ele não controla. No caso, por exemplo, dos romances que têm como personagens imigrantes italianos, essas forças podem ser caracterizadas como da natureza.

Outro tipo de romance relacionado por Decca diz respeito aos que trabalham com mitos de origem, identidade nacional, étnica ou de grupos sociais. Esses teriam nascido na época das histórias nacionais do século XIX, que se propunham a criar mitos da identidade nacional. Peter Burke, no texto *As fronteiras instáveis entre história e ficção*, também se refere a essa fase:

Outro período crucial para a relação entre história e ficção foi, é claro, o século XIX, a era do romance histórico “clássico”, no qual autores como Scott, Manzoni, Hugo, Dumas, Jókai, Tolstoi e Pérez Galdós tentaram reconstruir o espírito de uma época, suas convenções culturais, algo que os praticantes da *nouvelle historique* do século XVII não haviam feito.<sup>218</sup>

Para a historiografia, a criação do mito de origem teve a função de organizar instituições da memória nacional e, com isso, conservar documentos importantes para a construção de uma identidade. Já nos romances, os mitos podem ser até mesmo inventados, tornando-se fundadores da própria história:

Eles são instituintes do tempo identitário de uma determinada comunidade ou grupo, são a sua própria fundação. (...) Neste romance e, porque não dizer, nesta historiografia prevalecem os particularismos, as especificidades do meio ambiente cultural. Romance nacional, regional ou étnico, todos eles expressões desta outra modalidade do romance histórico. Ele pretende se instituir como marca de diferenciação, como uma identidade que se diferencia de outras.<sup>219</sup>

<sup>216</sup> O texto literário está inserido num sistema que comporta vários níveis. Assim, no centro desse sistema, está o conjunto de obras consideradas primas. Em outros níveis, encontramos a paraliteratura ou a literatura popular. Neles, estão situados os textos cujos conteúdos fogem às preocupações de rigor estético-literário, tais como aqueles que procuram exaltar as qualidades de um povo. Mesmo sendo tênues as fronteiras entre literatura e paraliteratura, ou literatura popular, algumas características aproximam os textos de Fidélis Dalcin Barbosa da paraliteratura, como, por exemplo, o desejo expresso do autor de usar seus livros como manuais de doutrinação.

<sup>217</sup> DECCA, Edgar de. *Op. cit.*, p. 200.

<sup>218</sup> BURKE, Peter. *As fronteiras instáveis entre História e ficção*. In: Aguiar, Flávio (Org.). *Gêneros de Fronteira: cruzamentos entre o histórico e o literário*. São Paulo: Xamã, 1997, p. 111.

<sup>219</sup> DECCA, Edgar de. *Op.cit.*, p. 204.

No caso da historiografia, os mitos podem ter como base fatos históricos legitimados por certos indícios:

Cada uma das sociedades humanas que constitui um grupo – ‘nós’ de qualquer gênero possui um mito de seu próprio passado, uma história ou uma série de histórias que explicam como o grupo começou a existir, de que modo chegou ao ponto em que se encontra, como e porquê se distinguiu de outros grupos análogos existentes nas proximidades. Tais mitos de origem podem ser, e muitas vezes são, totalmente fantásticos, mas nem sempre é assim. Um mito de origem que fornece um fundamento institucional para a ‘nossa’ existência atual, como grupo de indivíduos que partilham interesses e aspirações comuns, pode corresponder à realidade histórica no sentido de que os acontecimentos referidos podem ser comprovados.<sup>220</sup>

Nessa perspectiva, na antiga região de colonização italiana no Rio Grande do Sul, por exemplo, diversos mitos foram criados, entre os quais se destacam: o mito do trabalho (o imigrante que trabalhasse muito ficaria rico), o mito da coragem e da ousadia (o imigrante escolheu vir para a América porque era um intrépido desbravador) e o mito da construção de uma nova pátria (o interesse dos italianos era formar uma nova pátria no Brasil, e não, enriquecer e voltar para a Itália).

Para a sociedade letrada, a escrita é o meio privilegiado da construção simbólica, ou seja, é um dos níveis em que o mito de origem é construído. Assim, nos textos que trabalham com o tema “imigração italiana”, pode haver uma abordagem no sentido de exaltação das realizações dos imigrantes italianos, ao invés da problematização crítica dos fatos:

Na historiografia nativa há duas grandes explicações: a primeira acredita que a imigração constitui um fato autônomo tanto do político como do econômico, considerando-a como conquista individual do imigrante; a segunda trata a imigração como resultado do trabalho de um grupo forte e corajoso que veio desbravar e construir o Brasil. As duas posições são alienadas e alienantes. A vitória de poucos justificaria o ufanismo geral. Constituem explicações ideológicas da imigração.<sup>221</sup>

Por isso, as obras literárias que mostram o que falta a um grupo social, ao invés de exaltar aquilo que ele possui plenamente, são as que representam melhor os movimentos sociais e históricos.<sup>222</sup> Assim, elas transitarão entre um fato histórico e uma visão de mundo. Chaves explica que a Literatura, ao nascer sob determinada

<sup>220</sup> LEACH, 1985. *Apud* RIBEIRO, Cleodes Piazza Julio. Região Colonial Italiana no Rio Grande do Sul: Imigração e antropologia. In: BÓ, Juventino Dal; IOTTI, Luiza Horn; MACHADO, Maria Beatriz Pinheiro (Orgs.). *Op. cit.*, p. 86.

<sup>221</sup> GIRON, Loraine Slomp. Leituras da Imigração. In: BÓ, Juventino Dal; IOTTI, Luiza Horn; MACHADO, Maria Beatriz Pinheiro (Orgs.). *Op. cit.*, p. 128.

<sup>222</sup> FREITAS, Maria Teresa de. *A História na Literatura: princípios de abordagem*. Revista de História da USP, São Paulo, n 17; julho-dez 1984.

circunstância, implica sempre uma referência histórica. A distinção que deve ser feita, então, é entre a circunstância e a historicidade. E a historicidade é relativa à visão do mundo:

São complexas as relações entre História e Literatura, que não podem se dispensar uma a outra, pois estão na base do compromisso entre o autor e seu tempo. Mas se é de Literatura que se trata, nela não devemos buscar a História; temos de encontrar a sua historicidade, o que é, creio eu, dialeticamente válido. O texto literário não interessa à História enquanto transcrição, mas enquanto instauração do seu significado.<sup>223</sup>

A teoria literária atual é importante para a teoria contemporânea da escrita da história, porque “o discurso histórico utiliza estruturas de produção-de-significado encontradas em sua forma mais pura nas ficções literárias (...)”<sup>224</sup>. A literatura participa da construção de significados para a história, porque passa de uma circunstância datada para uma visão do mundo. Para garantir a compreensão de tal idéia, Chaves cita o exemplo de *Memórias do cárcere*, de Graciliano Ramos, onde o leitor transita entre a circunstância histórica e datada, que é o fascismo no Brasil, e a visão do mundo ou historicidade, que é a opressão.<sup>225</sup> Ainda segundo Chaves, a historicidade, além de dar conta da visão do mundo, garante sua vigência na experiência de diversos leitores em diferentes momentos.<sup>226</sup>

A arte literária também faz história, porque motiva o comportamento social do leitor, inculcando normas que são padrões de atuação social.<sup>227</sup> Considerando que a Literatura e a História guardam a memória coletiva de um povo e trazem consigo relações sociais e de poder, poder-se-ia discutir que influências das instâncias de poder e dominação as representações simbólicas encontradas nos textos estão direcionadas a atender. Para Giron, cinco grupos reúnem as diferentes leituras da imigração italiana no Rio Grande do Sul:

O primeiro grupo trata a imigração como função política. O segundo estuda a imigração como mão-de-obra, ou seja, como variável econômica. O terceiro grupo analisa o processo imigratório nos seus nexos socioeconômicos e políticos. O quarto grupo estuda a cultura dos imigrantes italianos e de seus descendentes e suas manifestações culturais. Finalmente, o quinto grupo apresenta a visão que os descendentes de imigrantes têm do próprio imigrante e da imigração.<sup>228</sup>

<sup>223</sup> CHAVES, Flávio Loureiro. A História vista pela Literatura. In: BATISTI, Elisa; CHAVES, Flávio Loureiro (Orgs.). *Op. cit.*, p. 13.

<sup>224</sup> WHITE, Hayden. *Teoria literária e escrita da história*. Estudos Históricos. V. 7, n. 13. Rio de Janeiro, 1994, p 21-48.

<sup>225</sup> CHAVES, Flávio Loureiro. *Op. cit.*, p. 12.

<sup>226</sup> *Idem*, p. 17.

<sup>227</sup> ARENDT, João Claudio; CONFORTO, Marília. *Op. cit.*, p. 65.

<sup>228</sup> GIRON, Loraine Slomp, 1996. *Op. cit.*, p. 117.

Com relação ao último grupo, “A imigração pelo imigrante”, Giron afirma que os imigrantes e descendentes criaram seus próprios mitos e ideologias, e que eles constituem, de certa forma, “reações dos oprimidos contra os opressores”. Ou seja, depois de ter sua cultura desprezada e seu papel na história do Rio Grande do Sul negado, os imigrantes reagiram, mostrando o que pensavam sobre a sua participação na formação do Estado e do país, e quais os valores em que acreditavam:

As leituras nativas da imigração podem ser divididas em três grupos de trabalhos: as histórias de municípios, as de família e as de instituições. São fontes preciosas para o entendimento da cultura regional. Têm como pressuposto geral o caráter autônomo da história regional, tanto da história nacional como da internacional. Na leitura imigrante, tanto as colônias como os municípios e as instituições foram criados pelos imigrantes. Na “explicação” de tais obras, os imigrantes passam da condição de criaturas para a de criadores.<sup>229</sup>

Os textos de ficção que têm como tema a imigração italiana, ao apresentarem dados com relação à cultura, à socialização, à religião, à economia, à política, enfim, à vida dos imigrantes, carregam uma representação da história. No caso de Fidélis Dalcin Barbosa, é inegável que as obras *Semblantes de pioneiros* e *Campo dos Bugres* são uma forma de leitura da imigração italiana. Todavia, nelas se encontra reforçada a versão aceita pela ordem social de contar a história da imigração, respaldada pela força de instituições como a família e a Igreja. Em diversos momentos, é estabelecido o processo de heroicização dos imigrantes em ambas as obras, de modo que os italianos são representados, em sua totalidade, como intrépidos, invencíveis, fortes, humildes e trabalhadores. Sem relativizar as características, o autor constrói a figura mítica do imigrante como herói destemido, que não sucumbe diante das dificuldades encontradas e, principalmente, que é muito trabalhador. Comparados a heróis mitológicos, os italianos ganham características sobre-humanas. Além disso, como já se afirmou, são considerados os únicos responsáveis pelo progresso na região da Serra Gaúcha.

Apesar de não ser intenção do autor de ficção relatar com cientificidade os fatos, essa é uma forma bastante peculiar de representação, que ajudou a formar o conhecimento que muitos leitores têm da imigração italiana no Rio Grande do Sul. Nesse sentido, é pertinente discutir a representação literária a que os leitores tiveram acesso, levando em consideração a heroicização dos imigrantes italianos nas obras de Fidélis.

---

<sup>229</sup> *Idem*, p. 128.

## 5.1 O imigrante italiano como herói

“A todos os brasileiros em cujas veias circula o sangue heróico dos colonizadores”: é a dedicatória de Fidélis Dalcin Barbosa aos descendentes de imigrantes italianos, em *Semblantes de pioneiros*. As palavras do próprio autor indicam o que os leitores encontram em suas obras que têm como tema a imigração italiana no Rio Grande do Sul. Nelas, as personagens traduzem-se em representações heroicizadas dos imigrantes europeus que povoaram a região nordeste do Rio Grande do Sul, na segunda metade do século XIX.

Em “A odisséia de um imigrante”, por exemplo, destacam-se os adjetivos usados pelo autor para definir esses imigrantes:

É insignificante, quase nula, a bibliografia do imigrante italiano no Rio Grande do Sul. A empolgante odisséia dos anônimos desbravadores das impenetráveis florestas da serra gaúcha, não encontrou poeta para cantá-la na epopéia de heroísmo que encerra. Não houve pena que tracejasse no papel, imortalizando nas páginas da História, os feitos inenarráveis destes autênticos titãs de bravura e estoicismo, perpetuando os lances impressionantes que os velhos avós contavam em roda do fogão, em noites de cruel invernia.<sup>230</sup>

Nesse excerto, os termos odisséia, epopéia, heroísmo e titãs são usados como meio de aproximar os imigrantes dos heróis das tradicionais histórias mitológicas. Para compreender melhor essa questão, é pertinente lembrar que a mitologia grega compreende os mitos e as lendas sobre os deuses, os heróis e os próprios homens, presentes na religião praticada na Grécia Antiga. Tais narrativas foram transmitidas originalmente pela tradição oral, muitas vezes com o intuito de explicar fenômenos naturais, culturais ou religiosos. A *Iliada* e a *Odisséia*, de Homero, por exemplo, foram contadas oralmente muito tempo antes de serem escritas:

Não devemos esquecer que, por muito tempo, as narrações que compõem o mosaico mitológico foram transmitidas pela tradição oral, verdadeira biblioteca viva da memória dos homens. As pessoas contavam umas às outras os feitos de seus ancestrais, a fundação de sua cidade, as misérias das guerras de antigamente, as longas expedições conquistadoras e comerciais, as viagens por terra e por mar. De geração em geração, a arte dos que contavam e a imaginação dos que ouviam embelezavam as narrações, misturavam deuses aos assuntos dos homens. A partir de fatos ou de ações reais, produziam-se belas lendas, que eram difundidas de cidade em cidade por poetas cantores, os aedos.<sup>231</sup>

<sup>230</sup> BARBOSA, Fidélis Dalcin, 1961. *Op.cit.*, 13.

<sup>231</sup> GANDON, Odile. *Deuses e heróis da mitologia grega e latina*. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 12-13.

A Guerra de Tróia e a viagem de Ulisses, que ganharam a forma de poema na *Iliada* e na *Odisséia*, de Homero, no século VIII a. C., são acontecimentos que provavelmente datam do século XII a. C. Tanto nessas como em outras histórias mitológicas, os deuses eram representados com aparência humana ou como forças da natureza. As divindades homéricas possuíam a imortalidade e as qualidades humanas em grau muito alto:

Em geral, as divindades homéricas “distinguem-se por uma superlativação das qualidades humanas”: são majestosas, brilhantes, muito altas e fortes. Possuem *areté* (excelência) e *tímé* (honra), sem temor de ir além dos limites, como os heróis que não podem ultrapassar o *métron*. Tendo *princípio*, mas não tendo *fim*, são imortais, mas não eternos.<sup>232</sup>

A convivência entre deuses e homens era comum, chegando a resultar em uniões matrimoniais e na geração de descendentes. “Nas festas, nas lutas, na vida cotidiana, os deuses estavam sempre presentes. Ora eles acompanhavam os homens, ora os ajudavam ou os castigavam, sempre interferindo em seus assuntos”<sup>233</sup>. Do casamento de deuses com humanos, nasciam os heróis, entre os quais se destacam Aquiles, Hércules, Enéias, Rômulo e Ulisses. Os heróis são seres com características humanas, mas possuem particularidades que os aproximam dos deuses:

Apesar do sangue divino que corre em suas veias, o herói é mortal e, como os outros homens, é submetido ao destino que rege a vida humana. A lenda trágica de Édipo é um terrível exemplo disso. Mas o herói mitológico é dotado de qualidades sobre-humanas: é mais valente na luta dos que os outros homens, é mais inteligente e mais hábil.<sup>234</sup>

Voltando ao texto de Fidélis Dalcin Barbosa, verifica-se “a empolgante odisséia dos anônimos desbravadores das impenetráveis florestas da serra gaúcha”. A palavra “odisséia”, que contemporaneamente representa uma viagem com aventura e, possivelmente, alguns percalços, teve sua origem na viagem de Ulisses, personagem do poema homérico de mesmo nome. É possível afirmar, assim, que o deslocamento dos imigrantes italianos ao Brasil, segundo Fidélis, foi parecido com a viagem de Ulisses. No texto de Fidélis, a viagem “não encontrou poeta para cantá-la na epopéia de heroísmo que encerra”. Por extensão, deduz-se que o autor considera-se o poeta escolhido para tal e a sua obra deve se considerada essa “epopéia de heroísmo”. Para Weinhardt,

<sup>232</sup> BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega* – Volume I. 12.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998, p. 133.

<sup>233</sup> *Idem*, p. 14.

<sup>234</sup> *Ibidem*, p. 15.

O tempo representado na epopéia é o “passado absoluto”, fechado e inquestionável, a ser reverenciado sem crítica, com uma hierarquia estratificada e heróis que sumarizam em si o passado heróico nacional, heróis sem fissura entre o aspecto externo e interno, direito e avesso perfeitamente idênticos, ação e modo de ser sem conflitos.<sup>235</sup>

É clara, portanto, a relação que Fidélis faz entre os imigrantes e os heróis mitológicos, de modo que suas características são atribuídas aos italianos, os quais figuram, assim, como mais valentes, mais inteligentes e mais hábeis que os outros homens. Ainda no mesmo excerto transcrito, a palavra “titãs” constitui a terceira referência à mitologia. Os “titãs” foram os doze filhos dos primitivos senhores do universo, Gaia e Urano. Titã também é um termo usado contemporaneamente para designar uma pessoa que tem caráter de grandeza física, intelectual ou moral<sup>236</sup>. Em *Semblantes de pioneiros*, os “titãs” são os próprios imigrantes italianos. José Gelain, por exemplo, é tratado pelo termo titã e, de acordo com o próprio texto, constitui uma das personagens que serve para representar o modo de ser de todos os imigrantes italianos no Brasil:

Retrata, com impecável fidelidade e comovente realismo, o poema sublime de trabalho e sofrimento, de tenacidade e arrojo, de aventura e confiança desses milhares de colonizadores que, à semelhança de José Gelain, fizeram surgir do solo rude, regado a suor e sangue, a fulguração estupenda de tantas cidades, pletóricas de beleza e progresso. Aqui vai, pois, o homérico relato deste intrépido bandeirante (...)<sup>237</sup>

O termo “homérico”, no excerto acima, volta a relacionar o imigrante com as personagens de Homero. Em *Campo dos Bugres*, igualmente, a vida dos imigrantes é associada a uma epopéia, bem como há, também, uma comparação com a história do povo hebreu, conforme a narrativa bíblica:

Não é apenas uma aventura; trata-se de uma autêntica epopéia, que deveria ser imortalizada em prosa e verso como Camões. Epopéia que envolve não só uma família, mas um milhão de pessoas, todo um povo que, à semelhança dos hebreus, deixa a pátria, e parte em busca da terra da promessa, longe, muito longe, além dos mares, no outro hemisfério.<sup>238</sup>

Segundo a Bíblia, após a morte de Moisés, os hebreus chegaram à Palestina e conquistaram parte de Canaã, região que corresponde ao atual Estado de Israel, incluindo a Cisjordânia, a Jordânia Ocidental, o sul da Síria e o sul do Líbano.

<sup>235</sup> WEINHARDT, Marilene. Considerações sobre o romance histórico. In: *Revista Letras*, Curitiba, n. 43, 1994, p. 50.

<sup>236</sup> FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio*. 6.ed. Curitiba: Posigraf, 2004, p. 637.

<sup>237</sup> BARBOSA, Fidélis Dalcin, 1961. *Op. cit.*, p. 13.

<sup>238</sup> BARBOSA, Fidélis Dalcin, 1975. *Op. cit.*, p. 5.

Comparada com os desertos da região, Canaã era uma terra de fartura, onde havia frutas, mel e azeitonas. Daí que tenha recebido de Abraão a designação de "terra prometida de onde corre leite e mel". Do ponto de vista bíblico, Canaã é a terra entregue por Deus ao seu povo, a terra prometida. Logo, em *Semblantes de pioneiros e Campo dos Bugres*, a viagem dos imigrantes italianos para o Brasil é comparada à peregrinação do povo hebreu à Canaã. Nesse sentido, a propaganda do governo era um indicativo, para os italianos, de que encontrariam no Brasil a terra prometida, a Cocanha, como explica Ribeiro:

Enfim, a América estava associada à *Terra da Promissão*. No discurso dos propagantistas e recrutadores, a América era sinônimo de uma natureza paradisíaca, de clima ameno e de grandes extensões de terra fértil das quais os camponeses poderiam tornar-se proprietários.<sup>239</sup>

Além das características relativas à mitologia grega e à narrativa bíblica, há também um processo de glorificação do imigrante quanto aos valores considerados modelares do caráter do ser humano, segundo instituições como a família e a Igreja. Na seguinte passagem de *Semblantes de pioneiros*, temos a descrição dos carreteiros:

Mas quando a chuva tombava transformando as estradas em imensos lodaçais, o trabalho e o sacrifício do pobre carreteiro assumia proporções de heroísmo. (...) A vida de chofer de caminhão é dura. Mas ao lado da vida de carreteiro, é um céu aberto. Saudemos este herói anônimo. Façamos-lhe justiça. Imortalizemo-lo num monumento de glória.<sup>240</sup>

Sem relativização das particularidades, é construída a figura heróica do imigrante, que não tinha medos, não sucumbia diante das dificuldades encontradas e, principalmente, trabalhava muito. Não se pode dizer que o autor não tenha descrito aspectos que correspondam, ao menos parcialmente, à realidade dos fatos. A intenção não é discutir a veracidade das informações, mas entender de que modo as imagens criadas por Fidélis poderiam ser relativizadas. Ou seja, as descrições do texto são amplas, abrangentes e taxativas: todos os imigrantes trabalhavam muito; todos os imigrantes se submetiam aos sacrifícios diários sem reclamar e o faziam alegremente; todos os imigrantes eram heróis intrépidos. As personagens, de uma forma geral, surgem alegres, conformadas e até mesmo instigadas pelas dificuldades. A determinação das personagens em não desanimar e permanecer confiantes e felizes está sempre relacionada à segurança que depositavam no poder

<sup>239</sup> RIBEIRO, Cleodes Piazza Júlio. *Op. cit.*, p. 66.

<sup>240</sup> BARBOSA, Fidélis Dalcin, 1961. *Op. cit.*, p. 51-65.

de Deus. Nesta passagem de *Campo dos Bugres*, Eduardo atribui à fé o fato de os imigrantes terem pinhão para se alimentar:

Felizmente a Providência cuidava dos imigrantes, não permitindo que pusessem de fome. A natureza, em sua inesgotável prodigalidade, vinha todos os dias, generosamente, em nosso auxílio. A temporada do pinhão prolongava-se por diversos meses.<sup>241</sup>

São inúmeros os exemplos em que as personagens crêem na intercessão de Deus para resolver seus problemas. Também são muitas as descrições de italianos de conduta irretocável. Em *Italianos e gaúchos*, porém, Thales de Azevedo levanta informações sobre imigrantes de conduta discutível e que não suportaram o trabalho pesado a que foram submetidos na Região de Colonização Italiana:

Já em 1876 se registravam alguns casos de saída de franceses, tirolezes e italianos que, depois de usufruírem os auxílios concedidos aos colonos, retiravam-se de Conde d'Eu e D. Isabel para o Rio da Prata ou para seus países sem cumprirem os compromissos assumidos. Tratava-se, em geral, de imigrantes de procedência urbana e, segundo as autoridades coloniais, sem condições físicas nem desejo de se entregarem ao pesado labor das derrubadas, do desmatamento e da lavra da terra: “vadios e criminosos sem conhecimento algum de agricultura e que não querem trabalhar”.<sup>242</sup>

Essa informação alerta para outro tipo de imigrante, ou seja, aquele que não tinha interesse em exercer a atividade de camponês e deixava o país depois de tirar proveito dos benefícios concedidos pelo governo brasileiro. Italianos com esse perfil não são representados nas obras de Fidélis Dalcin Barbosa. Apenas os honestos e trabalhadores aparecem e servem como modelo de conduta para todos os demais imigrantes italianos. Outro papel desempenhado pelas personagens de Barbosa é o de responsáveis pelo progresso da região, como neste excerto de “Carreteiros”:

É a carreta de terno, a enorme carreta de quatro rodas, do colono imigrante, que contribuiu em alta escala para a composição da epopéia de heroísmo por sobre as montanhas do Planalto onde outrora imperava a ínvia mataria e hoje fumeja a chaminé do progresso e esplende a beleza das cidades.<sup>243</sup>

Novamente, não se pode dizer que os imigrantes italianos não tenham contribuído para o crescimento estabelecido, porém, faz-se necessária a relativização de tal imagem, considerando a participação de outros povos no processo.

<sup>241</sup> BARBOSA, Fidélis Dalcin, 1975. *Op. cit.*, p. 42.

<sup>242</sup> AZEVEDO, Thales de. *Op. cit.*, p. 95.

<sup>243</sup> BARBOSA, Fidélis Dalcin, 1961. *Op. cit.*, p. 50.

Em texto publicado no Correio do Povo em 1977, já citado anteriormente, Hohlfeldt questiona o mito do progresso presente, segundo ele, tanto em *Campo dos Bugres*, quanto em *Semblantes de pioneiros*:

Em ambos, contudo, permanece latente o mito do progresso, da coragem do imigrante, aquele primeiro ainda mantendo-se num limite precioso, em que o heroísmo alcança graus de reconhecimento e aceitação do leitor. Neste último, porém, o autor perde-se por completo, no afã de catequizar.<sup>244</sup>

Essa exaltação do grupo italiano pelo progresso da região está diretamente ligada à heroicização do imigrante, como expõe Giron:

Os imigrantes e seus descendentes, que inicialmente se envergonhavam de sua origem humilde, passam a se orgulhar dela. Entre o orgulho e o preconceito o caminho é curto. O orgulho de ser descendente de imigrantes italianos pode levar a desconsiderar aqueles que não o são. A construção da imagem dos imigrantes, que passa a atribuir ao próprio grupo o progresso e a riqueza do Brasil, passa a silenciar sobre a contribuição de outros grupos e outras etnias no processo histórico. Do silêncio sobre eles passam à negação dos mesmos. Parece ser pequena a distância entre essa negação e o preconceito.<sup>245</sup>

Para Giron, ainda, a sublimação dos feitos por parte dos imigrantes surgiu como forma de reagir ao desprezo por sua cultura e à rejeição de seu papel na história do Rio Grande do Sul:

Na antiga região colonial italiana do RS, na medida em que ocorreu a acumulação de capital, onde alguns descendentes de imigrantes italianos enriqueceram e tornaram-se poder dominante, a imigração criou seus mitos: o mito do trabalho que ocasionaria o enriquecimento do imigrante; o mito da coragem e do denodo dos seus antepassados que por seu livre arbítrio vieram para a América; o mito da construção do novo mundo com o trabalho dos imigrantes.<sup>246</sup>

Partindo do princípio de que a principal função do mito seja revelar modelos exemplares de rituais e atividades humanas, desde a alimentação, até o casamento e o trabalho<sup>247</sup>, em *Semblantes de pioneiros* e *Campo dos Bugres*, tais modelos são assumidos por personagens que simbolizam todos os imigrantes. Assim, os descendentes podem admirar e seguir o mesmo padrão moral de pais e avós. Embora diversas passagens das duas obras ilustrem esse comportamento, o seguinte excerto de “Uma partida de bochas” é exemplar:

Seus filhos, netos, bisnetos, trinnetos, andam espalhados como filhos de perdiz, pelo Brasil afora, trabalhando pela grandeza da Pátria, honrando a

<sup>244</sup> HOHLFELDT, Antonio. *Op. cit.*, p. 12.

<sup>245</sup> GIRON, Loraine Slomp, 1999. *Op. cit.*, p. 50.

<sup>246</sup> *Idem*, p. 127.

<sup>247</sup> ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972, p. 13.

tradição dos intrépidos antepassados que escrevem o sublime poema do trabalho e do heroísmo por sobre as montanhosas paragens da serra gaúcha.<sup>248</sup>

O fato de os descendentes serem tão trabalhadores quanto os antepassados tem bastante destaque nas narrativas de Fidélis. É com orgulho que os imigrantes definem as profissões dos filhos e netos, conforme se vê, por exemplo, na fala de Fiorinda, em “A epopéia do imigrante”:

Os cem mil italianos chegados ao Rio Grande já devem ter dado mais de um milhão de cidadãos brasileiros. Andam esparramados como filhos de perdiz por todo o Estado. Em Santa Catarina. No Paraná. Em S. Paulo. Mato Grosso. Rio de Janeiro. Brasília... Filhos ilustres na política, nas artes, nas letras. Governadores, ministros, senadores, deputados, grandes médicos, engenheiros, advogados, bispos, sacerdotes. Milhares de religiosos.<sup>249</sup>

Nos textos, percebe-se que, pelo discurso dos imigrantes pioneiros, os descendentes também passam a ser heroicizados. Todas as características atribuídas inicialmente aos imigrantes e que lhes davam o *status* de heróis, agora também pertencem às novas gerações que, seguindo os modelos e os valores instituídos por meio da família e da Igreja, tornam-se seres humanos bons e, principalmente, incansáveis trabalhadores.

Inúmeros indícios narrativos apontam que houve o processo de heroicização do imigrante italiano em quatro sentidos. Primeiro, na comparação dos imigrantes com heróis mitológicos, por meio dos substantivos e adjetivos usados para nomeá-los e caracterizá-los. Segundo, na comparação do fenômeno da imigração com a peregrinação do povo hebreu à Canaã. Terceiro, na interiorização dos valores da família, da religião e do trabalho, de modo que os imigrantes representados nas obras são fiéis a tais valores, o que os torna dedicados à família, resignados à vontade de Deus e trabalhadores obstinados. Por fim, ligada à questão do trabalho, há a representação dos imigrantes como os únicos responsáveis pelo progresso da região da Serra, o que também configura uma visão heroicizada.

Apesar de não haver, para a ficção, o compromisso com a verdade e a cientificidade, em *Semblantes de pioneiros* e *Campo dos Bugres*, os imigrantes italianos são, indiscutivelmente, representados como heróis. Tal representação não dá conta, portanto, dos imigrantes que sucumbiram à fome e às doenças, ou que não suportaram o trabalho árduo e, muitas vezes, infrutífero. Isso significa que, se usadas

<sup>248</sup> BARBOSA, Fidélis Dalcin, 1961. *Op. cit.*, p 107.

<sup>249</sup> *Idem*, p. 135.

como obras modelares sobre a imigração italiana, elas transmitem ao leitor uma representação bastante tendenciosa e pouco abrangente acerca do fenômeno.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde os primeiros contatos com obras e autores da literatura brasileira, ainda na infância, Fidélis Dalcin Barbosa alimentou o sonho de tornar-se um escritor. Na impossibilidade de freqüentar cursos de especialização, transformou-se num autor de obras atrativas ao gosto popular, como declarou na autobiografia *80 anos de amor ao trabalho*. De qualquer forma, conseguiu alcançar seu objetivo, pois, entre romances, autobiografias, histórias de congregações religiosas, biografias e histórias de municípios, editou 56 obras.

Fidélis Dalcin Barbosa elaborou algumas de suas narrativas sobre a imigração italiana a partir de indícios acerca do fenômeno, somando a eles elementos simbólicos característicos de sua visão de mundo e apoiando-se em valores católicos vivenciados durante toda a sua vida. Assim, criou uma representação particular sobre os fatos a que tiveram acesso seus inúmeros leitores.

Conforme se viu nesta dissertação, em *Semblantes de pioneiros* e *Campo dos Bugres*, destacam-se três aspectos essenciais no que tange à imigração italiana: a família, o trabalho e a religião. No primeiro, o autor deu ênfase à estrutura e à vivência familiar; no segundo, tratou de questões referentes ao trabalho desenvolvido na RCI, relacionando-o com o progresso material da região; no terceiro, exaltou os dogmas católicos como determinantes do comportamento social.

Apresentados, no primeiro capítulo, dados biobibliográficos do autor bem como as obras que foram objeto de estudo desta dissertação, o segundo foi dedicado ao exame da representação da família entre os imigrantes. A análise que fizemos do papel

de cada integrante da família permitiu identificar a mulher na função de mãe, esposa e trabalhadora doméstica. As dificuldades exigiram dela a participação efetiva no trabalho e na criação dos filhos, a quem transmitia valores e regras de comportamento apoiados na religião católica. Mesmo com tarefas tão importantes, as mulheres são, geralmente, representadas como as pessoas mais sensibilizadas com as conseqüências da imigração e as que mais externam os sentimentos de inconformidade e prostração. Para os homens, por sua vez, os percalços poderiam ser todos resolvidos, de modo que os tempos de ventura certamente chegariam com muito trabalho e com a ajuda da “providência divina”, não havendo, portanto, motivo para queixas.

De acordo com os textos estudados, a mulher forte e piedosa é aquela que suporta os contratempos sem contestações. Em algumas passagens, a imposição da conformidade é tão grande, que o narrador chega a dizer que as personagens são afeiçoadas ao sofrimento. Quando a mulher não age da maneira esperada, é acusada de falta de confiança em Deus e acaba sentindo-se culpada. Tal comportamento indica a interiorização de dogmas religiosos pelas personagens femininas. A culpa, por exemplo, configura um sentimento comum aos cristãos que agem em contrariedade aos princípios impostos pela Igreja. O conceito de culpa está relacionado com o pecado e com o castigo, ou seja, com a transgressão das regras religiosas e suas conseqüências. O correto para as mulheres representadas é portarem-se com resignação e esperança. Em diversas passagens, o narrador aprova e incentiva a rejeição do homem pelo desânimo feminino. Concordar com ela seria o mesmo que esmorecer diante das dificuldades e admitir arrependimento por ter optado pela emigração ou expressar seu medo de não alcançar o objetivo de progredir economicamente.

Assim, o homem representado em *Semblantes de pioneiros* e *Campo dos bugres* também teve seu papel analisado no segundo capítulo. Ele surge como o indivíduo digno, forte, valente, perseverante e, quase sempre, heróico. Qualquer trabalho realizado por ele ganha proporções de aventura e heroísmo. Sejam quais forem os problemas enfrentados, ele consegue resolvê-los estoicamente. Possui, pois, características sobre-humanas que se sobressaem especialmente quando realiza seu trabalho. Como foi visto, em diversos momentos dos textos, são usados termos relacionados à mitologia para definir o perfil dos homens imigrantes, tais como “homérico”, “titãs” e “odisséia”. Essas expressões contribuem para o processo de heroicização do imigrante, conforme foi analisado no quinto capítulo.

O papel dos filhos na estrutura familiar constituiu outro aspecto estudado no segundo capítulo. O principal motivo que leva os imigrantes a formarem famílias numerosas é a necessidade de mão-de-obra para o trabalho. Todavia, infere-se que a Igreja também tinha sua participação, por meio do doutrinamento contra o controle de natalidade, garantindo, assim, a seguinte equação bíblica: muitos filhos significavam uma bênção de Deus e, conseqüentemente, mais santos para a Igreja ou maior difusão do cristianismo. A Igreja, de acordo com as determinações do Concílio de Trento (1545-1563), mantinha a região de colonização italiana sob controle, procurando fazer com que suas determinações fossem rigorosamente cumpridas.

Todavia, as terras tornavam-se insuficientes para estabelecer a larga prole. A solução foi reinterpretar a bênção divina dos muitos filhos, o que significou trabalhar com mais ardor, multiplicar as frentes de trabalho, explorar ao máximo a mão-de-obra e depois migrar ou forçar a emigração de parte dessa força de trabalho. Repetia-se, assim, o ciclo que iniciara na Itália: para fugir da pobreza que poderia recair sobre a numerosa família, era necessário emigrar de novo. As personagens das obras analisadas passam exatamente por esse processo. A preocupação com o futuro econômico é evidente, sendo resolvida com o trabalho árduo para a compra de mais terras em outras regiões para os descendentes com que a prodigalidade divina os havia presenteado.

Tal raciocínio também pode ser aplicado à necessidade dos imigrantes de encaminharem filhos às escolas religiosas. Inicialmente, é possível associar o fato a uma das conseqüências da equação bíblica de formar mais santos para a Igreja. Mas, num segundo momento, ele configura uma maneira de os filhos seguirem o seu caminho sem precisarem contar com a ajuda econômica dos pais, inclusive para o financiamento dos estudos. Em *Semblantes de pioneiros* e *Campo dos Bugres*, apenas é citado como fator para a grande procura pela formação religiosa o fato dos filhos dos imigrantes terem sido criados num ambiente que favorecia a vocação e terem ímpeto de segui-la. O matrimônio, por sua vez, era o caminho aconselhado aos filhos de imigrantes que não tivessem vocação religiosa. Para os filhos homens, o casamento era mais um motivo para conseguir bens. Para as mulheres, representava outra possibilidade de sustento que não o oriundo dos pais.

No terceiro capítulo, dedicado à análise do trabalho dos imigrantes, percebe-se que ele está associado à idealização do País da Cocanha, já que a realidade no Brasil não correspondia ao que era prometido pelos agenciadores. No início, a única

alternativa era trabalhar duro para tentar sobreviver. Com o passar do tempo, o trabalho produz resultados positivos e proporciona o progresso financeiro. A crença em uma vida melhor, o choque com a realidade e o trabalho realizado heroicamente conduzem, enfim, à concretização do sonho que esperavam realizar ao partirem da Itália, ou seja, a conquista da Cocanha. Mesmo que num momento bem posterior à chegada, ela passa a fazer parte da realidade das personagens.

Diferente dos dados levantados por um dos principais antropólogos da imigração italiana, Thales de Azevedo, as personagens de Fidélis Dalcin Barbosa não sucumbiram às dificuldades. Todas cumpriram as etapas que as levaram ao principal objetivo: o sucesso econômico. Além da satisfação individual, elas são também responsabilizadas pelo progresso da região da Serra.

Porém, há uma contradição nas duas obras analisadas no que tange à real intenção do imigrante no Brasil, conforme se viu no quarto capítulo desta dissertação. Em alguns momentos, as personagens demonstram interesse em emigrar e voltar para a Itália depois de conseguirem enriquecer. Em outros, elas nutrem certo rancor pela terra que lhes negou recursos básicos para a sobrevivência e reforçam o desejo de ficar no Brasil trabalhando pelo seu progresso.

Os historiadores também têm opiniões diferentes sobre essa questão. Tal discrepância leva ao questionamento sobre as afirmações das personagens de *Semblantes de pioneiros* e *Campo dos Bugres* quanto ao desejo de empreenderem o progresso da região da Serra. Como esse interesse não é confirmado, conclui-se que ele vem a reforçar, em última análise, o processo de heroicização do imigrante italiano e de seus descendentes. Nas obras, admiradoras dos feitos dos antepassados, as gerações posteriores também trabalham para o crescimento econômico pessoal e do país.

Ainda no quarto capítulo, observou-se que a formação da nova pátria e o seu conseqüente progresso estão associados, nas obras, à difusão do catolicismo. A disseminação de valores cristãos numa terra, até então, considerada selvagem, pode ser entendido como mais um elemento civilizador implantado pelos imigrantes. Os responsáveis por esse processo são relacionados, nas obras de Fidélis, aos santos italianos e considerados como seus descendentes diretos. Nesse sentido, mais do que heróis, os imigrantes italianos são santificados em *Semblantes de pioneiros* e *Campo dos Bugres*.

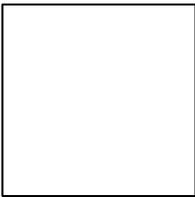
Também no quarto capítulo, tratou-se dos confrontos entre imigrantes italianos e os nativos (denominados pelo autor como bugres). Chama a atenção, nesse sentido, que a justificativa encontrada pelos bugreiros para eliminar os índios também é baseada na religião. No conto “Bugreiros”, por exemplo, o narrador afirma que a guerra dos imigrantes contra os “silvícolas” é abençoada por Deus, pois representa a defesa da pátria em vias de civilização. Para o autor, os imigrantes representam a cultura e a civilização, ao passo que os bugres são os selvagens, os bárbaros. Nesse contexto, as personagens de *Semblantes de pioneiros* e *Campo dos Bugres* põem-se a catequizar os índios para que, segundo os textos estudados, eles se transformem em seres humanos. No discurso etnocêntrico de Fidélis, os bugres só deixariam de ser animais, se vivessem de acordo com o modo considerado correto pelos imigrantes.

Nas obras de Fidélis, ainda no que tange ao relacionamento dos imigrantes italianos com outras etnias, os lusos e italianos, percebe-se que, até certo ponto, apreciam a cultura um do outro, não havendo empecilhos para o casamento interétnico. Ao contrário, o autor o incentiva como prática social, associando-o com o progresso econômico almejado pelos imigrantes.

No quinto capítulo, foi possível verificar a presença de diversos mitos acerca da região de colonização italiana no Rio Grande do Sul. Partindo da definição proposta por Mircea Eliade, o qual considera a principal função do mito revelar modelos exemplares de rituais e atividades humanas, desde a alimentação, até o casamento e o trabalho, percebe-se que os mitos sobre a imigração italiana são reforçados em *Semblantes de pioneiros* e *Campo dos Bugres*. Termos próprios da mitologia grega, bem como expressões bíblicas, fortalecem a representação mítica do imigrante nas duas obras. O fenômeno da imigração, por exemplo, é comparado à peregrinação dos hebreus à Canaã, a “terra prometida”, ao passo que a viagem de navio é comparada à Odisséia, e os imigrantes, definidos como “titãs de bravura”.

Tomando como base a análise efetuada neste trabalho, é possível concluir que o descompromisso com a “verdade” histórica dos fatos, própria da ficção, permitiu a Fidélis Dalcin Barbosa elaborar uma representação voltada para o processo de heroicização da imigração e do imigrante. A representação do que pode ter sido a vida dos imigrantes na RCI, a partir de 1875, aparece permeada por princípios aceitos pela ordem social e respaldada pela força de instituições como a família e a Igreja. Não se pode afirmar que o escritor não tenha narrado aspectos que correspondam, ao menos em parte, à realidade dos fatos. Todavia, as obras, carregadas de intenções

etnocêntricas, exaltam os feitos dos imigrantes, sem ao menos relativizar os fatos recriados ficcionalmente. O autor poderia, por exemplo, ter reconhecido que o crescimento da região também contou com a participação de outras etnias e não apenas com os indivíduos oriundos da península itálica. Em última instância, *Semblantes de pioneiros* e *Campo dos Bugres* carregam uma representação calcada no estilo altissonante das pregações religiosas – particularmente do estilo capuchinho –, heroicizando e santificando os imigrantes italianos que aportaram na América, a partir da segunda metade do século XIX.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Obras de Fidélis Dalcin Barbosa

BARBOSA, Fidélis Dalcin. *A coloninha*. Caxias do Sul: São Miguel, 1967.

\_\_\_\_\_. *A diocese de Vacaria*. Caxias do Sul: Educs, 1984.

\_\_\_\_\_. *Águas de Piratuba*. Porto Alegre: Est, 1995.

\_\_\_\_\_. *Antônio Prado e sua história*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1980.

\_\_\_\_\_. *Caminhoneiro*. 2.ed. Porto Alegre: Sulina, 1991.

\_\_\_\_\_. *Caminhos do Senhor*. Porto Alegre: Est, 1991.

\_\_\_\_\_. *Caseiros*. Caxias do Sul: São Miguel, 1989.

\_\_\_\_\_. *Campo dos Bugres: a vida nos primórdios da imigração italiana no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Sulina, 1975.

\_\_\_\_\_. *Daniel Bertelli: hoteleiro*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1987.

\_\_\_\_\_. *Eu fui um marginal*. Porto Alegre: Est, 1984.

\_\_\_\_\_. *Juarez Carra*. Porto Alegre: Est, 1994.

\_\_\_\_\_. *Luís Bugre: o indígena diante dos imigrantes alemães*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1977.

\_\_\_\_\_. *Nossa Senhora Consoladora de Ibiacá*. 3.ed. Lagoa Vermelha: Est, 1994.

\_\_\_\_\_. *O padre Narciso Zanatta e Nossa Senhora Consoladora de Ibiacá*. Bento Gonçalves: Embanor Artes Gráficas, 1986.

- \_\_\_\_\_. *O prisioneiro da montanha*. São Paulo: Flamboyant, 1961.
- \_\_\_\_\_. *O relógio da tapera*. Caxias do Sul: São Miguel, 1969.
- \_\_\_\_\_. *80 anos de amor ao trabalho*. Porto Alegre: Est, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Os fanáticos de Jacobina*. Porto Alegre: Est, 1976.
- \_\_\_\_\_. *Prisioneiros de Vila Velha*. Juiz de Fora: Lar Católico, 1965.
- \_\_\_\_\_. *Prisioneiros do abismo*. Porto Alegre: Est, 1976.
- \_\_\_\_\_. *Prisioneiros do campo: a epopéia dos trigais de Passo Fundo*. Caxias do Sul: São Miguel, 1977.
- \_\_\_\_\_. *Prisioneiros dos Bugres*. Juiz de Fora: Lar Católico, 1966.
- \_\_\_\_\_. *Realeza: 20 anos de história*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1983.
- \_\_\_\_\_. *São Virgílio da Segunda Légua: cem anos de história*. Caxias do Sul: Est/UCS, 1980.
- \_\_\_\_\_. *Semblantes de pioneiros: vultos e fatos da colonização italiana no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Sulina, 1961.
- \_\_\_\_\_. *Uma estrela no céu: Maria Elizabeth de Oliveira*. Caxias do Sul: São Miguel, 1969.
- \_\_\_\_\_. *Vacaria dos Pinhais*. Porto Alegre: Est, 1978.

### **Bibliografia Utilizada**

- ARENDDT, João Claudio; CONFORTO, Marília. Cruzamentos: a representação da História no texto literário. In: *Cultura Regional: língua, história e literatura*. BATTISTI, Elisa; CHAVES, Flávio Loureiro (Orgs.). Caxias do Sul: Educs, 2004.
- AZEVEDO, Thales de. *Italianos e Gaúchos – Os anos pioneiros da colonização italiana no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: A Nação e Instituto Estadual do Livro, 1975.
- BÓ, Juventino Dal; IOTTI, Luiza Horn; MACHADO, Maria Beatriz Pinheiro (O rgs.). *Imigração Italiana e Estudos Ítalo-Brasileiros - Anais do Simpósio Internacional sobre Imigração Italiana e IX Fórum de Estudos Ítalo-Brasileiros*. Caxias do Sul: Educs, 1999.
- BONI, Luís A. de; COSTA, Rovílio. *Os italianos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes. Caxias do Sul: UCS, 1979.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. 5.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega – Volume I*. 12.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

BURKE, Peter. As fronteiras instáveis entre História e ficção. In: Aguiar, Flávio (Org.). *Gêneros de Fronteira: cruzamentos entre o histórico e o literário*. São Paulo: Xamã, 1997.

CHAVES, Flávio Loureiro. A História vista pela Literatura. In: *Cultura Regional: língua, história e literatura*. BATISTI, Elisa; CHAVES, Flávio Loureiro (Orgs.). Caxias do Sul: Educs, 2004.

COSTA, Rovílio. A imprensa católica nas colônias italianas. In: BÓ, Juventino Dal; IOTTI, Luiza Horn; MACHADO, Maria Beatriz Pinheiro (Orgs.) *Imigração italiana e estudos ítalo-brasileiros - Anais do Simpósio Internacional sobre Imigração Italiana e IX Fórum de Estudos Ítalo-Brasileiros*. Caxias do Sul: Educs, 1996.

D'APREMONT, Bernardin; GILLONNAY, Bruno. *Comunidades Indígenas, Brasileiras, Polonesas e Italianas no Rio Grande do Sul (1896-1915)*. Caxias do Sul: UCS, 1976.

DECCA, Edgar de. O que é romance histórico? Ou, devolvo a bola pra você, Hayden White. In: Aguiar, Flávio (Org.). *Gêneros de Fronteira: cruzamentos entre o histórico e o literário*. São Paulo: Xamã, 1997.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

FARINA, Geraldo. Tributo ai nostri nonni. In: Maestri, Mário (Coord.). *Nós, os ítalo-gaúchos*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio*. 6.ed. Curitiba: Posigraf, 2004.

FREITAS, Maria Teresa de. *A História na Literatura: princípios de abordagem*. Revista de História da USP, São Paulo, n 17; julho-dez 1984.

FROSI, Vitalina Maria; MIORANZA, Ciro. *Imigração Italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul – Processos de formação e evolução de uma comunidade Ítalo-Brasileira*. Caxias do Sul: Movimento, 1975.

GANDON, Odile. *Deuses e heróis da mitologia grega e latina*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

GARDELIN, Mário. *Colônia Caxias: Primórdios*. Caxias do Sul: Livros Pouso Alto Ltda, 1998.

GIRON, Loraine Slomp. *As sombras do littorio – O fascismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Parlenda, 1994.

\_\_\_\_\_. *Caxias do Sul: Evolução Histórica*. Caxias do Sul: Prefeitura Municipal de Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1977.

\_\_\_\_\_. Leituras da Imigração. In: BÓ, Juventino Dal; IOTTI, Luiza Horn; MACHADO, Maria Beatriz Pinheiro (Orgs.) *Imigração italiana e estudos ítalo-brasileiros - Anais do Simpósio Internacional sobre Imigração Italiana e IX Fórum de Estudos Ítalo-Brasileiros*. Caxias do Sul: EDUCS, 1996.

HERÉDIA, Vânia Beatriz Merlotti. Etnicidade e cultura regional. In: BATTISTI, Elisa; CHAVES, Flávio Loureiro (Orgs). *Cultura Regional: língua, história e literatura*. Caxias do Sul: Educs: 2004.

HOHLFELDT, Antonio. *Desenvolvimento cultural na zona de imigração italiana*. Correio do Povo, Caderno de Sábado, p. 10-11-12; 22 de janeiro de 1977.

IOTTI, Luiza Horn. *O olhar do poder: a imigração italiana no Rio Grande do Sul, de 1875 a 1914, através dos relatórios consulares*. 2.ed. Caxias do Sul: Educs, 2001.

JÚNIOR, Hilário Franco. *Cocanha: a História de um país imaginário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

NEPOMUCENO, Davino Valdir. Morreu o escritor e professor Fidélis Dalcin Barbosa. In: *Gazeta Popular*. Lagoa Vermelha, p. 8, 14 de junho de 1967.

POZENATO, José Clemente. *Processos Culturais – Reflexões sobre a dinâmica cultural*. Caxias do Sul: Educs, 2003.

PRANDI, Carlo. Tradições. *Enciclopédia Einaudi*. V. 36. (trad. Port.) Porto: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1977.

RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza. *Festa & Identidade – Como se fez a Festa da Uva*. Caxias do Sul: Educs, 2002.

ROCHA, Everardo. *O que é etnocentrismo*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

WEINHARDT, Marilene. Considerações sobre o romance histórico. In: *Revista Letras*, Curitiba, n. 43, p. 49-59, 1994.

\_\_\_\_\_. Ficção e história: retomada de antigo diálogo. In: *Revista Letras*. Curitiba, n. 58, p. 105-120, jul./dez. 2002.

WHITE, Hayden. *Teoria literária e escrita da história*. Estudos Históricos. V. 7, n. 13. Rio de Janeiro, 1994, p 21-48.

ZAGONEL, Carlos Albino. *Igreja e imigração italiana - Capuchinhos de Sabóia e seu contributo à igreja do Rio Grande do Sul (1895-1915)*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, Sulina, 1975.

### Outras obras consultadas

BATTISTEL, Arlindo Itacir. *Colônia Caxias: religião e costumes*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1981.

BÍBLIA SAGRADA – Antigo e Novo Testamento. Trad. João Ferreira de Almeida. 2.ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.

BOSI, Alfredo. *A dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*. 8.ed. São Paulo: Paulo T.A. Queiroz, 2000.

CARDOSO, Luís Miguel Oliveira de Barros. *Literatura, paraliteratura ou subliteratura?* [www.ipv.pt/forumedia](http://www.ipv.pt/forumedia). Escola superior de educação de Viseu.

CONFERÊNCIA DOS CAPUCHINHOS DO BRASIL. *Constituição dos frades menores Capuchinhos: com a regra e o testamento de São Francisco*. São Paulo: Ave Maria, 1975.

COSTA, Rovílio (Org.). *Imigração italiana no Rio Grande do Sul: vida, costumes e tradições*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1975.

\_\_\_\_\_; BONI, Luís A. de. *Os Capuchinhos no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Correio Riograndense, 1996.

\_\_\_\_\_; GARDELIN, Mário. *Povoadores da Colônia Caxias*. 2.ed. Porto Alegre: Est, 2002.

GARDELIN, Mário. *Imigração italiana no Rio Grande do Sul: fontes literárias*. Caxias do Sul: Est/Educs, 1988.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 9.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

LAJOLO, Marisa. *O que é literatura*. 15.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

POZENATO, José Clemente. *A Cocanha*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2000.

\_\_\_\_\_. *Processos Culturais na região de colonização italiana do Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul: Educs, 1990.

RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza Júlio. *Anotações de literatura e de cultura regional*. Caxias do Sul: Educs, 2005.

\_\_\_\_\_. *Região Colonial Italiana no Rio Grande do Sul: Imigração e antropologia*. In: BÓ, Juventino Dal; IOTTI, Luiza Horn; MACHADO, Maria Beatriz Pinheiro (Orgs.). *Imigração italiana e estudos italo-brasileiros - Anais do Simpósio Internacional sobre*

Imigração Italiana e IX Fórum de Estudos Ítalo-Brasileiros. Caxias do Sul: Educus, 1996.

RODRIGUES, Selma Calanzas. Fantástico ou fantásticos. In: \_\_\_\_\_. *O fantástico*. São Paulo: Ática, 1988, p. 14-49.

SANTAELLA, Lúcia. *Culturas e artes do pós-humano – Da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paulus, 2003.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert; BERTUSSI, Lisana Teresinha; SANTOS, Salette Rosa Pezzi dos. *Dicionário biobibliográfico de escritores da Região de Colonização Italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul: das origens a 2005*. Porto Alegre: Est, 2006.